

Lar Doce Lar Irlandês



Fuga para
IRLANDA
Livro 5

MICHELE BROUDER



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Lar Doce Lar Irlandês

Fuga para
IRLANDA
Livro 5

MICHELE BROUDER



Table of contents

1. Capa
2. Folha Rosto
3. Direitos Autorais
4. Epígrafe
5. Capítulo1
6. Capítulo2
7. Capítulo3
8. Capítulo4
9. Capítulo5
10. Capítulo6
11. Capítulo7
12. Capítulo8
13. Capítulo9
14. Capítulo10
15. Capítulo11
16. Capítulo12
17. Capítulo13
18. Capítulo14
19. Capítulo15
20. Capítulo16
21. Capítulo17
22. Capítulo18
23. Capítulo19
24. Capítulo20
25. Capítulo21
26. Capítulo22
27. Capítulo23
28. Capítulo24
29. Epílogo
30. Agradecimentos
31. Um Natal irlandês
 1. Capítulo 1
32. Sobre a autora
33. Informações Leabhar

Guide

1. Cover
2. Beginning

Lar Doce Lar Irlandês

MICHELE BROUDER

1ª Edição



2024

Ribeirão Preto/SP

Direitos Autorais



Título original: Home Sweet Irish Home
Escape to Ireland 5
Copyright © 2021 Michele Brouder
Copyright da tradução © 2023 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Yasmin Gallo
Revisão: D. Marquezi
Diagramação e Capa: Labellaluna Web®

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGráfICA

B875lbe

Brouder, Michele

Título: Lar Doce Lar Irlandês (recurso eletrônico) © Leabhar Books

Editora Ltda. 2022 - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: Home Sweet Irish Home © Michele Brouder, 20

Formato: e-Pub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-5444-263-3

1. Estados Unidos. 2. Série I. Gallo, Yasmin. II. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda. CEP: 14025-200 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com | www.leabharbooks.com

Epígrafe

A Deus toda a Glória.



— Acredita em amor à primeira vista? — perguntou April. Estava com uma expressão melancólica, enquanto olhava pela janela da frente da loja de alimentos saudáveis de Maggie Moran, a *Slainte Mhaith*.

Maggie não precisou pensar sobre isso — Absolutamente não.

Sua vendedora tomou um gole de seu chá de urtiga e continuou a olhar pela janela. Maggie amava April, como uma irmã mais nova, mas, às vezes, desejava que ela trabalhasse mais e olhasse menos.

April colocou sua xícara de chá de porcelana fina sobre o balcão ao lado da caixa registradora. Cruzou os braços sobre o colete de crochê, em formato de vovó — Consegue imaginar como seria essa sensação? Ver alguém do outro lado da sala e seus olhos se encontrarem e algo se encaixar?

Ao olhar para a mulher mais jovem, com seu rosto magro e cabelos loiros finos, Maggie percebeu que não haveria trabalho para April, se ela não terminasse a conversa de forma satisfatória para sua assistente.

— Almas gêmeas? — April insistiu.

Maggie negou. Era o que algumas pessoas chamariam de prática demais. Sensata demais. Mas era assim que era, e não ia mudar.

— Destino? Sina? — perguntou April. Mostrou com a mão o pequeno interior da loja — É engraçado que seja tão preto no branco em relação às coisas. Com a loja, as luminárias de sal, as ervas e o sabonete caseiro, era de se esperar que sua atitude fosse mais New Age.

Maggie franziu a testa para sua assistente — Minha atitude é de boa saúde e de se aproximar o máximo possível da natureza para alcançá-la — ficou pensativa por um momento — Não é isso que está no nome da loja? *Slainte mhaith*: boa saúde.

April não ficou impressionada — E quanto ao romance?

— E o que tem isso? — perguntou Maggie. Quando Maggie ouvia a palavra — romance — momentos íntimos à luz de velas e grandes gestos vinham à mente. Ideias das quais gostava, embora sempre parecessem acontecer para outra pessoa.

— Não tem nenhum romance em sua alma? — perguntou April.

— O que isso quer dizer? — perguntou Maggie. Apertou os lábios em uma linha fina. Uma parte dela se irritou com a pergunta. Isso insinuava que estava faltando alguma coisa. Não queria ter essa discussão. Havia algumas coisas que eram particulares.

— Não quer se apaixonar, um dia?

Maggie não divulgaria suas esperanças e sonhos para April ou para

qualquer outra pessoa — Se acontecer, aconteceu, se não acontecer, não aconteceu — estava bastante satisfeita com sua vida como estava.

April franziu a testa, soprando a superfície de seu chá, para esfriá-lo — Isso parece um pouco desanimador.

Maggie deu de ombros, não muito preocupada com o que estava dizendo — Pode haver beleza na desolação.

— Vou acender uma vela para você — disse April.

— Desnecessário — disse Maggie, com um suspiro. April gostava de acender velas. Era uma coisa dela — Acho que é melhor conhecer alguém com o tempo, desenvolver uma amizade primeiro e ter isso como base para um relacionamento — disse. Preferia que fosse assim. Amor à primeira vista? Não, obrigada!

April fez uma careta — Isso não parece muito empolgante.

— Não, mas não é bom? — perguntou Maggie. Perguntou-se qual era o problema. Não havia conforto no compromisso de longo prazo?

— E quanto à paixão ou faíscas? — perguntou April.

— Confie em mim, você pode se queimar com algumas faíscas — observou Maggie. Por outro lado, o que ela tinha a ver com conselhos sobre relacionamentos? Nada, decidiu. Com pouco mais de trinta anos, podia contar em uma mão o número de encontros que teve, nos últimos dois anos. Por um motivo ou outro, parecia nunca dar certo. Mais de uma vez, ficou desapontada. Fez um gesto de olhar para o relógio acima da porta — É melhor voltarmos ao trabalho — trabalhar com April ou, melhor ainda, fazer com que April trabalhasse de verdade, era muito parecido com pastorear gatos. Precisava de atenção constante.

Embora não quisesse admitir para April, Maggie tinha esperança de que um dia se apaixonasse novamente. De verdade. Com alguém que a amasse do jeito que ela era. Há muito tempo, percebeu que era muito diferente da maioria das pessoas, para atrair mais do que um interesse passageiro dos homens. Muito nerd. Muito peculiar. Aceitou isso sobre si mesma. Seu lado prático achava que não seria o fim do mundo se isso não acontecesse. Tinha sua loja, os cachorros e o gato e estava satisfeita.

Era hora de jogar um balde de água fria nos devaneios de April.

Maggie deu uma olhada na loja — Precisamos descarregar o estoque antes de eu ir. Você ligou para Nora, na *Mother Nature*, sobre a parte da remessa que estava faltando?

April pestanejou — Vou fazer isso agora mesmo.

Não houve mais conversa sobre se apaixonar à primeira vista, e Maggie ficou aliviada. O resto da tarde passou voando e, entre as duas, conseguiram reabastecer todas as prateleiras.

Pouco antes de fechar, um garoto adolescente abriu a porta e cruzou a soleira, olhando ao redor. Enquanto April estava ocupada com a Sra. Maroney, perguntando o que a mulher mais velha poderia usar para o joelho rígido, Maggie saiu de trás do balcão. O rapaz aparentava ter cerca de

dezessete anos, com acne na zona T e cabelos castanhos, queimados pelo sol. Sua pele era caramelo, como se ele fosse alguém acostumado a passar a vida ao ar livre ou, pelo menos, que vivesse em um clima ensolarado. Hesitou perto da porta, enquanto seus olhos percorriam o local. Mordeu o lábio.

— Posso ajudá-lo? — Maggie perguntou com um sorriso.

— Hum, sim, eu estava procurando alguns lanches veganos.

Um sotaque americano. Maggie ficou surpresa. Geralmente não havia muitos americanos em Ballygap. Deu-lhe um sorriso tranquilizador — Então veio ao lugar certo. Venha comigo.

Pegou uma pequena cesta de vime da pilha colorida em frente ao balcão e se dirigiu para o interior da loja, indicando que ele a seguisse. Apontou para vários petiscos, à medida que avançavam — Há algumas amêndoas cobertas com wasabi e há um chocolate vegano. E o meu favorito, barras de coco com cobertura de chocolate.

Ele assentiu, mas não disse nada.

— Você estava procurando por doces ou salgados?

O garoto olhou para cima e lhe deu um sorriso tímido — Ambos.

Foi a vez de Maggie assentir — Há quanto tempo é vegano?

— Há quase um ano.

— Eu elogio seu compromisso.

O garoto corou e olhou para baixo — Obrigado.

Deve estar passando férias em algum lugar próximo, com a família, pensou Maggie. Sua pequena cidade litorânea foi construída em torno de uma enseada, em forma de ferradura, no condado de Clare, no oeste da Irlanda, e, em um mês ou mais, durante o auge do verão, estaria lotada de turistas, embora muito poucos fossem estrangeiros. Não havia nada mais lá além da praia, e era um pouco fora do comum.

Enquanto lhe mostrava vários petiscos, ele pegava algo, estudava-o e, em seguida, jogava-o, e mais alguns, na cesta.

— Por quanto tempo ficará em Ballygap?

— O verão. Meu pai está aqui a negócios.

— Muito bem. Meu nome é Maggie, caso tenha alguma dúvida. Passe aqui a qualquer momento.

Ele assentiu e murmurou um agradecimento. Levantou a cabeça e viu o quadro do cardápio, atrás do balcão.

— Ah, ótimo, vocês têm café e chá.

— Gostaria de um? — Maggie perguntou.

Ele estudou o quadro e decidiu — Posso tomar um matcha com leite de aveia?

Enquanto preparava a bebida, Maggie se perguntava sobre ele. Os rapazes americanos eram parecidos com os rapazes irlandeses? Não era especialista, mas a maioria parecia ser louca por esportes, interessada em qualquer atividade que envolvesse uma bola sendo jogada, perseguida, apanhada ou chutada. Esse garoto parecia diferente, e a vida seria difícil para um

adolescente que não se interessasse pelas mesmas coisas que seus colegas. Essa poderia ser apenas a opinião de Maggie, mas a baseou em sua experiência pessoal, e em uma observação apurada.



Quando o relógio bateu cinco horas, April pegou sua bolsa acolchoada e se despediu de Maggie. Maggie demorou um pouco, permanecendo em sua loja. Adorava ficar ali, depois que as portas eram fechadas, quando tudo estava quieto.

Meia hora depois, saiu pela porta da frente, trancando tudo e acionando o alarme. Sua bicicleta estava encostada na parede lateral da loja. Colocou sua mochila, o capacete e afastou a bicicleta da parede da loja. Passou a perna por cima, acomodou-se no assento e começou a pedalar. No máximo, eram dez minutos de bicicleta, até sua casa. Continuou na estrada estreita, perto da trilha para pedestres, seguindo-a em direção aos penhascos e ao mar.

A cidade foi construída em uma série de colinas e depressões naturais. E, embora o centro da cidade estivesse localizado em uma depressão, sua loja de produtos naturais ficava no topo de uma pequena colina, na bifurcação da estrada principal, que se dividia em duas estradas, cada uma levando para fora da cidade e para longe do oceano. A bifurcação da esquerda levava ao parque de caravanas, e a da direita levava às terras agrícolas, e para longe de Ballygap.

Enquanto pedalava em direção a casa, notou um homem à frente, em um equipamento de corrida, na trilha de pedestres, correndo no asfalto. Ergueu uma sobranceira para apreciar as coxas e panturrilhas bem musculosas dele. Nunca o tinha visto antes; devia ser um turista.

Sua casa logo se tornou visível: um chalé com telhado de palha, que pertencia à sua família há centenas de anos. Seus antepassados eram pescadores. O chalé ficava na beira do penhasco, tendo o Atlântico como pano de fundo. Nunca se cansava de vê-lo, embora precisasse de uma nova camada de tinta. A cor de damasco já estava desbotada há muito tempo. Foi sua casa, nos últimos quinze anos, desde que chegou para morar com os avós.

Os gritos das gaivotas aumentavam de volume, quanto mais ela se aproximava da água.

Estacionou a bicicleta na frente do chalé e procurou as chaves na bolsa. Depois de destrancar a porta holandesa, vermelha como um motor de fogo, seus dois cães vieram correndo em sua direção. Abaixou-se e deu tapinhas carinhosos e massagens na cabeça de cada um deles.

Maggie olhou ao redor de sua casa, perguntando-se onde estava o gato. Como se fosse a deixa, ouviu-se o som de um estrondo no quarto. Maggie revirou os olhos. Twinkle, o gato, era famoso por derrubar coisas. Ele adorava passear pelos espaços apertados das superfícies das cômodas, tampas de mesa e bancadas, entre as bugigangas e outras coisas. Havia anos que desistiu de tentar livrá-lo desse hábito.

Olhou para Rufus, um retriever labrador preto e o mais novo dos dois cães.

Meneou a cabeça para ele e disse: — Pegue o gato, sim?

Em poucos minutos, Rufus voltou, carregando o gato ruivo pela nuca.

— Bom menino — disse Maggie, dando tapinhas carinhosos na cabeça do cão. O cão respondeu com um abanar de rabo entusiasmado.

Parou na porta e chamou sua comitiva — Venham, vamos sair — Rufus continuou carregando Twinkle, e Daisy, a setter irlandesa, saiu trotando pela porta.

Maggie tirou um chapéu de palha branco do cabide ao lado da porta. Era do avô. Sua tia, Eileen, o comprara para ele, quando estava na Flórida, e seu avô gostou imediatamente, substituindo o seu tradicional boné xadrez por ele. Depois que faleceu, Maggie passou a usá-lo para proteger o rosto do sol. Pegou uma cesta que mantinha perto da porta e a prendeu no braço.

Antes de fechar a porta do chalé atrás de si, sorriu para o interior. Não havia mudado muita coisa, desde a época em que seus avós estavam vivos. Nana havia partido há apenas alguns anos, mas o avô partiu há quase uma década. As paredes amarelo-escuras permaneceram, assim como a cruz de St. Brigid, feita de junco, acima das prensas na cozinha e o bodhran de seu avô, pendurado na parede, à direita da lareira. A cadeira de balanço de sua avó ficava do lado esquerdo da lareira. Às vezes, ainda conseguia ver a avó sentada ali, e o movimento lento e suave do balanço, enquanto as agulhas de tricô voavam. Mas Maggie havia acrescentado seus próprios toques: velas espalhadas pelo local, o novo sofá e a recente adição de uma televisão de tela plana. Adquiriu também algumas obras de arte originais de artistas irlandeses, que agora adornam as paredes.

Maggie ignorou a trilha estreita que se juntava ao caminho principal, que corria paralelamente ao longo dos penhascos. Em vez disso, passou por trás de seu chalé e desceu o caminho bem usado, que levava à praia, abaixo. Ficar perto da água, ou simplesmente passar pelas ondas, sempre a recalibrava.

Maggie puxou seu xale de tricô para mais perto dos ombros, enquanto se dirigia para a praia. Assim que chegaram, Rufus largou o gato e correu de um lado para o outro, na areia. Daisy caminhou ao lado de Maggie, sem se afastar muito. Embora o sol brilhasse, havia um vento forte soprando do Atlântico. Seu chapéu caiu e os longos cabelos pretos de Maggie se enrolaram em seu rosto. Perseguiu o chapéu, que tombava pela praia e, quando o pegou, prendeu a aba firmemente sob a alça da cesta. O oceano estava em um tom tempestuoso de cinza, as ondas se erguiam e a espuma do mar batia na pequena praia. Fechou os olhos, respirando o ar salgado, o cheiro forte de salmoura. O horizonte estava embaçado e cinza. A chuva se aproximava. Era melhor se apressar e recolher as algas, antes que todas ficassem encharcadas. Os restos de um currach apodrecido, um barco usado por seu tataravô para pescar, estavam encostados nas grandes pedras que protegiam o fundo do penhasco.

Durante a meia hora seguinte, caminhou ao longo da costa, coletando algas marinhas, ou kelp, como alguns chamavam, e colocando-as na cesta de tecido,

que carregava em seu braço. Quando a cesta ficou cheia, dirigiu-se ao declive rochoso, que a levaria para fora da praia. Rufus correu à frente, no caminho de areia, desaparecendo no topo da colina, e Maggie o chamou.

Ela apertou os lábios — Oh, Rufus — aos dois anos, ainda tinha muito de filhote.

Estava na metade do caminho, quando ouviu o latido de Rufus, ao longe. Maggie acelerou o passo, sentindo os músculos das panturrilhas e das coxas se contraírem, à medida que subia a ladeira íngreme. Parecia seu latido brincalhão, o que significava que havia encontrado alguém no caminho. Rufus adorava pessoas, mas nem todas as pessoas gostavam de Rufus ou de cães em geral.

— Vamos — disse Maggie para Daisy, que estava atrás dela. Olhou em volta, procurando o gato, mas não o viu. Twinkle acabaria voltando para casa. Ansiosa para alcançar o cão amotinado, Maggie começou a trotar. Depois de passar pela colina, parou um pouco, recuperando o fôlego.

— Ah, não — murmurou. Rufus agora tinha a atenção do corredor que ela tinha visto antes.

— Rufus! — chamou. O cachorro havia encontrado alguém que o acariciava. Esse era o problema de Rufus. Ele achava que o trabalho das pessoas era lhe dar carinho.

Agora, estava sentado ao lado do homem, que estava curvado, esfregando sua cabeça, coçando atrás de suas orelhas e conversando com ele. Os olhos de Maggie se arregalaram de alarme, ao ver como estavam perto da beira do penhasco. Por ter medo de altura, Maggie nunca se aproximava dele. A cinquenta metros dali, havia um lembrete: um simples crucifixo de madeira, com o nome de um jovem que havia morrido, cinco anos antes.

Quando se aproximou, o homem se endireitou. Piscou e sua boca se abriu ligeiramente, antes de se recompor, colocando as mãos nos quadris e exibindo um sorriso que revelava dentes brancos perfeitos. Tendo algo em torno de quarenta anos, imaginou, era bonito. Seu rosto era robusto: bronzeado e desgastado pelo tempo, com linhas finas nos cantos dos olhos e atravessando a testa. Seus cabelos dourados, maçãs do rosto largas e pele bronzeada, da cor de caramelo, sugeriam uma vida passada ao ar livre. O vento batia em seus cabelos.

— Este cachorro é seu? — perguntou. O sotaque era americano.

Rufus cutucou a mão do homem, querendo ser acariciado. O homem riu e obedeceu.

Maggie assentiu, esquecendo-se de falar, enquanto o absorvia. O que havia nele, que a fazia parar, piscar e encará-lo? A aparência ensolarada? Aquele rosto esculpido? A confiança? Seu jeito descontraído? Não conseguia se lembrar da última vez que havia ficado com a língua presa perto de um homem. Era uma ocorrência tão rara quanto a aparição de uma estrela de Natal.

— Ele é um cachorro muito bonito.

Isso era verdade. A pelagem de Rufus era como seda preta, tinha as espáduas largas e o rosto típico dos retrievers labradores. Era seu tamanho que muitas pessoas consideravam intimidador quando o conheciam. Era o macho alfa da ninhada e maior do que a maioria dos labradores, com pernas mais longas do que a média.

O homem se mexeu um pouco. Seu short de corrida terminava logo acima do joelho, revelando pernas musculosas e bronzeadas.

Maggie tentou não ficar olhando. Ou gemer.

Rufus correu ao redor do homem, perigosamente perto da borda.

— Olhe, você poderia se afastar da borda? — Maggie deixou escapar.

O homem sorriu — Tem medo de que eu caia?

— Sim, de fato, tenho — disse, com um aceno para o memorial próximo.

O americano olhou para ele e se afastou da borda, aproximando-se da trilha onde Maggie estava. Ficou aliviada por Rufus tê-lo seguido.

— O solo é instável na borda do penhasco. As pessoas ficam muito perto da borda, sem saber que pode ser apenas uma saliência, sem nada de substância embaixo dela.

Ele deu mais um passo para trás — Obrigado. Eu não fazia ideia — o homem se abaixou e acariciou o cachorro novamente. Rufus estava em sua glória. O homem olhou para Daisy, que havia permanecido atrás de Maggie. Daisy não estava tão impressionada com o estranho quanto Rufus. Com um meneio de cabeça para a setter, o homem perguntou: — Ela tem medo das pessoas?

— Ela leva um tempo para se aquecer — Maggie não se preocupou em contar a história de fundo de Daisy. Daisy era uma cadela resgatada que, no primeiro ano de vida, havia sofrido abuso nas mãos de seu dono. Como resultado, temia todos os homens. Mas, com muita paciência e determinação por parte de Maggie, houve uma melhora. Daisy nunca seria tão sociável quanto Rufus, mas deixava que as pessoas que conhecia a acariciassem. Depois de um tempo.

— Jake Ballard — disse o estranho, estendendo a mão, em sinal de saudação. Maggie a apertou, gostando da forma como a mão quente dele era maior que a dela.

— Maggie. Maggie Moran. Está aqui de férias?

— Na verdade, estou aqui a negócios, portanto, serão férias de trabalho — respondeu. A resposta dele foi parecida com a do adolescente que estava na loja dela e Maggie estreitou os olhos, achando que tinha visto uma semelhança e se perguntando se eram pai e filho. Curiosa, queria perguntar que tipo de negócio ele fazia, mas se conteve, não querendo parecer intrometida.

— Você mora aqui?

— Sim, eu administro a loja de alimentos saudáveis da cidade.

— Comida saudável — repetiu, sem tirar os olhos do rosto dela — Vou ter que dar uma olhada nisso, um dia.

Maggie sentiu suas bochechas ficarem rosadas com a perspectiva de vê-lo novamente. Havia uma parte dela que esperava que ele fosse até o fim.

Uma súbita rajada de vento levantou o chapéu de sua mão e ele se afastou dela novamente.

— Ah, não! — disse, tentando pegá-lo, mas não conseguiu.

Jake correu atrás do chapéu, mas a brisa o ergueu cada vez mais alto, até que ele caiu no penhasco. Maggie se juntou a Jake, perto da borda - mas não muito perto - e olhou para o lado. O chapéu do vovô caiu em uma onda e foi para o mar.

— Meu chapéu...

— Sinto muito por isso.

Ofereceu-lhe um sorriso, com um toque de tristeza — Não foi culpa sua. Mas obrigada por tentar pegá-lo.

Ele aquiesceu — É melhor eu seguir meu caminho — esfregou a nuca e olhou em volta, hesitante — Não quero retê-la.

Maggie queria dizer-lhe que ele não a estava retendo de nada, mas sua voz morreu na garganta.

— Estou ansioso para vê-la novamente, Maggie Moran — disse, com um sorriso. E saiu correndo. Ele não tinha ido muito longe quando olhou para trás, uma última vez, e acenou.

Rufus pulou atrás do homem, mas Maggie agarrou sua coleira — Oh, não, você não vai.

Maggie, Rufus e Daisy ficaram na trilha, observando a bela forma de Jake Ballard, que ficava cada vez menor, à medida que se afastava deles. Finalmente, Maggie se virou e foi em direção à sua casa, repetindo em sua mente a interação com Jake. Ao chegar ao chalé, estava sorrindo, e o chapéu perdido, esquecido.



Jake retomou a corrida e se afastou da mulher e de seus cachorros. Foi necessário um esforço hercúleo de sua parte para não ficar e continuar na presença de Maggie Moran. Ela era tão linda quanto a paisagem irlandesa.

O verão na Irlanda não significava que o tempo estava quente. Jake se perguntou se eles já tiveram, alguma vez, um dia escaldante daqueles, como eles estavam acostumados a ter na Califórnia. Esta era a sua segunda viagem à Irlanda e algumas coisas lhe chamavam a atenção. Primeiro, a hospitalidade do povo irlandês. Onde quer que ele fosse, as pessoas conversavam com ele. Eram abertos e amigáveis. Ele estava impressionado com o céu. À noite, havia um mar de estrelas na pintura que era o céu noturno, tantas que era demais para serem contadas. Provavelmente tinha alguma coisa a ver com a falta de poluição. A paisagem era linda. Para onde quer que olhasse, havia algo para admirar. Era interminável entre as falésias, o oceano, as dunas de areia e os campos verdes montanhosos. De todos os lugares em que havia visitado no mundo, este estava se tornando um de seus favoritos.

Desde a sua chegada, Jake corria, todas as manhãs, um hábito que desenvolvera anos atrás. Mas, por causa de uma reunião matinal com um vereador local, naquele dia, teve que adiar sua corrida diária para a tarde. Quando ele ouviu o sotaque irlandês de Maggie sendo levado pela brisa, enquanto ela chamava seu cachorro, ficou intrigado e esperou para ver a quem pertencia àquela voz lírica. Quando ela apareceu da praia, lá embaixo, ele suspirou involuntariamente, pensando que estava vendo uma imagem espectral. Seu cabelo longo, escuro e encaracolado, voava ao seu redor, devido ao vento que soprava do oceano. Era preto como tinta, como um céu sem lua, à meia-noite. E a pele dela era tão pálida, que parecia translúcida. Mas seus olhos, grandes e azuis como safiras, cercados por cílios aveludados, destacavam-se, a um quilômetro de distância. Seu primeiro pensamento foi: onde ela esteve escondida durante toda a sua vida?

Ele bateu os pés com mais força na calçada e aumentou a velocidade, como se, ao fazer isso, pudesse afastar qualquer pensamento sobre a irlandesa de sua mente. Lembrou-se que o seu propósito na Irlanda eram os negócios. E não importa o quão atraído estivesse por ela, só ficaria lá por alguns meses, antes de partir para o próximo projeto, esperançosamente em um clima mais ensolarado e quente.

A outra preocupação de Jake era seu filho Noah, de dezessete anos. Ele o trouxera na viagem, pensando que isso lhes faria bem, ou foi o que disse a si mesmo. Noah era um bom garoto, mas estava tendo dificuldades para se

adaptar ao ensino médio e Jake se preocupava com ele. Esperava poder tornar o menino mais maduro, nos próximos três meses. No mínimo, era uma oportunidade perfeita para tirar seu filho da atual fase vegana.

Uma olhada em seu Fitbit e ele percebeu que precisava voltar para casa logo, se quisesse tomar banho antes da ligação agendada que tinha com seu pai. Enquanto se afastava do oceano e das falésias, correu pelas trilhas, até chegar ao centro da cidade. Passou por lojas, um supermercado, uma igreja e um centro médico.

A casa alugada estava localizada assim que as lojas diminuía e as casas residenciais apareciam. O bangalô de três quartos com fachada de pedra ficava entre dois outros iguais, estendendo-se por trás de um muro de pedra. As paredes eram pintadas de uma cor bege, lembrando-lhe waffles. O proprietário estava na Austrália há doze meses e, embora não fosse o ideal, o local era adequado. Jake havia alugado um escritório separado na cidade, próximo a uma loja de roupas, e foi lá que montou seu negócio.

Permaneceu na calçada de asfalto, fazendo alguns exercícios de relaxamento.

A porta da frente do bangalô se abriu e Noah apareceu, desengonçado e desganhado, segurando uma garrafa de água.

— Dá para você fazer isso num lugar reservado? — Noah perguntou.

— Fazer o que? — Jake perguntou.

— Esses exercícios. Entre, pai, antes que alguém te veja. Parece um lunático aí fora.

— É importante se alongar — explicou Jake.

Noah resmungou algo ininteligível e desapareceu dentro de casa, deixando a porta aberta para Jake.

Em sua visita anterior, Jake havia ficado desapontado por não haver um hotel cinco, ou sequer quatro estrelas, em Ballygap. Mas, no fim das contas, o bangalô combinava melhor com ele e Noah. Assim que o resort fosse construído, haveria um hotel cinco estrelas, onde ele poderia ficar, sempre que voltasse. Se algum dia voltasse.



Na noite seguinte, depois do trabalho, pegou a trilha para fora da cidade e caminhou ao longo dos penhascos. Enquanto caminhava, absorvia tudo: o Oceano Atlântico a oeste, a grama selvagem e as flores brilhantes que cresciam entre ela: o tojo, a fúcsia e a montbretia.

Passou por uma pequena cabana à beira do penhasco, à sua esquerda, mas continuou andando, com os olhos fixos na área de terras agrícolas à sua direita, que se estendia até onde a vista alcançava. A fazenda McDougal era uma vasta propriedade, cujo proprietário morrera, anos atrás, e agora os campos estavam cobertos de mato. Mas o local tinha muito potencial para um campo de golfe e resort, como concluiu quando visitou Ballygap, no inverno anterior, fazendo passeios de um dia a partir do seu hotel, na cidade de Limerick, para explorar a cidade costeira, em busca de desenvolvimento

potencial. Ele também tinha dois outros lugares em mente, na Jamaica e na Alemanha, mas, no final das contas, decidiu que a Irlanda era o lugar para construir.

O sol iniciava sua descida para oeste, e a paisagem era filtrada por tons pastéis. Ele gostava dessa caminhada e gostava da ideia de ser dono da fazenda McDougal. Havia algumas propriedades adjacentes que teriam de ser compradas, mas estava se adiantando. Primeiro, tinham que garantir a compra, e isso se baseava na permissão de planejamento.

Enquanto caminhava, acenou para alguns pedestres que passavam por ele na trilha. Tinha que admitir estar levemente decepcionado por não encontrar Maggie. Perguntou-se onde ela morava. Não poderia ser muito longe de onde eles se conheceram, já que ela estava com seus animais de estimação.

Caminhou o máximo que pôde, passando pela fazenda e em direção às casas vizinhas do outro lado dela. Então se virou e foi para casa.

Quando chegou ao bangalô alugado, Noah estava vagando pela cozinha, juntando ingredientes e empilhando-os na ilha. No topo, um livro de receitas veganas estava aberto com uma receita. Havia tigelas, dispositivos de medição e utensílios dispostos na ilha.

— Pensei em sair para jantar — disse Jake.

Sem erguer os olhos, Noah respondeu:

— Não, estou bem aqui.

— O que você está fazendo? — Jake perguntou.

— Chama-se Tigela do Buda — respondeu Noah. Ele se inclinou, estudando o livro de receitas, seu olhar intenso.

Jake ficou lá com as mãos nos quadris e observou. Mordeu o lábio — Estou preocupado que você não esteja recebendo todos os nutrientes.

Noah revirou os olhos. Fazia muito disso, desde que havia se tornado um adolescente. Jake se perguntava onde estava seu menino angelical? Aquele que estava sempre rindo e sorrindo e costumava inventar suas próprias piadas com toc-toc? Ele devia estar em algum lugar dentro daquele adolescente mal-humorado.

— Pai, você estava lá quando nos encontramos com a nutricionista. Nós discutimos tudo isso — Noah se endireitou, com um pacote de tofu na mão — Mamãe está bem com isso. Por que você não pode estar?

Foi a vez de Jake revirar os olhos. Às vezes, ele se perguntava onde Nadine estava com a cabeça. Sua ex-mulher era boazinha demais, pensou. Ele tinha que lembrá-la que ela era a mãe e não a melhor amiga de Noah. E sendo Nadine, ela sempre se irritava com isso ou qualquer outro tipo de interferência que ele tentava fazer. Ela havia encorajado Noah a ter todos os tipos de aulas de arte e música, enquanto Jake tentava envolvê-lo em esportes coletivos. Nenhum dos dois teve sucesso. A única coisa que Noah parecia estar interessado era em seu telefone e em sua dieta vegana.

— Você já fez algum exame de sangue? — Jake perguntou — Para ter certeza de que não está com deficiência de vitaminas ou minerais?

— Eu faço um exame físico uma vez por ano, ok? — Noah disse — Vamos passar todos os dias deste verão falando sobre minha dieta? Porque, se formos, você pode me mandar para casa.

Jake ergueu as mãos, em sinal de rendição — Tudo bem. Tudo bem. Mas, como seu pai, só estou preocupado com você.

— Estou bem.

Jake não conseguia ler a expressão do menino porque seu cabelo bagunçado estava em seus olhos. Estendeu a mão e o afastou. Noah reagiu jogando a cabeça para trás — Pai, para.

— Talvez seja hora de cortar o cabelo — disse Jake.

— Que seja — Noah resmungou.

Sentindo-se indesejado, Jake olhou para o relógio — Tenho que fazer aquela ligação para seu avô. Depois vou caminhar até a cidade e comer alguma coisa.

— Você quer que eu faça uma Tigela do Buda para você?

Jake olhou para todos os ingredientes dispostos na ilha. Ele não conseguia identificar metade das coisas. E o que ele conseguia não parecia nada apetitoso — Não, estou bem. Não precisa se preocupar — mudando de assunto, perguntou: — Quais são seus planos para esta noite?

Noah encolheu os ombros, ligando o fogão e colocando um pouco de azeite em uma frigideira — Talvez eu vá até a praia. Ou dê um passeio pela cidade.

— Há uma quadra de tênis do outro lado da cidade. Você deveria dar uma olhada.

Quando Noah não disse nada, Jake acrescentou:

— Não fique fora até tarde. E não fique na praia ou em qualquer lugar próximo à beira do penhasco, quando escurecer.

Noah revirou os olhos. De novo.

As tardes duravam mais aqui e o anoitecer só acontecia quase às dez da noite. Mesmo assim, Jake não queria o filho na praia ao anoitecer. Muitas incertezas.

— Ok, vejo você mais tarde.



Havia uma diferença de oito horas de fuso-horário entre a Irlanda e a Califórnia. Jake esperava que a ligação fosse rápida, pois ele queria ir até a cidade comprar comida. A comida aqui não era exatamente a mesma: a pizza era um pouco diferente e não havia asinhas de frango ou tacos. Mas havia tipos especiais de batata frita. Batata frita coberta com molho de alho e queijo cheddar derretido ou batata frita com chili, o que estava rapidamente se tornando sua indulgência secreta.

Ao pensar em indulgências, uma imagem de Maggie Moran flutuou diante de seus olhos.

Seu laptop zumbiu. Era seu pai.

— Bom dia, Jake — Don Ballard bradou, assim que a vídeo chamada começou. Jake não se preocupou em salientar que já era fim de tarde na

Irlanda.

Assim como ele e Noah, o pai de Jake tinha cabelos grossos, embora os dele agora estivessem brancos como a neve. Sua pele estava bronzeada pelos dias passados jogando golfe e fechando negócios no campo de golfe ou no bar do clube. Don Ballard era semiaposentado e planejava passar o negócio para Jake, dentro de alguns anos.

— Como estão as coisas na Irlanda? — Don perguntou — Como está Noah?

— Estamos bem, nos acomodando — disse Jake — Como está a minha mãe?

— Você sabe como ela é. Está ocupada, fazendo sopa no abrigo da cidade — embora Don não fosse ser pego fazendo sopa no abrigo da cidade, ele tinha orgulho da filantropia de sua esposa e a apoiava.

— Como está Jackie? — Jake perguntou por sua irmã.

— Ela está bem — falou seu pai, animando-se — Ela tem uma exposição neste fim de semana, em uma galeria em Taos. Sua mãe e eu vamos para lá por causa disso.

Houve uma pausa antes de passarem para assuntos de trabalho.

— Bem, em que pé estamos com este campo de golfe?

— Tenho uma reunião com alguém da autoridade de planejamento, pela manhã — disse Jake.

— Mesmo que ainda não tenhamos comprado a fazenda?

— Fiz uma oferta, mas está condicionada à permissão de planejamento — explicou Jake. A sua investigação mostrou que a autorização de planejamento na Irlanda poderia ser complicada e que não fazia sentido possuir a propriedade, se não lhes fosse permitido construir o seu campo de golfe. É melhor proceder com cautela.

— E depois?

— O processo de inscrição levará algumas semanas. Então, tudo o que podemos fazer, é esperar — disse Jake. Era um processo longo e complexo.

— Está certo — Don suspirou — Não acha que poderíamos molhar a mão de algumas pessoas?

Jake riu — Não tem a menor chance.

— Tudo bem, mantenha-me informado — disse seu pai.



Na manhã seguinte, Jake acordou tossindo e espirrando, indicando que suas alergias sazonais estavam se manifestando. Pensou que encontraria uma farmácia no caminho para o trabalho, mas então se lembrou que Maggie Moran era dona de uma loja de produtos naturais e sorriu para si mesmo. Seria uma boa desculpa para passar por lá e dizer olá.

Depois da corrida e do banho, ele se vestiu para o trabalho e tomou um café da manhã rápido, com banana e iogurte.

Noah estava sentado no sofá, com os fones de ouvido colocados e o olhar fixo no telefone. Jake não tinha certeza se tinha acabado de se levantar ou

ficara acordado a noite toda.

— Vou trabalhar — disse Jake, espirrando.

Noah nem olhou para cima.

— Tudo bem, não se levante. Não preste atenção em mim, vou tirar minhas roupas e andar pela cidade como vim ao mundo. O que acha? — ainda sem resposta ou qualquer reconhecimento, Jake suspirou — Tudo bem então — murmurou para si mesmo.

Seu escritório ficava a cerca de um quilômetro e meio da casa alugada, mas o dia estava seco e ele resolveu caminhar. Cada cidade que frequentava, cada lugar para onde viajava, gostava de explorar a pé, até as ruas laterais. Isso lhe dava uma ideia do lugar que estava visitando e ele gostava de conhecer bem uma cidade, antes de investir nela. Planejava fazer o mesmo, nos dois meses em que ficaria em Ballygap.

A cidade se inclinava em direção ao mar, mas ele seguiu na direção oposta, pensando que seria bom tomar uma xícara de café. Passou por lojas de roupas, um lugar de apostas e pelos correios. As pessoas acenavam para ele, enquanto caminhava pela calçada.

Havia uma placa indicando um café no final da fileira de lojas que dizia Sweet Tooth, e ele acelerou o passo e se dirigiu até lá. O cheiro de doces assados emanava da porta aberta. Isso era uma tentação e tanto, mas ele esperava que também servissem café.

O café estava mal iluminado, com piso de tábuas cor de mel, paredes cor de café e um grande quadro negro atrás do balcão, listando todas as opções. A vitrine de doces ocupava toda a extensão da loja e apresentava muitas ofertas deliciosas. Assim que a mulher à sua frente concluiu a compra, Jake foi até o balcão, tirando a carteira do bolso de trás.

Atrás do balcão, uma loira de estatura robusta, com um lindo sorriso, o cumprimentou — Bem-vindo ao Sweet Tooth. Posso ajudar?

— Eu gostaria de um café americano duplo com creme — disse Jake.

— Algo mais? — ela perguntou, olhando para a vitrine de doces.

— Acho que um muffin? — perguntou.

— Tenho de mirtilo, gotas de chocolate, banana, nozes, frutas vermelhas...

— Frutas vermelhas, por favor — disse ele.

Pagou o pedido e a mulher fez seu café e colocou um muffin em um prato para ele. Do outro lado da cafeteria, uma vitrine estava repleta de uma variedade de bolos.

— Vocês fazem tudo aqui? Ou comprem de fora? — Jake perguntou, curioso.

— Eu mesma faço tudo aqui, do zero — disse a mulher. Parecia ter trinta e poucos anos.

— Você é a dona?

— Sou — disse, erguendo o queixo e sorrindo.

— Que ótimo. A propósito, meu nome é Jake.

— Sou Lily — ela disse com um sorriso.

Ele pegou o café e o muffin dela e agradeceu. Escolheu um assento na janela da frente, para poder observar as pessoas que passavam lá fora. O café estava quente e fresco. O muffin era uma explosão de frutas vermelhas, e ele ficou encantado ao perceber que acabara de encontrar seu lugar para tomar o café da manhã. Era bom estar se adaptando.

Na saída, parou no balcão e perguntou a Lily:

— Onde fica a loja de produtos naturais?

— Bem no topo da cidade. Saia pela porta, vire à esquerda e você estará a mais ou menos oitocentos metros de lá.

— Obrigado — disse Jake.

A loja de Maggie era fácil de encontrar e difícil de deixar passar. O pequeno prédio isolado era de um tom brilhante de azul cobalto, com detalhes brancos nas janelas. Um mural alegre e peculiar, em uma das paredes laterais, representava girassóis, pássaros e borboletas, e as palavras *Slainte Mhaith* estavam pintadas sobre a porta, em letras grandes e brilhantes. Ele nem sonharia em tentar pronunciar esse nome. A porta da frente estava aberta.

Jake atravessou a soleira e olhou ao redor do espaço convidativo, com piso laminado de carvalho envernizado. As estantes de carvalho exibiam uma variedade de produtos, desde suplementos de ervas a velas e livros, e havia um aroma misto de lavanda e menta e algo mais, que ele não conseguia identificar. Música parecida com sinos tocavam ao fundo. Na frente da loja, havia um pequeno balcão com caixa registradora e leitor de cartão. Atrás dele, uma garota de cerca de vinte anos o observava, enquanto bebia uma bebida quente, em uma xícara de porcelana.

— Bem, olá, bem-vindo ao Slainte Mhaith — disse ela. Se peculiar tivesse uma personificação, seria essa, pensou ele. Ela usava um colete de quadrados coloridos de crochê, sobre uma camiseta branca. Seu fino cabelo loiro estava preso em duas pequenas tranças, e mais piercings cobriam sua orelha do que ele poderia contar com os dedos da mão. Seu crachá dizia: *April*.

— Posso ajudar? — ela perguntou.

— Eu estava procurando algo para alergias sazonais — respondeu.

Ela assentiu e saiu de trás do balcão — Eu posso te ajudar com isso.

Jake a seguiu, enquanto ela caminhava até uma das prateleiras, do outro lado da loja.

— Dependendo dos seus sintomas, temos vários itens. Se você estiver espirrando, pode experimentar isso — disse, e colocou uma caixa nas mãos dele — Ou se estiver com olhos lacrimejando e coçando, pode usar esses colírios — empilhou uma caixinha em cima da que já estava em suas mãos — E se houver obstrução nasal ou algo assim, sempre pode tentar um Net Poti.

Net Poti? ele se perguntou.

Do fundo da loja, uma voz feminina gritou:

— April, você ligou para a Mãe Natureza?

Jake sorriu para si mesmo. Ele só a conhecera uma vez, mas reconheceria a voz de Maggie Moran em qualquer lugar.

April olhou para ele, com os ombros encolhidos e o lábio inferior puxado para a direita, em um momento do tipo “opa”.

— Você tem o número de telefone da Mãe Natureza? — Jake perguntou, com um sorriso.

April assentiu, ainda segurando um Net Poti na mão — Ah, claro, todas as lojas de alimentos naturais têm — disse, com um olhar vazio.

Jake abriu a boca para responder, mas foi interrompido quando Maggie se aproximou deles.

Um sorriso se espalhou por seu rosto — Jake!

— Bom dia, Maggie — disse ele.

Ela tinha o cabelo preto preso em um coque bagunçado no topo da cabeça. Na luz artificial da loja, sardas claras eram visíveis em suas bochechas e nariz, e seus olhos pareciam de um azul mais escuro, quase marinho. Jake percebeu uma coisa: Maggie Moran era mais jovem do que ele pensara. Ele tinha que ter pelo menos dez anos a mais que ela. Isso lhe fez pausar por um momento. Mas apenas por um momento. Ensaiou um sorriso.

— Vocês dois se conhecem? — April interrompeu. Ele tinha esquecido que ela estava lá.

— Sim, nos encontramos outro dia nas falésias. Jake, esta é minha assistente, April. April, este é Jake Ballard. Ele está aqui em uma viagem a trabalho — disse Maggie com um sorriso.

Maggie iluminava a sala quando sorria. Jake se perguntou se ela sabia disso.

— Ah, negócios e lazer — disse April.

— O que traz você aqui? — Maggie perguntou a Jake.

Momentaneamente, ele esqueceu porque havia entrado na loja dela. Maggie Moran estava provando ser uma distração agradável.

— Alergias — April disse, em um sussurro teatral.

— Ah, certo — Maggie sussurrou de volta.

— Por que estamos sussurrando? — Jake perguntou, sussurrando também.

April olhou para ele — Para lhe dar um pouco de privacidade com suas perguntas e compras.

Jake não queria dizer à garota que eles eram os únicos na loja. Olhou para Maggie, que encolheu os ombros novamente e sorriu.

Depois que April escaneou seus itens, ele pagou com cartão de crédito, enquanto ela os colocava em uma sacola de papel pardo. Entrego-lhe e sorriu — Quanto tempo você ficará em Ballygap?

— Pelo verão.

— Tanto tempo? — ela perguntou. Olhou para Maggie, parada ao lado de Jake — Você deveria pedir para alguém lhe mostrar o lugar.

Jake riu — Deveria mesmo.

— Maggie poderia fazer isso — April ofereceu.

— Eu poderia te mostrar Ballygap — Maggie disse ao mesmo tempo.

Ele estava prestes a protestar, mas não queria dar a ela a chance de desistir

— Tem certeza? Não quero te atrapalhar nem nada — olhou ao redor da loja.

— Não será problema nenhum. Poderíamos fazer um passeio a pé — disse Maggie.

— Parece bom.

— É melhor comecem agora mesmo — disse April.

Maggie piscou — O que?

April saiu de trás do balcão, encurralou os dois e os conduziu em direção à porta.

— Sim, agora é um momento tão bom quanto qualquer outro — pressionou April — Está tranquilo por aqui.

Jake trocou um olhar com Maggie e encolheu os ombros — Vamos?

Maggie deu-lhe um sorriso hesitante — Vamos.



Maggie saiu, com Jake logo atrás dela. Era estranho sair do trabalho durante o dia para mostrar a cidade a um homem. Assim que saíram, ela olhou para a cidade. Queria tornar a rápido tour memorável. Para ser honesta, esperava que ele a considerasse memorável.

— Vamos para onde primeiro, Maggie? — ele perguntou.

— Hum, poderíamos caminhar pela cidade e seguir em direção aos penhascos — disse. Quando ele não respondeu, ela acrescentou: — A menos, é claro, que você queira ver outra coisa ou talvez precise estar no trabalho.

Quando Jake sorriu para ela, Maggie teve vontade de se derreter.

— Ainda não. Estou aberto a sugestões — afirmou.

— Você se importa se eu perguntar com o que você trabalha?

— De forma alguma. Temos uma empresa familiar, Construtora Greystone, construímos hotéis, resorts e campos de golfe por todo o mundo. No ano passado, construímos em Las Vegas e Dubai.

— Ah — disse Maggie. Não esperava por isso. Se fossem construir um campo de golfe, certamente não seria no meio da cidade. Olhou para a estrada que passava pela loja e saía da cidade. Havia terras agrícolas à venda naquela direção, com terras de primeira qualidade.

— Você parece desapontada — disse Jake com uma risada.

— Ah, não, simplesmente não é o que eu estava esperando — disse Maggie.

Jake piscou para ela — Eu odeio decepcionar uma mulher.

Maggie corou. As mangas curtas de Jake revelavam as veias sinuosas que percorriam seus braços. Ela teria gostado de estender a mão e traçá-las com o dedo.

— Para onde? — ele solicitou.

— Ah, certo, desculpe — disse Maggie. Seguiu em direção à cidade, com Jake ao seu lado.

Eles não tinham andado muito quando Jake perguntou:

— Você se importaria de trocar de lugar comigo?

Ela estava andando pelo lado mais próximo da rua — Não, claro que não — foram trocar de lugar, mas esbarraram um no outro. Tentaram novamente e a mesma coisa aconteceu.

Ambos riram.

— Você primeiro — disse Jake. Maggie ficou do lado de dentro e Jake do lado da estrada. Ela achou estranho, mas não disse nada.

Maggie passou a hora seguinte com Jake, andando pela cidade. Decidiu

não o levar até o mar, sabendo que ele já tinha visto o oceano e as falésias. Enquanto caminhavam, ela mostrou lojas antigas que haviam fechado, destacando o fato de que a cidade precisava de investimentos. E compromisso. Quando passaram pelos habitantes da cidade, o apresentou a eles. Ele era conversador e Maggie pensou que ele se encaixaria perfeitamente em Ballygap. Mostrou-lhe o único posto de gasolina da cidade, o supermercado e o açougue.

— Onde é um bom lugar para levar meu filho? — ele perguntou.

Maggie piscou — Quantos anos ele tem?

— Dezesete — disse Jake — Ele estará aqui comigo durante o verão.

Entre a semelhança e o sotaque, Jake devia estar se referindo ao adolescente que havia entrado na loja de Maggie, outro dia. Ela hesitou brevemente, antes de perguntar: — Sua esposa também está aqui? — lançou um olhar de soslaio para ele. Não fazia sentido ter uma paixonite por um homem casado.

Jake sorriu e Maggie sentiu como se tivesse sido pega em flagrante.

— Sou divorciado.

Ela assentiu — O que seu filho gosta de fazer? — perguntou, direcionando a conversa de volta para um assunto menos estranho.

Jake suspirou — Nada a ver com esportes, isso eu sei.

Maggie riu — E está tudo bem. Onde está escrito que por ser homem você tem que se interessar por esportes?

Jake riu — Em lugar nenhum, eu acho.

Ele não deu mais detalhes, então Maggie mudou de assunto — Tem a praia, claro. E, se você pegar a estrada para fora da cidade, perto da minha loja, há um círculo de pedras, a cerca de dois ou três quilômetros da cidade.

— Um círculo de pedras? — Jake perguntou.

Maggie assentiu — Como uma mini versão de Stonehenge.

— Sério?

— Sim, sério. Há também uma fazenda que tem um forte circular. Você pode vê-lo da estrada e tirar fotos. O que é bom, já que o dono da fazenda não aceita invasores.

— Entendido.

— Vocês vieram para a cidade por Dublin? — perguntou.

— Viemos.

— Vocês viram as ruínas do castelo daquela elevação?

— Noah viu.

— É considerada uma das ruínas de castelo mais antigas da Irlanda. Não sobrou muito dela. Somente a torre. Mas o fazendeiro que a possui permite que você suba a colina para vê-la. Têm vistas magníficas lá. Pode levar um lanche e vale a pena a viagem.

— Obrigado.

A trilha era estreita e, às vezes, os cotovelos deles roçavam um no outro. Não que Maggie estivesse reclamando. Ela estava feliz por estar em sua

presença. Não queria que o passeio terminasse e, pela primeira vez em muito tempo, não estava ansiosa para voltar à loja.

Jake parou quando chegaram em frente a um prédio reformado, que parecia ser um escritório, próximo a um salão de cabeleireiro e uma loja de roupas — É aqui que eu fico.

Maggie franziu a testa, sem entender.

Com o polegar apontando por cima do ombro para o prédio atrás dele, Jake disse:

— Este é o meu escritório.

— Ah, ah, claro — disse Maggie. Eles tinham que voltar ao trabalho, ela querendo ou não.

— Maggie, obrigada por me mostrar o lugar. Foi muito gentil de sua parte.

— Não foi nada. Vejo você por aí, Jake.

— Claro.

Maggie saiu, sentindo-se um pouco desanimada.

— Maggie? — ele gritou atrás dela.

— Sim? —ela perguntou, virando-se.

Jake esfregou a nuca — Posso te levar para almoçar, na sexta?

— Pode sim — sorriu. Faltavam apenas dois dias. Certamente a espera não a mataria.

— Posso buscá-la na sua loja, se estiver tudo bem.

Maggie assentiu — Está bem.

Ele abriu um sorriso — Isso é ótimo. Uma hora?

— Perfeito. Vejo você, Jake! — disse. Virou-se e voltou para sua loja, com passos leves e um sorriso no rosto. Já fazia muito tempo que não sentia algo sério por alguém. E fazia ainda mais tempo que alguém a havia convidado para sair.

Era um encontro, não era?



Quando Maggie voltou para sua loja, encontrou April sentada no banquinho atrás do balcão, tocando seu ukulele. April parou de dedilhar e largou o instrumento quando Maggie entrou pela porta.

— Você voltou.

— Parece que sim — disse Maggie com um sorriso.

— Ele está em ótima forma, não é? — April disse, com uma expressão distante no rosto.

— Ele está —Maggie concordou.

April assentiu — Você viu os ombros dele? E os bíceps? Aposto que são duros como uma rocha.

Maggie notara todas essas coisas; era difícil não notar. Também notou sua pele bronzeada e seu sorriso. Mas, acima de tudo, percebeu como se sentia na presença dele. Cheia de esperança por todas as possibilidades.

— Eu me pergunto se ele tem namorada — April refletiu, olhando pela janela, seu ukulele esquecido.

— Ele não é um pouco velho para você? — Maggie apontou. Jake devia ser vinte anos mais velho que sua assistente.

April encolheu os ombros e deu um sorriso sonhador — E daí? Há algo sobre os homens mais velhos. Eles são mais maduros. Mais resolvidos. Sabem o que querem e o que não querem. Já colocaram a cabeça no lugar.

Maggie fez uma careta para ela, embora tivesse que admitir que concordava. Ela sabia que não havia nada para ficar com ciúmes no que dizia respeito a April. April ia aonde quer que o vento a levasse e, muito provavelmente, esqueceria tudo sobre Jake, assim que o próximo homem passasse pela porta e despertasse seu interesse.

April olhou pela janela.

— Você ligou para o técnico da máquina de café? — Maggie perguntou.

April estalou os dedos — Isso que eu pretendia fazer. Farei isso agora mesmo — disse ela, como se ela mesma tivesse se lembrado.

Maggie voltou para seu escritório, cantarolando uma música. Olhou para o relógio na parede. Tinha muito o que fazer, antes da hora de fechar. Mas Jake Ballard definitivamente ficou em sua mente.



Quando Jake chegou em casa do trabalho, encontrou Noah enfiado no canto do sofá, com fones de ouvido e olhos grudados no telefone. Jake se perguntou se ele sequer havia saído de casa naquele dia. Não havia levado seu filho a dez mil quilômetros, para um país lindo, para que ele pudesse ficar em casa, olhando para uma tela. Embora estivesse irritado, se recusou a deixar que isso o deixasse de mau humor. Ainda estava animado por Maggie ter concordado em sair para almoçar com ele. Esse “sim” certamente o animaria pelos próximos dias, até que ele se encontrasse com ela. Era algo que ele definitivamente estava ansioso.

Noah não ergueu os olhos quando Jake entrou, e Jake se perguntou se ele sequer sabia que ele estava lá. Isso lhe deu motivo para ficar alarmado. Se houvesse uma invasão, Noah notaria?

— Oi, como foi o seu dia? — Jake gritou.

Noah não ergueu os olhos.

Jake se aproximou e tirou um de seus fones de ouvido.

Noah respondeu pulando do sofá e fazendo cara feia — Ei, por que você fez isso?

— Porque cheguei do trabalho e quero falar com você. Perguntei como foi seu dia — explicou Jake.

— Foi tudo bem — falou Noah, indo para a cozinha. Tirou um copo de um armário e a jarra de água da geladeira.

— O que você fez o dia todo? — Jake perguntou.

Noah encolheu os ombros, enchendo o copo.

— Pensei em irmos a uma partida de *hurling* algum dia. Aparentemente, é o esporte daqui e gostaria de ver como é.

— Não, estou bem — falou Noah. Tomou um longo gole de água.

— Você não estaria interessado em ver alguns dos diferentes esportes praticados na Irlanda? — Jake perguntou, esperançoso.

— Não.

Gostaria que Noah se interessasse por esportes; isso tornaria sua vida muito mais fácil. Mesmo que ele não quisesse praticar esportes, havia todo tipo de time que poderia acompanhar. As sugestões que Maggie havia feito a ele antes vieram à mente, e Jake decidiu tentar uma abordagem diferente com o filho.

— Talvez, no fim de semana, pudéssemos sair de carro e ver alguns pontos turísticos.

Noah bufou — Que seja.

— Há um círculo de pedras, que se acredita ser tão antigo quanto Stonehenge — disse Jake.

Houve um leve lampejo de interesse na expressão de Noah, mas desapareceu rapidamente e ele voltou sua atenção para o telefone.

— Há ruínas de um castelo, um forte circular — disse Jake, sem nem ter certeza do que era.

— Ok, calma aí, pai. Ficaremos aqui durante todo o verão. Não precisamos ver tudo em um fim de semana.

— Tudo bem, mas não faça planos para sábado — disse Jake.

Noah grunhiu, sem tirar os olhos do telefone.

— Você já jantou? — Jake perguntou.

— Não.

— Por que não vamos até a cidade e pegamos alguma coisa? — Jake sugeriu.

Noah olhou para cima — Legal, vou esperar lá fora. Estou morrendo de fome.

— Só vou me trocar e vamos — disse Jake.

Quando Jake saiu, notou Noah sentado no banco da frente do carro. Bateu na janela — Vamos lá, podemos ir caminhando.

Noah saiu do carro e bateu a porta — Deus, pai, você realmente gosta de tornar as coisas difíceis. Por que não podemos ir de carro? É mais rápido.

Antes que Jake pudesse responder, a garota da casa ao lado apareceu na lateral da casa dela, empurrando uma bicicleta. Ela tinha mais ou menos a idade de Noah, era ruiva e tinha sardas.

— Oi — ela disse.

Jake acenou e Noah disse:

— Oi.

Ela parou ao se aproximar deles e disse a Noah:

— Vamos todos de bicicleta até os penhascos. Quer vir conosco?

— Talvez outra hora — disse Noah.

— Claro — ela disse e acenou. Saiu de bicicleta da garagem e seguiu em direção aos penhascos e ao oceano.

Jake e Noah ficaram quietos por um momento, observando a garota ir embora.

— Suponho que você vai querer uma bicicleta enquanto estivermos aqui — disse Jake.

— Sim, acho que sim — respondeu Noah.



Jake assobiou enquanto se preparava para o almoço com Maggie. Passou em casa depois do trabalho para ver como Noah estava e se ajeitar. Esteve ocupado, desde a última vez que a vira: o pedido de permissão de planejamento havia sido preenchido e apresentado. Haveria um aviso impresso no jornal semanal de Ballygap, e um aviso de intenção seria afixado na fazenda McDougal, nos penhascos.

Pelo menos a bola estava rolando. Jake se reuniu com dois escritórios de arquitetura diferentes, de Dublin, e eles discutiram longamente seus planos e visão para a área.

Mas, por enquanto, com uma pequena sensação de realização, ele queria se concentrar em Maggie. Desde o divórcio, namorara algumas mulheres, mas nenhuma que despertasse seu interesse. Além disso, seu trabalho exigia muitas viagens e isso não deixava muito tempo para buscar qualquer relacionamento.

Mas Maggie era diferente. Ele sabia disso, desde o momento em que a conheceu. Não havia nada em Maggie Moran que ele não gostasse. Era um pouco mais nova que ele, mas ele decidiu que não deixaria isso incomodá-lo.

Ela estava esperando por ele, quando ele chegou à loja dela. April estava na frente da loja, descarregando uma caixa e estocando as prateleiras.

— Divirtam-se, vocês dois — disse. Piscou para eles, e Jake observou enquanto um lindo tom rosa se espalhava pelas bochechas de Maggie.

Ao saírem da loja, Jake segurou a porta aberta para ela. Maggie sugeriu um lugar na periferia da cidade. Era uma caminhada de dez minutos, mas Jake não se importou. Isso lhe deu a oportunidade de estudá-la de perfil, enquanto caminhava ao seu lado. O dia estava mais quente que os anteriores, e isso deu a Jake esperança de que pudesse haver um verão de verdade na Irlanda. Maggie usava um vestido longo, com um suéter bolero curto. Seu cabelo escuro estava preso em um coque bagunçado e grandes brincos de argola de ouro pendiam de suas orelhas.

Os funcionários do pequeno restaurante cumprimentaram Maggie pelo nome e os conduziram até uma mesa na frente, em uma seção que lembrava um átrio de vidro. Enquanto examinavam o cardápio, Jake disse:

— Eles têm uma extensa seleção vegana.

Maggie baixou o cardápio para olhar para ele e Jake explicou.

— Meu filho, Noah, tem sido um vegano comprometido, desde o ano passado.

— Que legal — disse Maggie — Sabe, acho que conheci seu filho. Um garoto americano entrou na loja para comprar lanches veganos — descreveu-o.

— É ele — disse Jake com orgulho.

— Ele é você purinho — Maggie sorriu.

— Obrigado. Eu me preocupo que ele não esteja conseguindo todos os nutrientes que precisa com sua dieta — disse Jake.

— Você abordou suas preocupações com o médico da família e com um nutricionista? — Maggie perguntou.

Jake assentiu.

— Bem, então?

— Ainda não estou convencido.

— Há muito a ser dito sobre uma dieta baseada em vegetais — disse Maggie.

Decidindo que não queria que a dieta de Noah fosse o assunto principal da conversa, ele mudou de assunto.

— Você nasceu e foi criada em Ballygap? — perguntou.

Ela balançou a cabeça. O garçom se aproximou, interrompendo-os, e anotou o pedido. Assim que ele saiu, Maggie respondeu:

— Na verdade, sou de Dublin. Meu pai era matemático e minha mãe lecionava na Trinity.

— Como você acabou em Ballygap?

Uma sombra passou por seu rosto — Meus pais morreram em um acidente de carro, quando eu tinha quinze anos. Tive que vir para cá, morar com meus avós.

— Sinto muito — disse Jake, querendo chutar sua bunda por trazer à tona um assunto doloroso.

Maggie encolheu os ombros e deu-lhe um pequeno sorriso — Está tudo bem. Não se preocupe com isso.

— Deve ter sido um período doloroso em sua vida.

Os olhos de Maggie escureceram — Foi, mas, com a ajuda dos meus avós, da minha tia Eileen e de alguns novos amigos, consegui superar.

— Você nunca voltou para Dublin?

Maggie balançou a cabeça — Não. Quando cheguei aqui, costumava dizer a mim mesmo que, assim que completasse dezoito anos, voltaria para Dublin e para a minha vida.

— Mas você mudou de ideia?

— Acontece que eu criei uma vida para mim aqui. Eu amo a cidade. É minha casa — enquanto almoçavam, ela lhe contou sobre a loja, como dava aulas semanais de tai chi e como organizava a Corrida Anual Divertida de Ballygap, para ajudar instituições de caridade locais.

— Acontecerá em breve, caso você esteja interessado — acrescentou. Antes que ele pudesse responder positivamente, ela enrubesceu e disse: — Sinto muito, tenho apenas falado sobre mim mesma.

— Não se desculpe — disse honestamente. Poderia ouvi-la falar a tarde toda. Uma imagem surgiu em sua mente, dos dois juntos num sofá, numa manhã de domingo, lendo jornais, ela inclinando-se sobre ele, para lhe ler algo que achasse interessante ou engraçado. A voz dela era lírica e, se ela quisesse recitar a lista telefônica, ele estaria interessado em ouvi-la.

— Como Noah está se adaptando? — Maggie perguntou, mudando para um terreno mais neutro.

— Ele está bem — falou.

— E a mãe dele? — Maggie perguntou.

— Nadine está na Califórnia — disse Jake — Estamos divorciados há quase dez anos.

— Você se dá bem com ela? — Maggie perguntou.

— Sim, nós nos damos bem, felizmente. Temos um filho juntos, por isso fazemos um esforço para sermos amigáveis.

Maggie assentiu.

— Estou tentando envolvê-lo em esportes, mesmo que ele tenha ido a apenas um jogo — confessou Jake.

— Por que isso é tão importante para você? — Maggie perguntou.

Jake abriu a boca, fechou-a, hesitou e recomeçou — Às vezes é difícil encontrar um sentimento de pertencimento no ensino médio. É mais difícil se você for um pouco diferente. Achei que isso poderia ajudar. Dói ver meu filho deixado de fora.

— Ele é deixado de fora?

Jake ponderou sobre isso e admitiu:

— Não sei. É apenas uma sensação que tenho.

— Talvez ele não fique de fora, talvez ele só esteja tentando encontrar seu caminho ou seu grupo — sugeriu — Ele deve ser interessado em alguma coisa. Talvez tudo que você precise fazer é apoiá-lo naquilo que ele goste de fazer, ou no que é importante para ele.

Ele se perguntou se ela estava falando por experiência própria.

— Conte-me sobre você — Maggie solicitou — O que você faz quando não está trabalhando?

Jake pensou por um momento — Bem, eu gosto de correr. Gosto de ler livros, principalmente de não-ficção, e adoro viajar. Como trabalho muito, normalmente só consigo sair por alguns dias de cada vez. Mas está tudo bem, porque conheço bastante a Califórnia.

— Algum lugar favorito?

— Sim. Adoro Sausalito, Monterey e São Francisco.

— Eu adoraria conhecer a Califórnia, algum dia — disse Maggie, pensativa.

— Você deveria ir! Eu adoraria te mostrar o lugar — disse. Percebeu que tinha falado rápido demais, e os dois riram nervosamente e olharam para tudo no restaurante, exceto um para o outro.

Eles pularam a sobremesa e saíram, Jake decidiu que levaria Maggie de volta à loja dela.

Quando a loja apareceu, Jake disse:

— Obrigado por ter vindo almoçar comigo.

Ela se virou e sorriu para ele. Seu sorriso era caloroso como um raio de luz

— Eu me diverti muito.

— Talvez pudéssemos fazer isso de novo? — ele perguntou, encorajado.

— Eu adoraria.

— Tudo bem, então, está decidido — disse Jake.

Maggie riu. Foi um som melodioso. Ela foi em direção à loja, mas, antes de entrar, olhou por cima do ombro e disse:

— Vejo você por aí, Jake.

Com uma saudação de dois dedos, ele se virou e voltou ao trabalho.



Maggie sentiu como se estivesse andando nas nuvens pelo resto do dia. Depois do trabalho, correu para casa, para alimentar os animais e levá-los para uma caminhada de uma hora, sempre atenta ao horário, pois se encontraria com suas duas melhores amigas mais tarde, naquela noite. Elas se reuniam pelo menos algumas vezes por mês. E quando não conseguiam, trocavam mensagens de texto ou ligavam.

Haviam concordado em se encontrar na casa de Lily. Maggie caminhou até a casa da amiga, que ficava em um conjunto habitacional, nos arredores do centro da cidade. Lily teve um filho recentemente e era casada com o novo clínico geral da cidade. Ela tinha acabado de voltar a trabalhar em seu café, o Sweet Tooth, após a licença maternidade. A outra amiga delas, Eimear, já estava lá.

— Desculpe o atraso — disse Maggie, sem fôlego, por causa de sua caminhada acelerada. Ela olhou ao redor da cozinha de Lily. Tinha um estilo contemporâneo, com armários brancos elegantes e brilhantes, eletrodomésticos pretos e piso de ardósia preta. As luzes eram reduzidas, dando ao espaço uma aparência mais suave.

— Não se preocupe — disse Lily. Ela segurava seu bebê, Jack, agora com seis meses, nos braços. Ele estava um pouco agitado e Lily o embalou suavemente — Achei que esse garotinho já estaria dormindo. Tem outro dente nascendo.

— Tadinho desse bebê — disse Maggie, se inclinando e beijando o topo da cabeça do menino — Onde está Sam?

Lily franziu a testa — Está de plantão nesta noite.

Maggie assentiu e olhou para Eimear, já sentada à mesa, com uma garrafa de cerveja na frente dela — Como você está?

— Estou muito bem — respondeu Eimear. Usava o cabelo ruivo escuro curtinho e não tinha paciência para maquiagem, perfeitamente confortável com as sardas no nariz e nas bochechas. Sendo uma eletricista, estava sentada ali, com seu característico macacão e camiseta, os braços cruzados sobre o peito. Parecia rude, mas se Maggie estivesse com problemas no meio da noite, Eimear seria, sem dúvidas, a primeira para quem ela ligaria. E Eimear estaria lá, sem fazer nenhuma pergunta.

Quando Maggie se sentou, ela disse:

— Haverá uma reunião de organização para a Corrida Divertida, em algumas semanas.

— Estaremos lá — disse Lily, colocando uma garrafa de vinho na mesa —

Claro, empurrarei um carrinho de bebê, este ano — Lily era loira, olhos azuis e era o que Nana costumava chamar de “levemente gordinha”. De alguma forma, apesar do bebê agitado, Lily conseguiu colocar uma tábua de queijos e azeitonas, abrir algumas garrafas de vinho e arrumar uma bandeja de doces. Maggie trouxera biscoitos e pesto de algas marinhas.

— Tudo bem — Maggie disse, enquanto colocava pesto em alguns biscoitos e deslizava um prato para Lily.

— Obrigada. Eu amo essas coisas. É viciante — disse Lily, dando uma mordida no biscoito.

Eimear tomou um grande gole de sua garrafa de cerveja — Suponho que estarei lá.

Maggie sorriu. Era assim que Eimear funcionava. Ela resistia a tudo, mas quando você a envolvia, era incrível. Na Corrida Beneficente do ano passado, ela havia ficado até o final no salão paroquial, ajudando na limpeza.

— Tenho novidades — anunciou Eimear.

Assim que ela disse isso, o bebê Jack rugiu.

— Bem, tudo bem então — disse Eimear em resposta, fingindo ofensa.

— Sinto muito — disse Lily, reposicionando o bebê.

Maggie sorriu tranquilizadamente para sua amiga — Está tudo bem. Ele é apenas um bebê, pode ficar agitado, sem problemas.

Eimear fez uma careta e Maggie lhe lançou um olhar severo.

Lily continuou segurando o bebê contra o ombro e dando tapinhas nas costas dele — Desde que voltei ao trabalho, ele parece desorientado.

Eimear bufou — Ele vai se acostumar.

Maggie franziu a testa para ela — Posso segurá-lo?

Lily pareceu surpresa — Você quer segurá-lo? Quando ele está assim?

Maggie assentiu. Ela se levantou e Lily entregou-lhe o bebê. Ele protestou, mas Maggie aninhou-o na dobra do braço e balançou-o, arrulhando:

— Shh, shh.

O que ela não daria por um filho.

— Que tal trocarmos? — Lily perguntou — Vou morar na sua casa por alguns dias e você fica aqui — colocou brevemente a cabeça entre as mãos e depois puxou para trás uma mecha de cabelo loiro — Estou brincando. Não é para valer.

Maggie olhou para ela. Porque Lily pensaria que sua vida era invejável, confundia a mente de Maggie. Ela invejava as duas.

— Alguém está interessado nas minhas novidades? — Eimear perguntou. Bebeu sua cerveja novamente.

— Claro! — Lily disse, servindo-se de mais pesto de algas e biscoitos.

Maggie voltou para a mesa da cozinha, cantando uma suave canção de ninar. Os olhos do bebê estavam se fechando.

— Ben me pediu em casamento — anunciou Eimear.

— Ah, isso é maravilhoso! — Lily exclamou. O bebê soltou um pequeno choro e Lily tapou a boca com a mão.

Os olhos de Maggie se arregalaram — Que ótima notícia. Como foi?

Eimear franziu a testa para Maggie, como se ela fosse estúpida — Ele perguntou. Eu disse sim.

Maggie revirou os olhos. O parceiro de Eimear, Ben, havia pedido Eimear em casamento muitas vezes, ao longo dos anos.

— Tudo bem, o que fez você dizer sim desta vez? — Maggie tentou.

Eimear apertou os lábios e suspirou — Percebi que sou uma pessoa meio difícil.

— Não! — Lily disse em falso protesto.

Maggie e Lily conheciam Eimear desde que as três formaram sua própria pequena tribo, na escola secundária, pouco depois de Maggie chegar a Ballygap. Eimear já era rabugenta naquela época. Elas eram estranhas, por razões diferentes, haviam caminhado juntas.

— Acho que o amo — resmungou Eimear.

— Mesmo? — Lily perguntou, fingindo surpresa.

— Claro que sim — disse Eimear — Por que você acha que estou com ele há dez anos?

— Por que ele cozinha? — Maggie perguntou. Eimear poderia viver de hambúrgueres e batatas fritas pelo resto da vida e ficar feliz com isso. Mas o namorado dela, mestre de obras, gostava de cozinhar. E ele era bom nisso, o que significava que Eimear estava obtendo variedade em sua dieta.

Eimear olhou para Lily e perguntou:

— Você está com Sam porque ele pode checar seu pulso?

Lily riu — Não, estou com Sam porque ele faz meu pulso bater mais rápido, regularmente — isso provocou risos e gargalhadas nas três.

Maggie olhou para suas duas melhores amigas, feliz por ambas. Pareciam resolvidas. Um sentimento a envolveu. Não era inveja, não era esse tipo de pessoa. Talvez fosse anseio. Um desejo intenso pelo que suas melhores amigas tinham: relacionamentos estáveis, e, no caso de Lily, um bebê. Maggie olhou para Jack, dormindo em seus braços. Não parecia estar no seu futuro. Jake veio à mente de repente, e ela teve que morder o lábio para reprimir um sorriso.

Lily tomou um gole de vinho — Falando em fazer o pulso bater mais rápido, alguma de vocês viu aquele americano charmoso que chegou por aqui?

As orelhas de Maggie se levantaram e ela se aproximou da mesa, tomando cuidado para não acordar o bebê.

Lily continuou:

— Ele vem ao café todas as manhãs.

— O que ele diz? — Maggie perguntou.

Eimear franziu a testa — O que você quer dizer com o que ele diz? Eu vou te falar o que ele diz. 'Quero um café americano duplo com creme.' É o que ele diz.

Lily começou a rir — Isso é exatamente o que ele diz.

Eimear sorriu e logo as três estavam rindo.

— Ele é lindo, não é? — Lily não perguntou a ninguém em particular. Maggie percebeu como a confiança de Lily havia aumentado, desde que havia conhecido Sam. Antes, ela era tão tímida e calada perto dos homens. Agora, segura no casamento e na maternidade, adquiriu uma confiança renovada.

— Ele foi na minha loja — disse Maggie. Não mencionou tê-lo encontrado na trilha, perto dos penhascos. Ou que ele a levara para almoçar. Havia algumas coisas que ela só queria guardar para si. Se guardasse para si mesma, então seria especial, não é?

— E? — Lily perguntou, esperando. Expectante.

Maggie encolheu os ombros, mas mal conseguiu conter o sorriso — E nada. Ele estava apenas passeando — era política dela nunca falar sobre seus clientes ou suas compras, pensando que eles mereciam um mínimo de privacidade. E, embora ela quisesse manter a conversa voltada para ele, não divulgaria o que ele havia comprado ou o motivo que o trouxe até ali. Mas, graças a Deus pelas alergias.

— O que ele é, um turista ou algo assim? — Eimear fez uma careta.

— Não, ele é um investidor que deseja investir em Ballygap.

— Por quê? — Eimear perguntou novamente.

Maggie olhou para a amiga. Ela a amava demais, mas ela tinha sempre que ser tão azeda? Esperava que Eimear conseguisse sorrir no dia do casamento.

Antes que Maggie pudesse responder, Lily falou — Isso seria bom. Já são dezoito lojas fechadas. Qualquer tipo de investimento seria bem-vindo, especialmente no centro da cidade.

— A maré alta levanta todos os barcos — disse Eimear.

— Exatamente — disse Lily. Olhou para Maggie — Você sabe em que tipo de negócio ele pretende investir? É uma startup ou um negócio existente? Ah, não, e se for outra padaria-café? — um lampejo de pânico cruzou as feições de Lily.

Maggie riu — Hum, acho que ele está querendo construir um campo de golfe.

Os ombros de Lily caíram — Um campo de golfe? Não vejo como isso ajudaria.

Maggie encolheu os ombros. A conversa saiu de Jake Ballard e voltou para Eimear e seus planos de casamento.

À medida que Maggie voltava para casa, no crepúsculo tardio, teve vontade de se abraçar. Havia passado muito tempo desde que ela estava de tão bom humor. Estava ansiosa para ver Jake Ballard novamente. Iria ser um ótimo verão.



De manhã, Maggie saiu pela trilha do penhasco, com os cachorros a tiracolo. Não conseguiu encontrar o gato e eles foram sem ele. Já era tarde quando Maggie chegou em casa, na noite anterior, e acabou ficando na cama, mais tempo do que o normal. Contornou a praia, mantendo-se no caminho

pedonal que contornava as falésias. Os cães correram na frente. Manteve os olhos abertos em busca de Jake, esperançosa de que pudesse topar com ele.

A cerca que dividia a fazenda vizinha apareceu. Era a maior propriedade da região e já pertencera aos McDougals, vizinhos dos Morans, há gerações. A propriedade de Maggie não era tão extensa, mas tinha acesso à beira-mar e à praia, um dos muitos motivos pelos quais amava sua casa. O velho Joe McDougal morreu solteiro, deixando seus bens para uma sobrinha que trabalhava como missionária na África. Ela estava no mercado há dois anos, mas não houve ofertas.

Ao se aproximar, Maggie notou o familiar cartaz branco de um pedido de permissão de planejamento afixado em um dos postes da cerca. Era um bom sinal: finalmente havia um comprador para a fazenda. Parou para inspecionar o aviso. Ao ler a licença, seus olhos se arregalaram de surpresa ao ouvir as palavras Construtora Greystone. Era aqui que Jake planejava construir seu campo de golfe? Ficou ali por um minuto, olhando para o aviso, mas sem realmente vê-lo, compreendendo-o. Especialmente como isso a afetaria. A imagem que veio à sua mente era dela desviando das bolas de golfe, do lado de fora de sua casa, e dos cachorros sendo atropelados.

Suspirou e seguiu em frente. Ele não havia mencionado onde estava construindo e ela não havia perguntado. Nunca, em um milhão de anos, ela pensaria que seria bem ao lado de sua casa. Maggie decidiu que o melhor a fazer seria conversar com Jake. Interrompeu a caminhada e se virou, seguida pelos cães. Ela iria parar e vê-lo antes de ir trabalhar.



Jake tinha acabado de sair do escritório do vereador local, Tom Duffy. O vereador estava tão entusiasmado quanto Jake com o desenvolvimento de um campo de golfe e de um resort, e eles concordaram em realizar um fórum público para a população da cidade. Era melhor conseguir o apoio dos moradores desde o início. Jake já estava rascunhando sua apresentação mentalmente.

Pegou uma xícara de café para viagem no Sweet Tooth e estava caminhando em direção ao seu escritório, quando avistou Maggie à sua frente. Em vez de gritar na rua, ele acelerou o passo até quase alcançá-la.

— Ei, Maggie.

Ela se virou e quando fez contato visual, Jake notou que ela tinha uma expressão estranha no rosto. Um que ele não conseguia ler.

Ele ergueu seu café — Posso pegar um para você? — perguntou. Ficaria feliz em voltar e comprar um para ela, se ela quisesse. Parecia rude tomar um café na frente dela quando ela não tinha um.

— Não, obrigada. Eu estava mesmo vindo ver você — disse ela. Mesmo que ela não estivesse sorrindo, essa admissão animou Jake.

— Ótimo, vamos lá — disse. Caminharam, lado a lado, em direção ao escritório alugado — Eu queria saber se você gostaria de jantar. Conheço um lugarzinho em Galway onde os frutos do mar são frescos.

Maggie olhou em volta e murmurou:

— Vamos ver.

— Está tudo bem? — ele perguntou, preocupado.

Ela sorriu para ele, mas Jake não ficou convencido — Como está Noah? — ela perguntou.

— Está bem — falou Jake. Chegaram ao escritório dele e Jake destrancou a porta e segurou-a para Maggie entrar.

Estava curioso para saber o que estava acontecendo. Maggie não parecia animada como sempre: seus olhos pareciam tempestuosos. Por um momento, ele se perguntou se a havia convidado para sair e esquecido, mas não conseguiu pensar em nada. Ela estava com raiva porque ele não havia ligado para ela? Tinha passado apenas alguns dias. Nossa, esperava que ela não fosse uma daquelas pegajosas.

Ele colocou a xícara de café sobre a mesa da recepção, depois se virou e deu-lhe toda a atenção — E aí? — Absorveu a visão dela: os jeans desbotados, as sandálias e a blusa estampada azul e roxa, amarrada com um nó na cintura.

— Tenho uma pergunta sobre o seu investimento — cruzou os braços sobre o peito.

Jake relaxou. Era isso? Ele certamente poderia lidar com isso — Sente-se.

Ela se sentou no sofá e ele se sentou na cadeira mais próxima dela. Inclinou-se para frente, os cotovelos apoiados nas coxas.

— Sei que você está em processo de compra da fazenda McDougal — disse ela.

Ele se perguntou qual seria o interesse dela nisso — Depende da permissão de planejamento, mas, sim.

— Essa é uma fazenda bem grande.

Jake franziu a testa em confusão. Ele não sabia para onde essa conversa estava indo.

— É, sim, é uma das coisas que o torna perfeito para o tipo de desenvolvimento que estamos planejando.

Ela assentiu — Posso perguntar como isso afetará as casas e propriedades ao seu redor?

— As propriedades ao norte e ao sul das terras McDougal serão compradas pela Greystone — respondeu. Sorriu e acrescentou: — E a Greystone planeja ser generosa.

A cor sumiu do rosto de Maggie. Ela parecia quase atordoada. Por um momento, ele se perguntou se deveria chamar um médico. Pegou a mão dela, mas ela a puxou de volta. Suas sobrancelhas se uniram em uma carranca quando ela disse:

— Minha casa faz divisa com a propriedade, ao sul.

Foi a vez de Jake ficar atordoado. Ficou ali sentado por um momento - só um instante - com a boca aberta, mas se recuperou.

O mais gentilmente possível, ele repetiu:

— É a intenção de Greystone, com a compra da propriedade, adquirir todas as propriedades adjacentes.

— Minha opinião conta nesse assunto?

Jake hesitou, tentando descobrir uma maneira de dizer diplomaticamente o que tinha a dizer.

— Foi o que pensei — Maggie levantou-se do sofá e olhou para ele — Adquirir? Isso é apenas um eufemismo para ‘roubar’.

Jake se encolheu, se levantou e a encarou — Maggie, nós podemos...

Ela o interrompeu, com os olhos em chamas e a boca contraída — Minha casa não está à venda. Ponto final — E saiu pela porta.



De jeito nenhum Jake ia deixar o dia terminar sem que ele visse Maggie e tentasse conversar com ela sobre o seu investimento e a sua casa. Descreveria os benefícios da venda para ela. Gostava muito dela para simplesmente deixar isso passar. Demais para permitir que uma rixa se desenvolvesse entre eles.

Embora fosse amigo de todos que conhecera em Ballygap, ainda não estava em condições de perguntar o endereço de Maggie. Ligou para o vereador,

Tom Duffy, que ficou feliz em informar qual casa era de Maggie. Jake olhou para o relógio. Presumiu que a loja dela fechava às cinco, como a maioria das outras na cidade, e queria dar-lhe algum tempo para chegar em casa, antes de aparecer na porta dela. Enviou uma mensagem para Noah, avisando que iria se atrasar. Às seis horas, apagou as luzes do escritório, acionou o alarme, trancou a porta e saiu em direção aos penhascos.

Ainda estava claro e o céu noturno estava listrado com tons de lavanda, rosa e azul. Avistou a casa dela, com telhado de palha, ao longe, situada no final de um penhasco, mas não muito perto da beira do penhasco. Pelo que parece, estava lá há séculos. As paredes rebocadas à mão pareciam ter sido pintadas de damasco, com detalhes brancos ao redor das janelas, mas o lugar precisava desesperadamente de um retoque. A porta holandesa esmaltada em vermelho brilhante contrastava fortemente com as paredes desbotadas; deve ter sido uma adição recente. Sua cor brilhante destacava ao sol do fim da tarde. Ao longo dos parapeitos das janelas havia floreiras com amores-perfeitos e dalias, e de um lado da casa havia uma banheira, com pés em forma de garra, que havia sido transformada em um pequeno jardim. A ideia geral era de algo dos anos 1950. Jake sorriu. Não esperava por isso, mas combinava perfeitamente com o que sabia sobre Maggie até agora. Peculiar e tradicional, ao mesmo tempo.

Suspirou. Isso seria um problema. A fazenda McDougal cercava a casa de Maggie como um U. Não via nenhuma maneira onde o campo de golfe funcionaria sem a propriedade dela. Ela teria que vender.

Ao se aproximar da casa de Maggie, a avistou vindo pelo caminho da praia. Os cães a seguiam, trotando e abanando o rabo. No braço, ela carregava uma cesta de vime larga e plana.

— Maggie! — ele gritou com um sorriso. Rufus parou e quando avistou Jake, avançou em sua direção. Jake riu.

— Rufus, volte aqui — Maggie gritou atrás dele.

Jake se abaixou para acariciar o cachorro — E aí, amigão, como você está?

— Jake — ela disse enquanto se aproximava, seu comportamento rígido. Não estava sorrindo. Jake achava tudo isso ridículo.

Ele a seguiu até a porta da frente de sua cabana e franziu a testa quando notou o conteúdo de sua cesta.

— Isso é alga marinha? — perguntou.

— Sim — ela respondeu.

— Você tem muitas aí. O que faz com isso? Toma banho nelas? — disse com uma risada.

Ela parou e se virou para encará-lo.

— É um ingrediente natural com muitas finalidades — respondeu — Eu faço produtos caseiros para a pele e pesto de algas marinhas incrível — fez uma pausa e ergueu o queixo — E sim, tomo banho de algas de vez em quando. São muito terapêuticos.

Pesto de algas marinhas? Ele pensou em fazer uma piada, mas desistiu.

Não ousou dizer mais nada, não querendo que o humor dela piorasse ainda mais.

Maggie abriu a porta da frente e os cachorros correram para dentro. Então Rufus correu de volta para Jake e o circulou, abanando o rabo.

— Maggie, você não tranca a porta quando sai de casa? — Jake perguntou, inclinando-se para acariciar o cachorro. Eles permaneceram do lado de fora e ele se perguntou se ela o convidaria para entrar.

Maggie balançou a cabeça — Não. Eu não fiquei fora por tanto tempo.

— Você deveria repensar isso — disse — Eu odiaria que algo acontecesse com você — não achava que nenhuma mulher deveria deixar a porta destrancada.

Maggie zombou — Você está preocupado comigo?

Sem hesitar, ele assentiu — Claro que estou.

Um rubor subiu pelo pescoço de Maggie.

Da porta do chalé, Daisy observava a interação entre Jake e Rufus, hesitante.

— Ele não parece amigável — disse Jake, apontando para o setter irlandês, que ficou perto de Maggie.

— Daisy é uma garota — disse Maggie.

Jake acenou em direção ao cachorro — Desculpe, garota, não tive a intenção de ofender sua sensibilidade apurada — olhou para Maggie e sorriu. O que o fato dele estar se desculpando com um cachorro dizia sobre ele?

— Daisy foi resgatada. O dono abusava dela. Um homem.

— Eu gostaria de poder tranquilizá-la de que nem todos os homens são idiotas.

Maggie bufou e balançou a cabeça — Foi uma perda de tempo vir aqui.

— Primeiro, vamos conversar — disse Jake, passando a mão pelos cabelos. Greystone ainda nem tinha obtido permissão de planejamento. Ela evitá-lo poderia estar sendo em vão.

— Posso entrar? — perguntou.

Ela passou pela porta e a deixou aberta. Era o convite que Jake teria dela.

Ela a seguiu, junto com Rufus. Maggie colocou a cesta de algas marinhas sobre a mesa.

Jake olhou em volta. Era um espaço pequeno, com uma área de cozinha e uma sala de estar centrada em torno de uma grande lareira. Havia um lampião de sal na janela e girassóis, recém-cortados, num vaso de cristal, sobre a mesa da cozinha. Um baú antigo estava em um canto, e um quadro bordado estava pendurado na parede, com a inscrição: *Ampla é a porta do chalé*. Um leve cheiro de lavanda pairava no ar e ele notou lavanda seca pendurada no teto. Ao lado da porta havia um barômetro antigo.

Ela estava de costas para ele e enchia uma chaleira com água.

— Você tem uma casa adorável — disse.

Um estrondo alto soou em uma sala ao lado da sala de estar. Assustado, Jake ergueu as sobrancelhas e olhou na direção de onde vinha o barulho.

— Ah, Twinkle! — Maggie disse. Enxugou as mãos em um pano de prato e disse: — Com licença.

Não demorou muito, antes de voltar para a cozinha.

— Tudo certo? — Jake perguntou.

Maggie assentiu — É meu gato. Ele tem o péssimo hábito de derrubar coisas.

Sua atitude havia definitivamente mudado. Não era mais a Maggie calorosa e cheia de luz com a qual ele estava se acostumando. Ela estava cordial, mas tranquila. Ele observou enquanto ela abria uma lata e colocava chá a granel em um infusor. Não haveria nenhuma oferta de chá para ele. Tudo bem. Ele era casca grossa.

— Parece que uma frente fria chegou — brincou Jake.

Maggie se virou para encará-lo — O que?

— Deixa para lá — quando ela não disse nada, apenas começou a preparar uma xícara de chá, Jake disse: — Olha, podemos conversar sobre isso? — notou que os cachorros estavam enroscados no sofá.

Ela olhou para cima — Falar sobre? Por quê?

— Porque acho que você pode estar se adiantando — disse Jake. Ficou lá, com as mãos nos quadris.

— Será? Estamos falando da minha casa aqui — disse, levantando a voz. A chaleira ferveu, desligou automaticamente e Maggie despejou água em sua caneca.

— Espere aí, Maggie. A Greystone nem obteve permissão de planejamento.

— Ainda — Maggie repetiu.

Jake suspirou. Gostava muito de Maggie e queria manter a porta aberta entre eles, para seus interesses pessoais — Olha, Maggie, não quero brigar por causa de algo que pode não acontecer.

— Mas se a permissão de planejamento for obtida, Greystone pretende assumir as propriedades adjacentes. Não? — olhou para ele, seus olhos azuis arregalados e... cautelosos.

— Mas você poderia fazer o que quiser com a compensação — ressaltou.

— Não é verdade — ela zombou — Não se o que eu realmente quiser for manter minha casa.

Jake não sabia o que dizer e sentiu como se estivesse buscando o impossível.

Maggie sentou-se à mesa com sua caneca de chá.

— Posso me sentar? — ele perguntou.

— Como preferir.

Era uma vez uma hospitalidade irlandesa, pensou ele. Puxou a cadeira em frente a ela, pensando que se chegasse mais perto ela poderia protestar. Era melhor manter distância, enquanto ele tentava deixar claro seu ponto de vista.

— É prática comum da Greystone comprar propriedades adjacentes? — ela perguntou.

— Sim — disse, inabalável. Não fazia sentido mentir. Seria honesto com ela. Sempre comprava as propriedades adjacentes, como zona tampão.

— Então, onde quer que vá, vocês forçam as pessoas a venderem suas casas? — perguntou.

— A Greystone não intimida ninguém, posso garantir — disse Jake.

— Você, a Greystone, é a mesma coisa — disse Maggie. Olhou para ele.

Ele suspirou — Olha, Maggie, eu gosto de você. Muito.

Ela arregalou os olhos e disse:

— E daí?

— Eu garantiria, pessoalmente, que seu acordo fosse justo e que você fosse bem recompensada.

— Você não está ouvindo, Jake. Eu não vou vender — Maggie pronunciou cada palavra enfaticamente.

— Mas você poderia reconstruir em outro lugar. Em qualquer outro lugar — Jake pontuou.

Surpreendeu-o quando lágrimas encheram seus olhos.

— Sou a oitava geração dos Moran a morar nesta casa — disse, erguendo o queixo enquanto falava — Os Morans vivem aqui há mais de trezentos anos. Os restos do currach do meu tataravô ainda estão na praia.

Jake não sabia o que dizer sobre isso. Gostaria que Greystone não tivesse que comprar a propriedade dela, mas, devido à forma como a fazenda McDougal a cercava, a compra da casa de Maggie seria obrigatória.

Ele se levantou da mesa. Não havia mais nada a ser dito. Maggie parecia tão desanimada quanto ele — Eu deveria ir — disse. Maggie não protestou. Nem mesmo Rufus levantou a cabeça, enquanto Jake caminhava em direção à porta da frente. Jake parou com a mão na maçaneta e olhou para Maggie.

— Sinto muito, Maggie. Não é nada pessoal. São apenas negócios.



Maggie chegou ao salão paroquial para a reunião municipal quando já estava prestes a começar. Houve um anúncio no semanário Ballygap e avisos foram afixados por toda a cidade. Com a casa lotada, parecia que quase todo mundo estava lá. O lugar fervilhava de conversas animadas. Mas Maggie não estava se sentindo assim.

Sua tia Eileen acenou na terceira fileira de cadeiras. Sentava-se com Olive Enright, uma das residentes mais antigas da cidade, que era mais perspicaz do que a maioria dos seus colegas mais jovens.

Maggie cumprimentou as duas e sentou-se ao lado da tia. Aos sessenta anos, a tia tinha uma vitalidade que a tornava bonita. Era algo que brilhava por dentro. Maggie tinha certeza de que outras pessoas também notavam. Agora aposentada, Eileen era ativa em sua comunidade, trabalhando como voluntária e cuidando de sua própria saúde física.

Maggie acenou para as pessoas ao seu redor, reconhecendo todas elas. Pequenos trechos de conversa a cercavam.

— Como você está, Maggie? — sua tia perguntou. Eileen era irmã de seu pai e sua única parente em Ballygap, se não contasse todos os mortos no cemitério local.

— Eu estou bem. Ansiosa para ver o que eles têm a dizer — respondeu com um aceno de cabeça em direção à frente da sala.

— Eu também — disse sua tia.

— Como você está, Olive? — Maggie perguntou.

Olive era uma mulher pequena, com cabelos, brancos como a neve, bem penteados e olhos grandes por trás de óculos ainda maiores, com nariz em forma de bico e pele diáfana, que parecia mostrar todas as veias.

— Se não fosse pelas minhas dores e desconfortos, eu seria uma mulher solitária! — disse.

Maggie riu. Mal podia esperar para ver a reação da mulher mais velha ao projeto proposto. Olive era uma ativista ambiental ativa. Não era apenas conversa com Olive; o telhado de sua casa havia sido adaptado com painéis solares e ela coletava água da chuva em um barril, para regar seu extenso jardim. Tinha substituído sua caldeira por aquecimento elétrico e trocado seu carro antigo por um elétrico. Não que usasse muito. Seu meio de transporte preferido era caminhar. Havia desistido da bicicleta aos oitenta e cinco anos, depois de quase ser atropelada por um carro.

Tom Duffy apareceu na frente da sala, junto com Jake, que sorria e parecia à vontade, enquanto os dois homens conversavam. O coração de Maggie

acelerou ao ver Jake. A camisa branca, que ele usava com calças cinza, fazia um contraste impressionante com sua pele bronzeada. Seu cabelo estava úmido e seu rosto barbeado.

Como se estivesse lendo sua mente, tia Eileen disse:

— O americano parece um astro de cinema.

Já haviam se passado três dias, desde que Jake esteve na casa de Maggie. Ela não o tinha visto pela cidade ou correndo pela trilha perto dos penhascos. Odiava o fato de procurá-lo em todos os lugares que ia, mas era como se ela não pudesse evitar.

Depois que ele saiu da casa dela, na outra noite, ela suspirou de alívio com o silêncio que se seguiu. Enquanto ele esteve lá dentro, ela admitia que tinha gostado de como ele parecia lá, apesar da troca de farpas entre eles. Imaginou sentar-se no sofá com ele, na frente de uma lareira crepitante, enquanto o vento soprava e a chuva batia no telhado. A mente dela divagou para os dois compartilhando uma refeição à sua pequena mesa de madeira na cozinha. De todos os homens por quem ela podia se apaixonar! Quão impossível isso era? Quanto menos ela visse ou interagisse com Jake Ballard, melhor. Mas falar e fazer eram coisas muito diferentes.

Maggie teve um vislumbre de Lily no fundo da assembleia, balançando o carrinho de bebê. Acenou e voltou sua atenção para a frente do salão.

Tom estava atrás de um pódio, de frente para a multidão. Tom havia nascido e sido criado em Ballygap, tendo começado como produtor de leite, agora criava apenas gado, desde que se tornara membro do conselho. Era um homem baixo, com cabelos pretos, pintado em casa, o que fazia parecer que ele tinha usado graxa de sapato na cabeça.

Na frente da sala, Tom presidia, saltando de um pé para outro, enquanto falava com as pessoas da cidade que se aproximavam dele e as apresentavam a Jake. Por fim, puxou uma tela branca do teto, ligou um notebook para a apresentação e deu início à reunião.

— Tenho notícias interessantes para todos vocês e para a cidade de Ballygap — começou.

Maggie franziu a testa. Ela nunca tinha visto Tom tão entusiasmado. Poderia pensar que os números do sindicato tinham sido sorteados na loteria.

Depois que Tom dispensou todas as formalidades, prosseguiu com a reunião — Todos vocês conhecem a propriedade McDougal.

A multidão no salão paroquial ficou em silêncio. Rumores circulavam pela comunidade nos últimos dias. Todos sabiam que Jake Ballard estava lá para investir dinheiro em Ballygap e que haveria algum tipo de desenvolvimento com a propriedade McDougal. Maggie endireitou-se e prestou atenção. Uma rápida olhada ao redor da sala mostrou que todos os outros também tinham feito isso. Ela se perguntou se eles reagiriam a todos os detalhes sórdidos como ela. Apesar do burburinho animado que se espalhou pela multidão, Maggie prendeu a respiração.

— Estou animado em dizer que a Construtora Greystone está tentando

comprar a propriedade para construir um resort cinco estrelas, de classe mundial, e um campo de golfe — disse Tom.

Maggie mordeu o lábio e franziu a testa. Um resort cinco estrelas, além do campo de golfe? Este projeto seria maior do que ela havia pensado originalmente.

O membro do conselho tirou uma folha preta de um cavalete, revelando um grande cartaz, com fotos representando desenhos a lápis e aquarela de um resort e campo de golfe. Maggie se perguntou quanto custaria produzir aqueles cartazes vívidos. Muito dinheiro, imaginou. Indo da esquerda para a direita, ela examinou os vários cartazes nos cavaletes, olhando para a representação do artista sobre o empreendimento proposto e sentindo-se enjoada com a imagem de um campo bem cuidado, onde deveria estar sua casa de trezentos anos.

Eileen sussurrou em seu ouvido:

— Isso não é um bom presságio para você.

— Não, não é.

Enquanto o resto da multidão fazia *ooh* e *aah*, Maggie piscou para conter as lágrimas e tentou não se curvar em seu assento. Parecia que uma decisão sobre sua casa já havia sido tomada, e ela não tinha controle sobre ela. Olhando novamente para os cartazes nos cavaletes, imaginou sua casa sendo demolida. A bile subiu em sua garganta.

Tom continuou:

— Deixe-me apresentar a vocês Jake Ballard, da Construtora Greystone, da Califórnia.

Maggie assistiu, de seu assento na terceira fila, enquanto Jake fazia uma apresentação que fazia o campo de golfe e o resort parecerem o presente de Natal daquele ano para os residentes de Ballygap. Tom e Jake passaram pelas várias etapas do processo, desde a obtenção da autorização inicial de planeamento da Câmara Municipal, passando por todos os estudos que teriam de ser realizados, até à aprovação final da Junta de Planeamento. Se a aprovação fosse concedida, o desenvolvimento começaria. Jake deixou o melhor para o final: quantos empregos isso significaria para a cidade e arredores, bem como a receita gerada para as empresas locais, à medida que os hóspedes do resort explorassem a área.

Jake era um orador natural, articulado e envolvente. Parecia exalar o sol da Califórnia e um estilo de vida tranquilo. Maggie olhou ao redor do centro comunitário. O público estava sentado ali, quieto, com a atenção cativada. Várias mulheres tinham uma expressão facial vidrada, e Maggie olhou para Jake, na frente da sala, e percebeu que não era a única que o achava atraente. Pelo que parece, ele poderia vender a elas um pântano na Flórida. Mas não havia muitos empregos nesta parte do país, e a perspectiva de emprego por si só seria suficiente para vender o plano de desenvolvimento. Com um sentimento de desânimo, ela sabia que este projeto receberia o apoio do conselho do condado, do jornal da cidade e dos próprios habitantes. Não podia

culpá-los. A vida que ela conhecia - a vida que cultivava, desde a sua chegada a Ballygap, há quinze anos - terminaria. Não importa o que acontecesse, não iria simplesmente recuar. Iria lutar por sua casa.

Após a apresentação conjunta, Tom Duffy abriu a palavra para perguntas.

Um após o outro, os habitantes da cidade levantaram-se para expressar seus pensamentos. As perguntas variavam desde quantos empregos haveria, quando começariam as contratações, até quanto tempo levaria para construir o resort. Mas nem todos ficaram entusiasmados com o desenvolvimento. Um fazendeiro atrás, com cerca de um metro e oitenta de altura, estava de pé, vestindo jeans enlameados e galochas, e perguntou sobre o acesso às estradas secundárias, perto da fazenda McDougal, para máquinas e equipamentos de construção pesada. Ele não parecia satisfeito com a perspectiva da necessidade de construir estradas de acesso, ou com o movimento que acompanharia a entrada e saída de máquinas pesadas. Maggie esperou que alguém perguntasse sobre as propriedades adjacentes ao campo de golfe proposto e o que aconteceria com elas, mas a pergunta nunca aconteceu.

Olive levantou-se e o resto das pessoas na fila levantaram-se para deixá-la sair pelo corredor, para que pudesse falar. Maggie decidiu que era melhor segui-la, porque não deixaria a reunião terminar, até que sua pergunta fosse respondida.

À sua frente, Olive perguntou:

— Que impacto isso terá no meio ambiente?

Jake foi responder, mas Tom assumiu — Serão realizados todos os estudos de impacto ambiental necessários. Posso garantir, Olive, que nenhuma pá de terra será revirada, até que todos os estudos ambientais sejam concluídos.

Olive parecia satisfeita, mas Maggie sabia que Olive ligaria para o escritório do distrito eleitoral de Tom, logo pela manhã, para discutir o assunto mais detalhadamente. Olive voltou ao seu lugar.

Maggie se aproximou do microfone, percebendo que todos os olhos estavam voltados para ela, inclusive os de Jake. Seu pescoço estava quente e ela se concentrou em um ponto bem à frente, na parede, atrás de Tom.

— Poderia, por favor, explicar que impacto este empreendimento terá sobre as pessoas cujas propriedades fazem fronteira com a fazenda McDougal?

Tom olhou para Jake — Quer assumir esta daqui?

Jake não hesitou — Serei franco. Esperamos fazer uma oferta de compra para essas propriedades...

Um murmúrio se espalhou, como uma onda, pela multidão, e Jake acrescentou, levantando a voz:

— E a Greystone oferecerá um valor acima do mercado.

Jake lançou a Maggie um olhar suplicante, mas ela endureceu seu corpo contra qualquer tipo de resposta. Ele olhou para ela naquele momento, como um homem acostumado a conseguir o que queria, e que usava o charme como arma em seu arsenal.

— E se alguém não quiser vender sua propriedade? — Maggie perguntou.

Querida uma resposta para isso.

Jake olhou para Maggie enquanto respondia:

— Em um caso como esse, gostaríamos de trabalhar individualmente para encontrar um caminho a seguir, que seja do interesse do proprietário e de Greystone, um resultado que seria mutuamente benéfico para ambos.

— Obrigada — Maggie murmurou, sem olhar para ele. Voltou ao seu lugar. Ao fazer isso, olhou para Peg O'Malley, uma vizinha do outro lado da fazenda McDougal. Peg estava aposentada, tendo desistido da pecuária leiteira, após a morte do marido. Ela era só sorrisos. Todos na cidade sabiam que o sonho dela era morar na Espanha. Este seria um sonho tornando realidade para Peg. Provavelmente estava sentada em sua cadeira, se beliscando.

Maggie engoliu em seco. Vender a casa dela não era uma opção. Planejava passar o resto da vida - por mais longa ou curta que fosse - naquela casa de campo, na falésia, com vista para o mar, da mesma forma que seus avós fizeram. Seu estômago se apertou com a possibilidade de que pudesse perdê-la. Que pudesse ser atropelada pelos planos de um desenvolvedor americano. Sentiu-se tonta e pequenas gotas de suor apareceram em sua testa.

Jake falou — Entrarei em contato com esses proprietários nos próximos dias. Como eu disse, esperamos que todos na cidade de Ballygap concordem quando reconhecerem o valor de tal desenvolvimento no futuro. Sei que haverá alguns valores discrepantes, já que nada é cem por cento, mas gostaria de ter a oportunidade de conversar com cada indivíduo.

Seu coração afundou pela enésima vez naquela noite. Não só teria de enfrentar esta empresa americana, mas isso também a colocaria em conflito com a sua comunidade. Esperava que isso não afetasse seus negócios, mas suspeitava que sim. As pessoas poderiam ser engraçadas assim.

Maggie sentou-se novamente em sua cadeira e pegou seu poncho e sua mochila, esperando que tudo acabasse, para que ela pudesse ir para casa e decidir o que fazer a seguir. Eileen deu tapinhas na sua mão dela — Não se preocupe, ele ainda não construiu seu campo de golfe. Você ainda tem sua casa.

Mas por quanto tempo? ela se perguntou. Ela não gostava de toda essa incerteza pairando sobre sua cabeça.

Quando a reunião terminou, Maggie se levantou. Olive estendeu a mão para ela, horrorizada.

— Maggie, sinto muito que sua casa esteja sob ameaça. Você tem meu apoio, é claro.

Maggie assentiu, despediu-se delas e saiu da fileira de assentos.

Olhou por cima do ombro e viu Jake cercado por moradores da cidade. Ele era uma cabeça acima da multidão. Maggie saiu do salão paroquial, entorpecida. Perguntou-se o que seus avós teriam pensado sobre tudo isso. Havia uma parte dela que estava feliz por eles não estarem vivos para experimentar a dor de cabeça singular e angustiante que isso lhes teria

causado.

Olhou ao redor da cidade, para as pessoas andando para cima e para baixo, nas trilhas, as pessoas saindo do salão paroquial, e percebeu que nunca se sentiu tão sozinha, desde o dia em que chegou a Ballygap. E essa era uma sensação horrível, que ela preferia não reviver.

O sol começou a desaparecer no horizonte ocidental do Atlântico, enquanto ela se dirigia para casa. À medida que sua casa se aproximava, aumentava também a extensão que era a fazenda McDougal. Pastagens intermináveis de relva até onde a vista podiam alcançar. Daria um excelente resort e campo de golfe. Mas não havia nenhuma maneira de Maggie desistir de sua casa, só para que isso acontecesse.

A morte dos pais a abalou, mas ela encontrou consolo na casa dos avós e na pequena cidade, ficando tão apegada ao lugar que, mesmo depois de terminar a faculdade, quis voltar e viver lá. Ao longo dos anos, viu outras pessoas partirem para outras partes do país, ou destinos no exterior, mas sempre foi feliz morando em Ballygap.



Sentindo uma ansiedade que não diminuía, mesmo depois de um banho quente e alguns exercícios de respiração profunda, Maggie tirou seu poncho creme de ponto trançado da cadeira de balanço, no canto, vestiu-o por cima da camiseta e da calça jeans e saiu com os cachorros. Rufus carregava Twinkle pela nuca.

Percebeu, há muito tempo, que sempre precisava estar perto da água, fosse por meio do oceano ou de um lago. O mar era o lar de sua alma. Nunca se cansava da praia ou do surf. Mesmo no auge do inverno, quando as rajadas fustigavam a costa e seu chalé, e era muito perigoso deixar o gato sair de casa, Maggie ainda adorava.

Daisy caminhou ao lado de Maggie. Assim que Rufus deixou o gato cair no caminho, ele correu à frente, latindo para nada em particular. Ela deveria se manter ocupada e distraída. Se manter assim, ocupada e distraída, provou ser um mecanismo de enfrentamento, desde que desembarcou em Ballygap. Nos primeiros dias, Nana a manteve tão ocupada, que ela não teve tempo para pensar nas coisas.

Assim que chegaram à praia, Maggie encontrou um lugar para sentar e os cachorros foram para a água. Daisy adorava a água e, em poucos minutos, ela e Rufus estavam mergulhados de cabeça. Twinkle andava de um lado para o outro, farejando as coisas, olhando periodicamente para os dois cachorros na água, com o que parecia ser um olhar de desdém.

O mar estava cinza escuro, mas o céu tinha uma cor lilás mais pálida. Junho era um mês agradável. Isso significava um período mais longo à noite, e, às cinco da manhã, o céu estava claro e os pássaros cantavam.

A garganta de Maggie estava sufocada e apertada ao mesmo tempo, enquanto seus olhos estavam úmidos. *Eu só preciso passar por esse momento e seguir em frente*, disse a si mesma, como fizera milhares de vezes antes.

Sentiu a ardência das lágrimas não derramadas, mas olhou para o mar e engoliu em seco. Não havia barcos em lugar nenhum. Esta enseada era tranquila e, de vez em quando, ela gostaria de ver um barco ou um cargueiro. Então, talvez, não se sentisse tão sozinha.

Os cachorros, com o pelo encharcado e cheirando a água do mar, vieram correndo em sua direção. Daisy ofegou e Rufus esperou até estar bem na frente de Maggie, antes de sacudir a água do pelo. Apesar de ter chegado para trás e levantado as mãos, Maggie foi borrifada com água do mar.

— Obrigada — disse secamente.

Rufus a observou, com a língua para fora e o rabo abanando. Daisy cheirou alguma coisa na areia.

Distraída, Maggie se levantou e limpou a areia da calça.

— Prontos? — perguntou.

Rufus latiu e Daisy abanou o rabo. O gato já estava indo em direção ao caminho.

Ela pensou em seus ancestrais, que viveram no chalé antes dela, e em como os homens percorreram esse mesmo caminho, durante gerações, para levar seus currachs para pescar. Seu tataravô e o irmão dele haviam se afogado lá no Atlântico, e um de seus corpos foi levado à praia, meses depois. No século XIX, os pescadores eram identificados pelas suas camisolas tricotadas. Cada família tinha seu próprio padrão. Maggie nunca havia deixado de pensar nisso quando veio para cá, em como sua família ganhara a vida no mar durante séculos e em como todos os velhos costumes haviam morrido com o passado. Olhou novamente para os restos destruídos do último currach de sua família. Talvez essa fosse ser a única coisa restante, como testemunho de sua herança.

Seus ancestrais, provavelmente, estavam revirando em seus túmulos, com a ideia de que sua terra natal seria transformada em um campo de golfe.



Jake ficou muito satisfeito ao refletir sobre a reunião municipal e na participação dos residentes. Pareciam entusiasmados com o futuro desenvolvimento. A única nuvem no horizonte era Maggie e sua casa. De todas as casas que poderiam atrapalhar seu projeto, tinha que ser logo a dela. Às vezes o destino era cruel. Mas, decidiu que não precisava ser assim. Talvez Maggie não quisesse vê-lo, mas ele iria vê-la. Gostava dela. E pensou que, com o tempo, poderia fazer com que ela entendesse seu modo de pensar. Mas precisava manter as linhas de comunicação abertas. E isso seria impossível se eles não se vissem. Ele lhe daria alguns dias para se acalmar, antes de abordá-la novamente.

Noah entrou na cozinha, com o cabelo todo bagunçado, vestindo camiseta e cueca boxer.

— Que horas você foi dormir ontem à noite? — Jake perguntou.

Noah encolheu os ombros — Não sei. Era tarde.

— Você fez o que te pedi ontem? — Jake perguntou.

Noah suspirou, como se não pudesse ser incomodado — Eu farei hoje.

— Noah, este é o terceiro dia que peço para você fazer algumas tarefas domésticas. Não posso fazer tudo sozinho — disse Jake, exasperado. Fez uma anotação mental para perguntar a Nadine se Noah era assim em casa.

— Eu vou fazer. Pare de encher meu saco — disse Noah.

— Não é para você ir a lugar nenhum, até que termine as tarefas — alertou Jake.

Noah não disse nada e Jake perguntou:

— Quando foi a última vez que você falou com sua mãe pelo Skype?

O menino parou o que estava fazendo e olhou para cima.

— Três ou quatro dias atrás.

— Faça isso hoje também — disse Jake — Na verdade, você poderia muito bem contar a sua amiga da casa ao lado...

— O nome dela é Roisin.

— Certo, tudo bem. Você também pode dizer a Roisin que só a verá amanhã.

— Ha-ha, pai — Noah disse, revirando os olhos.

Enquanto Jake saía pela porta, ele disse:

— E espero que não tenha feito nenhum plano para sábado, porque você e eu vamos turistar pela cidade.

Ele fechou a porta quando Noah gemeu:

— Ah, cara!



Depois do almoço, Jake teve uma breve conversa por vídeo com seu pai. Seu pai acordava cedo, porque jogava de manhã.

— Bem, como foi? — Don exigiu, assim que seu rosto apareceu.

— Tudo correu muito bem — falou Jake. Resumiu a reunião e a natureza das perguntas. Pensando em Maggie, acrescentou:

— Existem algumas resistências.

— O que quer dizer?

— Há pelo menos uma pessoa que não quer vender suas terras para Greystone — disse Jake.

— A propriedade deles é necessária?

Jake assentiu — Sim, está cercada em três lados pela fazenda McDougal.

Seu pai franziu a testa, linhas profundas marcando sua testa bronzeada — Por que eles não querem vender?

— Valor sentimental.

— Isso é besteira — Don zombou — Ofereça-lhes um reembolso generoso, mas não muito, ou pareceremos idiotas desesperados. E, se isso não funcionar, consiga o terreno pelos canais legais. Domínio eminente. Ordem de compra compulsória ou qualquer termo legal usado na Irlanda.

Jake apertou os lábios em uma linha fina. A última coisa que queria era tomar a propriedade de Maggie — ou a propriedade de qualquer pessoa — pelos tribunais. Isso deixaria um gosto desagradável na boca de todos. Até mesmo dele.

— Vou pedir ao departamento jurídico para nos fornecer o nome de uma empresa em Dublin — disse Don.

Antes que Jake pudesse protestar, seu pai disse:

— Tenho que ir. Meu jogo de golfe me aguarda — e desligou.



Na manhã de sábado, Jake tirou Noah da cama.

— Vamos, levante-se — disse Jake, balançando o pé de Noah.

Isso provocou um gemido e um murmúrio — Você não precisa ir trabalhar?

— Hoje não, tenho planos para nós — disse Jake. Foi até a janela e puxou a corda das cortinas, abrindo-as. A luz do sol brilhante se espalhou pela sala.

— Argh! — Noah gemeu, puxando o lençol sobre a cabeça.

— Vou preparar seu café da manhã — disse Jake — Esteja vestido, na cozinha, em dez minutos.

— Tenho planos para hoje, pai — disse Noah.

— Eu sei que você tem. Comigo — disse Jake — Dez minutos.

Demorou mais ou menos quinze minutos para Noah chegar na cozinha, o que foi bom, já que Jake estava espalhando abacate sobre duas torradas de trigo integral. Ele polvilhou um pouco de pimenta-do-reino e entregou o prato a Noah quando ele passou.

Noah grunhiu um “obrigado” e levou o prato para a mesa da cozinha. Jake serviu um copo grande de suco de laranja e colocou-o na frente do filho.

— Por que temos que acordar tão cedo? — Noah perguntou.

— Porque vamos aproveitar o dia — disse Jake — Tem algumas coisas por aqui que gostaria de ver, mas pensei que hoje poderíamos visitar aquele local, Newgrange — Noah havia mencionado isso algumas vezes.

— Newgrange? — Noah repetiu — Isso não é do outro lado do país?

— É. É no Condado de Meath. Achei que, se começássemos cedo, poderíamos chegar lá quando abrisse, sem pressa — disse Jake — Poderíamos parar para almoçar. Você pode escolher o restaurante.

— É que é tão cedo — protestou Noah.

— O sol nasceu e os fazendeiros já estão de pé — disse Jake.

Noah fez uma careta para ele — Os fazendeiros já estão de pé? O que isso tem a ver?

Jake encolheu os ombros. Ele já tinha ouvido vários tratores passando naquela manhã.

Não demorou muito para Noah juntar suas coisas e entrar no carro. Mas, se Jake esperava alguma conversa durante a viagem de três horas, estava enganado. Assim que ele tirou o carro alugado da garagem, Noah ligou o telefone e colocou os fones de ouvido.

Jake recostou-se em seu assento, determinado a não permitir que nenhum pensamento sobre Maggie, sua casa ou seu campo de golfe invadissem seus pensamentos e arruinasse seu dia. Ocupou sua mente com a paisagem, que era linda. Bucólica. Nunca tinha visto tantos tons de verde. O fluxo constante de pastagens onduladas e colinas suaves, pontilhadas de ovelhas e vacas, nunca deixava de surpreender. Achou relaxante e preferível ao engarrafamento que encontrava em sua cidade, na Califórnia.

Estavam a meia hora do destino, quando Noah tirou os fones de ouvido e disse:

— Sabe esse carro na nossa frente?

— Sim.

— Viu como a primeira parte da placa diz um-nove-um traço L-K seguido por mais números?

— Vi — disse Jake.

— Isso significa que o carro foi comprado no primeiro semestre de 2019 e registrado no condado de Limerick.

— Interessante.

— Olhe ali, aquele carro é de 2006 e é de Dublin — apontou Noah.

— Onde você aprendeu isso?

— Roisin me contou — disse ele.

— Então, sua viagem à Irlanda não foi um desperdício total — brincou Jake.

— Pai. — disse Noah, virando-se para olhar pela janela.

Noah passava muito tempo com Roisin. Jake estava feliz por ele ter feito

uma amizade. Desde que Noah comprara sua bicicleta, ele e Roisin pedalavam por Ballygap, todos os dias, às vezes com amigos de Roisin. Jake estava feliz por ele não ficar preso dentro de casa, olhando para uma tela o dia todo.

Procedendo com cautela, Jake disse:

— Ela parece ser uma garota legal.

Isso provocou um encolher de ombros em Noah — Ela é.

Jake optou por abandonar o assunto, não querendo estragar o dia deles. Imaginou que, se Noah quisesse que ele soubesse algo sobre ela, lhe contaria. Jake conhecera os pais dela e eles eram pessoas legais. Eles lhe disseram que se ele ou Noah precisassem de alguma coisa, era só avisá-los. Além disso, disseram que Noah era um cavalheiro, e o pai de Roisin disse que Noah era bastante articulado para um adolescente. Esse momento deixou Jake orgulhoso. Apesar de tudo, talvez ele e Nadine estivessem fazendo algo certo.

Noah olhou para o telefone e disse:

— Você sabia que Newgrange é mais antiga que Stonehenge e as Pirâmides do Egito?

— Não sabia. Conte-me mais — Jake solicitou.

Noah contou fatos sobre o local antigo — É um Patrimônio Mundial da UNESCO. Tem cerca de oitenta e cinco metros de diâmetro e treze de altura. A área cobre aproximadamente um acre.

Jake fez a escolha certa ao arrastar Noah para fora da cama ao amanhecer. O garoto estava animado para ver este lugar. Jake ouviu enquanto seu filho continuava a lhe contar sobre Newgrange.

Jake foi até o centro de visitantes e estacionou o carro. Ele e Noah foram comprar ingressos para o passeio.

O guia turístico explicou fatos sobre Newgrange, e Noah continuou olhando para o pai e balançando a cabeça, admirado. Ao se aproximarem do monumento, ficaram boquiabertos.

Noah disse o que Jake sentiu — Uau!

Na frente deles, havia uma grande estrutura em forma de cúpula. Estava cercado de pedras, mas o monte em forma de cúpula estava coberto de grama. As pedras em frente à entrada eram esculpidas com desenhos em espiral.

O pequeno grupo seguiu o guia turístico até a câmara interna, com Jake e Noah na retaguarda. O santuário interno era composto por grandes pedras. Era baixo, longo e estreito. Quando Jake entrou, seus ombros se apoiaram nas paredes da câmara. Não era algo para quem tinha claustrofobia, Jake pensou consigo mesmo. O guia explicou ao grupo como a luz do sol brilhava no interior, no solstício de inverno, desde que houvesse sol. O guia explicou ainda que todos os anos havia sorteio e os sorteados podiam entrar na câmara durante o solstício. Recebiam mais de trinta mil inscrições anualmente.

Noah, que estava na frente de Jake, disse:

— Isso seria tão legal!

Jake concordou.

Passaram o resto da tarde no local, encerrando com um passeio pela loja de presentes, onde Noah comprou um souvenir para sua mãe. Depois, saíram em busca de um almoço tardio. Noah fez uma pesquisa online e encontrou um restaurante vegano, a cerca de meia hora de carro. Embora Jake não quisesse nada mais do que um hambúrguer, concordou e eles foram comer alguma coisa. Durante toda a refeição, Noah ficou conversando. Jake decidiu não mencionar esportes ou a dieta de Noah.

No caminho de volta para Ballygap, Noah disse:

— Vovó e vovô me perguntaram se eu gostaria de ir para a França com eles, no próximo ano, durante o feriado da Páscoa.

A cabeça de Jake virou na direção de Noah.

— Quando você conversou com a vovó e o vovô? — e por que ele não sabia disso?

— Temos trocado e-mails.

— Desde quando? — Jake perguntou.

— Mandeí um e-mail para vovó, perguntando se ela tinha ascendência irlandesa — disse Noah — Ela disse que todos os seus ancestrais eram franceses, o que é legal, mas que a mãe do vovô era irlandesa. Os dois escrevem no e-mail, e dá sempre para perceber quando é o vovô, porque ele digita em letras maiúsculas! É como se ele estivesse gritando ou algo assim.

— Você envia e-mails para eles regularmente? — Jake perguntou, intrigado. Ele era totalmente a favor de Noah ter um bom relacionamento com seus avós.

Noah encolheu os ombros — Acho que sim. Vovó é hilária em seus e-mails. Ela me conta todas as coisas engraçadas que o vovô faz e que ele nem percebe que está fazendo. Você nunca diria que ele possui uma empresa multimilionária — Noah riu.

— Como o que?

— Vovô pratica suas tacadas de golfe em casa, embora não devesse, e, na semana passada, acabou quebrando um vaso caríssimo — Noah balançou a cabeça negativamente, incrédulo, com um amplo sorriso em seu rosto jovem.

Ficaram em silêncio, enquanto Jake tentava processar esta nova informação.

— Você está sorrindo como um *eejit* — disse Noah.

— Um *eejit*?

— Sim, Roisin disse que é assim que os irlandeses chamam os idiotas — disse Noah, rindo — Pai, você acha que mamãe vai me deixar ir para a França, com vovó e vovô?

— Não sei, mas vou conversar com ela sobre isso. Acho que é uma ótima ideia.

O dia foi um sucesso e tanto. Jake passou tempo com Noah e foi capaz de afastar Maggie e o desenvolvimento de sua mente.



No fim de semana, Maggie se encontrou com Lily e Eimear, para caminhar pelas falésias. Encontraram-se na casa de Lily. Estava um dia lindo para passear: o sol brilhava e não havia brisa.

O marido de Lily, Sam, atendeu a porta. Ele carregava o bebê Jack nos braços. O bebê estava babando no babador.

— Ei, Maggie, entre, Eimear já está aqui — disse Sam. Segurou a porta aberta para ela.

— Oi, Sam.

Havia algo de muito atraente num homem segurando um bebê, pensou Maggie. Ela se lembrou de quando Sam Rooney chegou a Ballygap, três anos atrás, para substituir o Dr. Tobin, que havia se aposentado. Sam era uma raça rara: tinha a aparência de uma estrela de cinema, com seu espesso cabelo preto e olhos azuis, e era gentil. Não demorou muito para que o batizassem de Swoony Rooney. Parecia que todas as mulheres da cidade precisavam consultar o médico. Mas, no final, foi Lily quem conquistou seu coração.

Maggie seguiu Sam para dentro, fazendo caretas engraçadas para o bebê, que olhava para ela por cima do ombro do pai. O bebê deu uma risadinha e Maggie sorriu.

— Minha mulher está lá em cima, tentando encontrar algo para vestir. Eu continuo dizendo que ela fica ótima em qualquer coisa, mas ela não escuta — disse, balançando a cabeça.

Maggie e Eimear se entreolharam e sorriram. Lily sempre foi sensível ao seu peso enquanto crescia, mas Sam estava tentando ajudá-la com isso. E Maggie achava que ele estava conseguindo. Desde o casamento, Lily havia florescido.

Lily desceu as escadas saltitando, sem fôlego — Ah, Maggie, Eimear, sinto muito por mantê-las esperando.

— Não se preocupe — disse Eimear. Olhou para seu Fitbit e disse:

— Mas vamos indo. Não quero demorar o dia todo.

— Por quê? Vai para casa folhear revistas de noivas? — Maggie provocou.

Eimear fez uma careta para ela. Lily olhou para suas duas amigas e riu.

Enquanto as três saíam pela porta, Lily disse a Sam:

— Não vou demorar. Só vou dar um passeio. Talvez tomar um café. Vamos tomar um café?

— Eu não seria contrária a ideia — disse Eimear.

— Vá, Lily — Sam disse com uma risada — Ficaremos bem, não é, Jack?

O bebê estava com o punho na boca. Lily se virou na porta e correu de

volta para o marido e o filho, dando um beijo de despedida em ambos. Sam sussurrou algo para Lily, o que resultou em uma risada e um rubor em sua esposa. Maggie sentiu inveja deles. Adoraria ter esse tipo de intimidade com alguém.

Saíram em direção a cidade e Maggie e Lily colocaram os óculos escuros. Eimear optou por apertar os olhos.

— Como estão indo os planos do casamento? — Lily perguntou a Eimear.

Eimear gemeu — Que canseira. Você sabe o que eu gostaria de fazer? Ir para Las Vegas e me casar com um imitador de Elvis.

— Então por que você não faz isso? — Maggie perguntou.

— Não sei. Não quero decepcionar as pessoas.

— É o seu dia. Faça o que quiser — disse Maggie.

Pedestres, ciclistas e pessoas empurrando carrinhos de bebê lotavam a trilha ao longo dos penhascos. O dia estava claro, o Atlântico estava calmo e a luz do sol brilhava na água escura, fazendo-a brilhar. Era um raro céu irlandês: quase nenhuma nuvem nele.

Eimear perguntou:

— Qual o problema de todas essas pessoas andando por aí com binóculos? — um lampejo de irritação passou por seu rosto. Maggie não sabia se era por causa do assunto ou pelo fato do sol estar em seus olhos.

— Observadores de pássaros — disse Lily — Eu não sei o que está acontecendo. Eles estiveram no café, a semana toda. Tudo o que posso dizer é que eles gostam de café e quitutes!

Maggie observou todas as pessoas com binóculos. Eimear estava certa; parecia haver um excedente deles.

— O que você vai fazer sobre sua casa? — Lily perguntou a Maggie.

— O que os observadores de pássaros têm a ver com a casa dela? — Eimear perguntou.

— Nada. É sobre o novo desenvolvimento. O campo de golfe e o resort — disse Maggie.

— Como isso afetará sua casa? — Eimear perguntou.

— Eles estão comprando todas as propriedades adjacentes à fazenda McDougal — explicou Lily.

— Você vai vender sua casa? — Eimear perguntou, franzindo a testa — Mas você ama aquele lugar.

— Não quero vender, mas posso ser forçada a isso — disse Maggie.

— Se você não quiser, então não venda — disse Eimear.

Maggie desejou que fosse tão simples.

— Ela pode não ter escolha — disse Lily.

— Por quê?

— Não sei a legalidade disso, mas eles podem me forçar a vender.

— Isso não está certo! — Eimear disse, sua voz subindo uma oitava. Parou de andar, bem no meio da trilha — O que você vai fazer sobre isso?

— Ainda não sei — disse Maggie.

Eimear balançou a cabeça — Isso não é bom o suficiente. Vá ver um advogado, imediatamente. Não demore.

Lily ergueu uma sobrancelha.

— Eu irei — Maggie prometeu. Eimear estava certa. Era hora de consultar um advogado e ver seus direitos sobre tudo isso. Se é que existisse algum.



Às quintas-feiras, Abril abria a loja, enquanto Maggie dava aulas de tai chi, pela manhã. Maggie havia planejado dormir até mais tarde, mas acordou cedo, com o nascer do sol, após uma noite agitada. Depois de uma longa caminhada na praia, com Rufus, Daisy e Twinkle, comeu uma boa tigela de mingau e preparou uma xícara de chá de rooibos.

Maggie sentou-se à velha mesa de madeira da cozinha, com sua xícara de chá. Tinha algum tempo antes da aula.

Só conseguia pensar em duas opções: vender para a empreendedora ou enfrentar a empresa americana e lutar para salvar sua casa. Pegou papel e caneta e listou os prós e os contras de cada decisão.

Se ela vendesse a casa, poderia pegar o dinheiro e se mudar para qualquer lugar. Poderia recomeçar, um novo começo. Poderia ter uma casa totalmente nova. Uma casa cujas paredes não tivessem dezoito centímetros de espessura ou fossem irregulares. Um piso que não fosse tão inclinado, a ponto de a manteiga na frigideira de ferro fundido se acumular de um lado. Água quente instantânea, em vez de precisar ligar o aquecedor elétrico e esperar a água aquecer. As coisas que ela seria capaz de fazer ou ter. A lista era interminável.

Olhando em volta, seus olhos pousaram na foto emoldurada, dela e de seus avós, no dia da formatura da faculdade. Nana e seu avô a flanqueavam, os braços em volta dela, radiantes. Um nó se formou em sua garganta e seus olhos arderam. Depois de tudo o que fizeram por ela, como poderia simplesmente vender a casa que lhe deixaram?

Não havia nenhuma maneira que ela pudesse deixar a casa que ela aprendeu a amar. Para onde quer que ela olhasse, havia uma lembrança. Da vida dela lá. De seus avós e de tudo que eles fizeram por ela, depois que seus pais morreram. Não conseguia se imaginar morando em outro lugar. Como poderia?

Perguntou-se se teria algum apoio de alguém da cidade. Haveria algumas pessoas, como Olive, que se preocupavam com o meio ambiente. Havia aqueles que não ficariam muito entusiasmados com a cidade sendo invadida por turistas. E, certamente, haveria algumas pessoas que se oporiam a isso, porque detestavam qualquer mudança. Mas a perspectiva de empregos oferecidos como uma cenoura era muito atraente para muitas pessoas. E Maggie concordaria, se as coisas fossem diferentes.

Eimear estava certo. Precisava entrar em contato com um advogado. Escreveu isso em sua lista e destacou. Se ela tivesse quaisquer direitos, seria útil descobrir quais eram.

Jake poderia não obter a permissão de planejamento imediatamente, mas

isso não significava que Maggie deveria esperar para saber o resultado. Era melhor jogar no ataque do que na defesa.

Maggie olhou pela janela e viu que o céu estava cinza e suspirou.

E havia, claro, os contras do próprio resort. Será que bolas de golfe voadoras arruinariam a trilha de caminhada que contornava os penhascos? É difícil desfrutar de um passeio tranquilo, se você estiver se esquivando das bolas de golfe. E o próprio resort? É verdade que junto com os turistas vinha dinheiro extra, mas será que eles invadiriam Ballygap? Será que a pitoresca cidade litorânea se transformaria em um lugar decadente? E quanto aos bares ou discotecas do hotel?

Algumas pessoas da cidade vieram à mente e Maggie rabiscou seus nomes em sua lista. A sua próxima coisa a fazer seria contactá-los sobre a formação de uma coligação, para se opor à construção deste campo de golfe e resort.

O que ela tinha a seu favor era que, na Irlanda, a autorização de planeamento para o desenvolvimento empresarial era um processo notoriamente lento. Não era como se ela fosse ser expulsa pela manhã, com todos os seus pertences, enquanto arrasavam sua casa atrás dela. Tinha tempo. Mas era melhor estar preparada para não ser pega de surpresa.

Jake Ballard já devia ter solicitado permissão de planejamento, porque uma reunião foi organizada.

Mas Maggie não iria apenas ficar sentada, esperando para ouvir qual seria a decisão final. Era hora de começar a expressar suas objeções.

Depois de um tempo, deixou isso de lado e mudou sua mente para outras coisas mais imediatas: como a aula de tai chi que ela precisava assistir e a reunião de organização da Corrida Divertida de 5km, que aconteceria no sábado, no salão paroquial.



O salão paroquial da cidade era o cenário perfeito para a aula semanal de tai chi de Maggie. Havia começado a aula, dois anos antes, e havia se estabelecido na comunidade. Inicialmente houve alguma resistência e sua primeira aula contou com apenas dois participantes. Para não se deixar intimidar, Maggie seguiu em frente, e agora sua turma havia crescido para respeitáveis treze alunos, incluindo sua tia Eileen.

Maggie usava calças pretas de ioga e uma camiseta grande, que chegava até as coxas. Havia prendido o cabelo em um coque solto e bagunçado e tirado as pulseiras do pulso, para não causar distração na aula.

Sua turma se dividia em onze mulheres e dois homens. Um dos homens, Mel, um açougueiro aposentado, procurou-a há um ano, depois de ter alguns problemas de equilíbrio. Depois que qualquer doença ou distúrbio neurológico foi descartado, seu médico de família, Sam Rooney, sugeriu aula de tai chi com Maggie.

— Vi que o ianque está aqui na cidade — disse Mel — Eles não perdem tempo, quando decidem fazer algo.

— Mas vai criar muitos empregos para a nossa região — disse Delia.

Maggie simpatizava com ela. Delia era viúva e tinha filhos adolescentes. Estava desempregada há vários anos.

Maggie disse:

— Vamos começar?

Depois que o grupo se formou em uma fila, Maggie os conduziu por uma série de exercícios de aquecimento. Ensinou a forma de tai chi de Pequim em doze passos.

Tinha acabado de guiá-los pelos movimentos de *Part the Wild Horse's Mane* e começado a *White Crane Spreads its Wings*, quando a porta nos fundos do salão paroquial se abriu e Jake entrou.

Maggie suspirou. Ele realmente iria incomodá-la aqui?

Quando Maggie encontrou seus olhos, ele sorriu para ela. Ela ignorou aquela sensação onde queria se derreter — Posso ajudar?

— Estou aqui para a aula de tai chi — caminhou em direção a ela, como se fosse o dono do lugar. Ela cerrou os dentes com a atitude dele. Quem ele pensava que era?

— Infelizmente, estamos na metade do nosso curso. Além disso, — acrescentou docemente — gostamos de deixar toda a energia negativa do lado de fora.

Ele riu e quando o fez, seu semblante relaxou. Ela gostava do jeito que os olhos dele se enrugavam nos cantos. Quase sorriu em resposta. Quase.

Ele encolheu os ombros, um sorriso persistente em seu rosto. Continuou a se aproximar, diminuindo a distância entre eles.

Maggie deu um passo para trás e engoliu em seco.

— A aula está fechada para pessoas de fora, então? — ele perguntou.

Maggie estremeceu com a implicação. Ela estava ciente de que todos os olhos do seu grupo viajavam entre ela e ele.

— Não, claro que não — disse, com a voz mais alta do que ela gostaria.

— Onde devo ficar, então? — ele perguntou, seus olhos sem deixar o rosto dela.

Ela queria dizer a ele para ficar no estacionamento, mas mordeu a língua — É, eu não me importo, encontre um lugar — disse e virou-se de costas para ele, seguindo em frente com a aula. Foram necessárias algumas etapas, até que toda a turma voltasse a sincronizar. Ela esperava que ele não os segurasse.

A última coisa que queria era que o homem, que estava tentando expulsá-la de sua casa, roubasse sua aula. E ainda assim, aqui estava ele. Ela suspirou e respirou fundo.

Ele encontrou um lugar no fundo da classe, ao lado da viúva, Delia. Enquanto Maggie encarava a turma, orientando-os nos movimentos, percebeu que a cada poucos minutos ele dizia algo para Delia que arrancava risadas e um sorriso da viúva. Ela nunca tinha visto Delia tão animada. A mulher teve uma vida difícil nos últimos anos. O marido morreu quando os filhos eram pequenos e não foi fácil. Eileen pagava por suas aulas de tai chi, o que só as três sabiam. Maggie tinha que dar crédito a Jake por conseguir fazer Delia rir.

Mas ela não pretendia chamá-lo de Homem do Ano.

Do seu ponto na frente da sala, continuou com a rotina do tai chi. Pelo canto do olho, vigiava Jake. Esperava vê-lo tendo dificuldades; esperava ter que apontar-lhe a forma correta. Queria lhe dizer que ele estava fazendo errado. Mas, ou ele era um natural, ou já tinha feito isso antes. No final do set, ela comentou sobre sua proficiência.

— Estudei sob a orientação de um mestre em Pequim — explicou ele.

Ah, que fino, ela pensou. Algumas das mulheres mais velhas da turma olhavam-no com admiração. Ela queria pular e avisá-las para não se apaixonarem por esse charlatão. Um lobo em pele de cordeiro e tudo mais.

Jake virou-se para Sheila, que estava mais perto dele, e disse que ela estava em excelente forma. Sheila, a bibliotecária local, que era tímida nos melhores dias, iluminou-se com o elogio. *Não caia nessa*, Maggie teve vontade de gritar. *Agente firme!*

No final da sessão, lembrou ao grupo sobre a reunião organizacional e a inscrição para a Corrida Divertida de Ballygap, no sábado. Como despedida, anunciou:

— Também terei um formulário de inscrição na loja, para qualquer pessoa que se oponha à transformação da fazenda McDougal em um campo de golfe — Jake sorriu e seus alunos assentiram, mas não disseram nada.

Geralmente, no final da aula, seus alunos ficavam conversando um pouco. Eles eram um grupo tão adorável. Mas, hoje, estavam encantados com o americano e cercaram-no. Até Mel estava conversando com ele. Maggie ficou distante, guardando suas coisas na mochila e tentando não revirar os olhos, toda vez que Jake dizia algo que resultava em uma gargalhada.

Se ele não estivesse tentando expulsá-la de casa, ela também ficaria encantada. Como não ficaria?

Sua tia se aproximou, olhou para os outros e baixou a voz — Não ligue para eles, Maggie. Assim que a novidade acabar, perderão o interesse. Confie em mim — Ela deu a Maggie um sorriso tranquilizador. Eileen sempre a protegeu, desde que Maggie se lembrava. Não pôde deixar de sorrir.

Maggie se despediu do grupo, disse que os veria na próxima semana e saiu com a tia, parando ao lado do carro da mulher mais velha.

Sua tia colocou a mão no braço de Maggie e olhou para ela — Como você está? Que tal almoçarmos, na próxima semana?

— Estou bem, sério. E sim, eu adoraria se almoçássemos juntas.

Maggie esperou até que sua tia entrasse no carro e acenou enquanto partia. Enquanto caminhava em direção a Slainte Mhaith, ouviu Jake chamar seu nome por trás.

— Maggie, espere — disse.

Em vez de parar, ela acelerou o passo.

— Maggie! — ele chamou, mais alto.

Quando as pessoas da cidade começaram a olhar para eles, ela parou. Sua loja estava à vista, mas, ainda assim, para evitar que as línguas se

espalhassem, parou no meio do caminho e deixou que ele a alcançasse.

— Ei, quero saber quanto devo a você pelas aulas — disse, e puxou a carteira do bolso de trás.

Ela franziu os lábios, sem perder o modo como ele disse “aulas” no plural. Com um sorriso tenso, ela perguntou:

— Você voltará para mais?

Ele encolheu os ombros e sorriu — Ficarei aqui durante o verão. Posso aparecer por aqui — colocou as mãos nos quadris e brincou: — Posso te dar algumas dicas.

— Posso te dar algumas dicas também — ela retrucou. Quem ele pensava que era? A audácia!

Ele riu, o que ela achou irritante. Sua atitude arrogante estava começando a lhe incomodar.

— Além da minha casa, o que mais você quer?

Ele sorriu novamente, levantando uma sobrancelha. Talvez isso funcionasse com outras mulheres, mas não funcionaria com ela. Não importa o quão bonito ele fosse, ela não sucumbiria aos seus encantos. Não se importava com o quão leve era o comportamento dele, lembrando-a de um dia de verão. Permaneceria em guarda. Não importa como se sentisse quando ele olhasse para ela, permaneceria decidida e o manteria à distância.

— Vai me deixar levá-la para jantar? — perguntou.

Em um universo paralelo, ela adoraria jantar com ele. E uma parte dela estava secretamente satisfeita por ele querer sair com ela. Mas sua postura endureceu e seus músculos ficaram rígidos — Para quê? Para você me encher de vinho e comida, até me tirar da minha casa?

— Talvez eu só queira conhecer você melhor.

— E então, depois de me conhecer, me expulsar da minha casa? — reclamou.

— Vamos lá, vamos deixar nossas diferenças de lado por uma noite e sair para jantar.

— Não, obrigada — virou-se para se afastar e ele a chamou. Ela o encarou.

— Maggie, se eu não estivesse construindo este campo de golfe, você sairia comigo?

Maggie deu um passo para trás e sorriu — Acho que você nunca saberá, não é?

Ela se virou e, com a loja logo à frente, acelerou o passo.

Quando Maggie passou pela porta da frente de sua loja, April estava no balcão, bebendo chá de alcaçuz em uma xícara de porcelana.

— Foi com o ianque que vi você conversando? Ele me lembra uma estrela de cinema — disse ela.

— Ele só tem aparência — Maggie murmurou, enquanto voltava para seu escritório.

Maggie fechou a porta do escritório e pensou: sim, se as coisas fossem diferentes, ela teria saído para jantar com ele. Nem teria que pensar sobre isso.



O plano de Jake para o dia era encontrar-se com os proprietários cujas casas faziam fronteira com a fazenda McDougal. Embora Greystone ainda não tivesse recebido permissão de planejamento, era melhor estar preparado para quaisquer obstáculos futuros. Entrou em contato com oito proprietários e marcou seis consultas. Havia dois que ele não conseguiu encontrar, mas continuaria tentando. Nem se incomodou em entrar em contato com Maggie. Ainda não. Mas ele iria falar com ela novamente.

Seu primeiro encontro foi com Peg O'Malley. Já havia falado com Peg uma vez, quando ela o abordou na reunião municipal. Era uma mulher que mal chegava a um metro e meio de altura, mas que o havia atacado com uma força que desmentia sua baixa estatura. Um tanto eufórica, nem se apresentou de imediato, apenas sorriu largamente e perguntou:

— Onde eu assino?

Ficou tão entusiasmada que Jake foi contra tudo o que lhe ensinaram e perguntou se ela gostaria de consultar seu advogado, mas ela o interrompeu e lhe disse para trazer a papelada, o mais rápido possível. É claro que ainda não havia nenhuma documentação elaborada, não antes da aprovação da compra da propriedade McDougal, mas isso não diminuiu o entusiasmo de Peg.

A casa de Peg O'Malley era um chalé antigo, em uma propriedade retangular, que levava diretamente aos penhascos e ao Oceano Atlântico abaixo. Junto à casa principal, encontravam-se as ruínas de uma antiga casa de pedra e numerosos anexos. Peg lhe dissera que não era mais uma fazenda funcional. Ele sabia, só de bater o olho, que a Greystone destruiria tudo.

O chalé era cor de pêssego, com detalhes creme nas janelas, e havia flores vermelhas por toda parte. Ele não conseguiu identificar nenhuma delas, além das rosas e dos gerânios, mas a sensação geral era de hospitalidade acolhedora.

Antes mesmo que ele levantasse a mão para tocar a campainha, a porta da frente se abriu e Peg ficou ali, sorrindo, com os olhos azuis brilhando.

— Entre, entre — disse, com um aceno de mão.

Seguiu-a para dentro e por um corredor estreito, até a cozinha, nos fundos da casa. Todo o lugar era revestido de papel de parede e carpete e tinha um cheiro agradável de baunilha. Havia uma grande samambaia num pedestal, que ele quase derrubou.

— Desculpe-me por isso, preciso fazer algo a respeito daquela planta. Mas ela prospera naquele canto por algum motivo. Cada vez que a tento mover para outro local da casa, ela começa a morrer.

Peg convidou-o a sentar-se à mesa da cozinha. Uma longa janela dava para o jardim dos fundos e, além dele, para o Atlântico. Mas Peg parecia alheia a isso, enquanto preparava duas xícaras de chá. Jake se perguntou se as pessoas se tornavam imunes a vista depois de um tempo. Talvez ficassem imunes aos seus encantos sem nem perceber.

Depois que o chá foi feito, Peg puxou uma cadeira ao lado dele na mesa. Era só sorrisos.

— Podemos ir direto ao assunto? — ela perguntou.

Jake riu — Podermos.

— Eu começo — disse ela.

Jake sorriu. Gostava dessa mulher.

— Não tenho nenhum apego a este lugar. Era a casa do meu marido. Quero me mudar para Espanha, mas quero um bom preço pela minha terra.

— Você não gosta daqui? — ele questionou, tomando um gole de chá. Bebia puro e esse era bem forte — É tão lindo — disse, olhando, pela janela traseira, para o oceano.

— Venha aqui em novembro ou janeiro — ela zombou — É muito melancólico.

Ele assentiu.

— Vamos lá — disse ela.

Jake teve que rir; não era como se ele fosse entregar a ela uma pilha de dinheiro naquela tarde. Mas ele a animou e explicou passo a passo o processo do que aconteceria, assim que recebessem a permissão de planejamento.

— Quanto você estava pretendendo pela aquisição? — ele perguntou.

— Bem, nada menos do que o valor justo de mercado — ela rebateu.

— Claro. Sugiro que você chame um avaliador aqui para lhe dar um valor, e usaremos isso como ponto de partida, quando conseguirmos autorização para fazer uma oferta — disse.

— Farei isso.

Ele terminou o chá, agradeceu o tempo dela e disse que entraria em contato.

Na porta, parou no meio do caminho e verbalizou seus pensamentos — Se ao menos todos pudessem ser tão amistosos quanto você, Peg.

Peg riu — Bem, historicamente, os irlandeses têm um forte apego às suas terras, mas acho que você se refere a Maggie Moran, não é? É mais do que isso para Maggie.

— O que você quer dizer?

— Quando Maggie chegou aqui, ainda jovem, ela estava uma bagunça. E quem poderia culpar a pobre criança? Acabara de perder os pais. Aquele primeiro ano não foi difícil apenas para ela, mas também para os Morans. Maggie matava aula e ficava fora até tarde, mas seus avós perseveraram e, depois de um ano, Maggie se acalmou.

— Terei que agir com cuidado — disse Jake. Passou o polegar pelo lábio inferior, olhando para o chão, perdido em pensamentos.

— Boa sorte com isso. Ela nunca venderá aquela casa.
— Veremos.
— Como eu disse, boa sorte. Vai precisar disso — disse, enquanto ele saía para a calçada.



Enquanto Jake caminhava para sua próxima reunião, notou um jovem ao longo da trilha que contornava a propriedade McDougal. Apesar de sua aparência jovem ele não devia ter mais de trinta anos), estava vestido sem se preocupar com estilo, com shorts cargo, camiseta e colete cargo. Jake observou com curiosidade o homem erguer o binóculo, espiar através dele e deixá-lo cair, pendurado no pescoço, enquanto rabiscava em um caderno, com intensa concentração. Ele repetiu essa rotina várias vezes, quando Jake se aproximou dele.

Intrigado, Jake perguntou:

— O que você está observando?

O jovem olhou para ele, surpreso — Só estou fazendo algumas anotações sobre a vida selvagem.

Jake sorriu e assentiu, presumindo que estava ali para fazer o estudo ambiental encomendado pelo conselho municipal. Não querendo interromper mais o homem, ele disse:

— Bem, vou deixar você voltar a isso.

Ao voltar para a cidade, olhou, por cima do ombro, para o homem e sorriu. O homem continuava a usar o binóculo e a fazer mais anotações. Parecia minucioso. Isso impressionou Jake. O conselho não perdia tempo em fazer as coisas acontecerem.



Jake estava se tornando um frequentador assíduo na cidade, e as pessoas começaram a acenar e a chamá-lo pelo nome, quando passava por elas. Isso não era bom apenas para os negócios, mas Jake descobriu que estava gostando de mergulhar na comunidade. E que melhor evento para participar do que a Corrida Anual Divertida de Ballygap? Principalmente porque isso lhe daria a chance de interagir com Maggie.

Jake colocou o panfleto que pegou no supermercado no balcão da cozinha. Noah estava de pé e vestido.

— Ballygap tem uma corrida anual divertida, 5km ou algo do tipo — Jake começou — O que acha?

Noah bufou — Acho que vou passar.

— Poderia ser divertido se fizessemos isso juntos. Além disso, pode ser uma boa maneira de conhecer pessoas enquanto estivermos aqui. Há uma inscrição acontecendo esta tarde — disse Jake.

Noah balançou a cabeça — Não vou passar o verão inteiro com meu pai. Que fracasso — vestiu uma capa de chuva leve quando começou a choviscar lá fora.

Jake franziu a testa — Onde está indo?

— Dar um passeio de bicicleta com Roisin — disse Noah, mas seu rosto ficou vermelho.

Jake observou o filho, esperando que a camaradagem que compartilharam em Newgrange não tivesse sido algo único. Decidiu que fariam algo juntos, em breve.

Depois que os pratos do café da manhã foram colocados na máquina de lavar louça, Jake partiu para o salão paroquial, onde a inscrição estava sendo feita. Estava ansioso por isso. Adorava correr, especialmente quando era por uma boa causa.

Ao se aproximar do salão, pessoas de todas as idades, homens e mulheres, entravam. Passou pelas portas duplas, ao lado de Olive, a octogenária, que conheceu na reunião municipal. Desde então, parecia encontrá-la em todos os lugares e, quando acontecia, sempre parava para conversar. Apesar de sua objeção ao desenvolvimento, ela estava sendo bem compreensiva.

Seus olhos se arregalaram e ela riu — Você novamente! Temos que parar de nos encontrar assim! — ela riu como uma colegial e acrescentou: — As pessoas vão começar a comentar.

— Deixe-os falar! O que nos importa? Jogue a cautela ao vento, Olive — ele brincou. Isso resultou em mais risadas.

— Ah, só você — disse ela.

— Poderíamos nos inscrever e correr juntos — sugeriu.

Ela bufou — Na minha idade, tenho sorte de conseguir ficar de pé. Mas obrigada por pensar em mim — disse, rindo — E, por mais que eu fosse adorar me juntar a você, cuidarei da cozinha nesse dia.

Jake assentiu, segurou a porta aberta para ela e a seguiu.

O salão paroquial estava lotado. No outro extremo, acima do palco, um banner anunciava a “8ª Corrida Anual Divertida de Ballygap”. Vários voluntários, com pranchetas e folhas de inscrição, estavam sentados atrás de uma longa mesa, paralela ao palco.

Jake ficou surpreso ao ver Noah chegar com Roisin. Ele ergueu uma sobrancelha para o filho e sorriu. Noah lhe lançou um olhar feio, mas, de resto, o ignorou.

Jake se aproximou deles — Olá, Roisin.

Noah revirou os olhos.

— Oi.

Jake observou o modo como Noah olhava de soslaio para a garota, com seus cabelos ruivos brilhantes e olhos verdes. Se ele não soubesse melhor (mas ele sabia), diria que seu filho estava apaixonado. Sorriu para si mesmo.

— O que traz vocês dois aqui? — Jake perguntou.

— Estamos nos inscrevendo para a corrida. Vamos pedalar, não vamos, Noah? — Roisin disse, olhando para Noah.

— Mas pensei que você tivesse dito... — Jake começou, prestes a contar a conversa deles naquela manhã.

Noah o interrompeu — Não importa, pai. Vamos, Roisin, vamos encontrar o formulário de inscrição.

— Tchau, Jake — disse Roisin, enquanto se afastavam.

— Divirtam-se — Jake gritou atrás deles.

Seu dia ficou ainda melhor quando avistou Maggie. Ela estava no meio da multidão, direcionando as pessoas para várias folhas de inscrição, na mesa. Jake a observou por um momento: a abundância de cabelos escuros, os penetrantes olhos azuis. Usava um vestido transparente, que balançava ao seu redor, enquanto ela se movia. Poderia ter ficado olhando para ela o dia todo. Quando ela o viu, fez uma careta. Jake se perguntou quanto tempo levaria para ela se acalmar. Mas então percebeu que, se construísse seu campo de golfe e ela perdesse a casa, nunca se acalmaria.



Maggie ficou satisfeita com o número de inscritos para a Corrida Anual Divertida de Ballygap. O evento envolveria um percurso de cinco quilômetros, para corredores e caminhantes, e um percurso mais longo para ciclistas. Olhando ao redor do salão, ela estimou que haveria voluntários e participantes mais do que suficientes. Cruzou os dedos para que o dia fosse um sucesso. E, esperançosamente, sem chuva.

Tom Duffy era o encarregado de organizar voluntários que permanecessem ao longo do percurso e orientassem os corredores. Havia outra lista para a organização pré-evento. Isso envolvia a colocação de placas que diziam “Corrida em andamento” e a pintura com spray de setas laranja fluorescentes na estrada, na direção da corrida. Eimear ficou encarregada de colocar estações de água engarrafadas ao longo do percurso. Olive supervisionava uma lista de voluntários, que a ajudariam nas tarefas da cozinha e na festa pós-corrida. Lily era responsável pela lista de lanches e guloseimas, e Eileen tinha a fila mais longa, na frente de sua seção da mesa. Essa era a fila para os participantes se inscreverem e pagarem sua taxa.

A aparição de Jake Ballard diminuiu o bom humor de Maggie. Ele apareceria em todos os eventos locais? Se tornaria parte da paisagem de Ballygap, como todos eles? Esperava que não. Ele parecia estar agradando a todos na cidade. Maggie achava isso patético.

Permaneceu focada no dia da corrida. Após a corrida, todos voltariam ao salão e haveria uma espécie de festa, além de sorteio de prêmios. Todo o dinheiro arrecadado na corrida iria para instituições de caridade locais, sendo a principal delas a Operação de Resgate do Penhasco de Ballygap. Nadadores e pedestres enfrentavam todo tipo de problemas, e a adição de uma unidade de resgate, quinze anos atrás, havia mudado o rumo do jogo. No ano passado, uma onda violenta arrastou um jovem para o mar, mas, felizmente, foi resgatado a tempo, evitando uma tragédia.

Jake era o próximo na fila, na frente de Eileen, aguardando sua vez. Decidindo que deveria fazer o possível para desencorajá-lo, Maggie se aproximou dele.

— Você vai participar da corrida? — perguntou.

— Vou. Estou ansioso por isso — disse.

— Não é necessário que você participe — disse ela. Desencorajá-lo, sem parecer rude seria complicado.

— Você está me proibindo de participar da corrida? — ele perguntou. Estava sorrindo. Ela desejou que ele não fizesse isso. Ou que não fosse tão

legal. Seria muito mais fácil não gostar dele, se ele fosse mau ou desonesto.

Foram interrompidos por Eileen — Sr. Ballard...

— Por favor, me chame de Jake.

— Jake, claro que você pode participar da corrida! Todos são bem-vindos e estamos muito satisfeitos em ter você conosco — disse Eileen. Ela lançou um olhar aguçado para sua sobrinha.

Maggie olhou para a tia como se ela tivesse enlouquecido. De que lado estava? Apenas dois dias atrás, na aula de tai chi, ela parecera simpática. Eileen levantou-se da cadeira, deu a volta na mesa e disse a Jake:

— Basta preencher o formulário e já estarei de volta — mudou-se para Maggie.

— Posso falar com você por um minuto? — Eileen disse, puxando a manga de Maggie.

Maggie seguiu a tia pela porta que dava para a cozinha vazia.

— O que você está fazendo? — Eileen exigiu — Não seja rude com Jake Ballard.

— Eu não quero que ele apareça aqui e aja como se fosse sua casa — disse Maggie.

— Não faz assim, Maggie. Esta cidade não é assim, e você sabe disso melhor do que ninguém — disse Eileen, suavemente.

Maggie, repreendida, sentiu suas bochechas ficarem vermelhas.

— Sei que isso é pessoal para você, mas ele está tentando fazer algo de bom — disse Eileen.

— O que mudou, desde quinta-feira? — Maggie perguntou, tentando manter a nitidez em seu tom.

— Tom me disse, esta manhã, que a Greystone fez uma doação substancial para a Operação de Resgate. É só o que eles estão falando por lá. Mas Jake não quer que ninguém saiba — Eileen ergueu as sobrancelhas e sussurrou: — Cinco dígitos.

Não havia segredos numa pequena cidade da Irlanda. Se Jake queria ou não que as pessoas soubessem, era discutível. De alguma forma, isso iria se espalhar e, se sua tia estava lhe contando essa notícia, então já estava se espalhando pela comunidade. Como um incêndio florestal. Isso perturbou Maggie. Ninguém poderia ver através dele?

— Você não vê que ele está tentando nos comprar? — Maggie sibilou, desapontada, porque sua tia parecia ser outra pessoa da cidade sob seu feitiço.

— Talvez ele esteja! — Eileen disse — Mas também sei que o dinheiro dele fará muito bem a Ballygap, e esta cidade precisa disso.

— Mesmo que isso signifique passar por cima das pessoas? — Maggie perguntou, sua voz subindo uma oitava.

Eileen suspirou — Nem todo mundo ficará feliz com esse desenvolvimento. Mas é para o bem maior da cidade.

Maggie olhou para a tia sem acreditar. Ela havia passado para o lado negro. Em apenas dois dias.

— Mas, e aqueles de nós que serão mais afetados por isso? — Maggie perguntou — Não temos direito de dizer uma palavra?

— Claro que tem! — Eileen disse — Mas a minoria nunca deve ditar a maioria.

— E a casa da Nana e do vovô? Isso não significa nada para você? — Maggie se irritou.

Algo brilhou atrás dos olhos de Eileen — Não seja ridícula.

Sua tia saiu e Maggie suspirou. Ela não queria brigar com a tia. Colocou a culpa em Jake Ballard.

Jake prestou atenção, na ponta da mesa. Maggie evitou essa área. As pessoas o cercavam e ela não pôde deixar de notar que eram todas mulheres, incluindo April. Ah, não, você também não.

Maggie se inclinou para ver quantas pessoas haviam se inscrito na lista de Olive.

Ao lado dela, Olive refletiu:

— Ele é tão charmoso. Seria difícil dizer não para ele — parecia pensativa — Se eu fosse muito mais jovem, deixaria que ele guardasse os sapatos debaixo da minha cama — suspirou.

Maggie olhou para ela, alarmada — Fique do meu lado, Olive. Estamos tentando salvar o litoral, lembra?

Olive saiu do transe, de repente — Ah, certo — riu — É difícil não gostar dele. É tão lindo.

— É com isso que ele está contando! — Maggie reclamou. Era a única que conseguia ver isso?

Maggie olhou para Jake, do outro lado do corredor, e estreitou os olhos. Outro dia, ela o pegou carregando as compras de Peg O'Malley para o carro dela. As mulheres mais velhas queriam um filho como ele, embora — olhou para Olive — em alguns casos não houvesse nada de maternal nisso. Garotas na casa dos vinte riam quando ele as saudava na rua. Como todas elas poderiam ser tão cegas?

Não havia nenhuma maneira dela sucumbir aos seus encantos. Ele usava seu charme a seu favor, isso era certo. Maggie ficou furiosa porque ele simplesmente entrou em Ballygap e esperava que todos caíssem a seus pés.

Enquanto ajudava a arrumar as mesas de sanduíches e bolos, Jake apareceu ao seu lado. Ignorou o cheiro inebriante de sua loção pós-barba. Ignorou como os finos pelos de seus braços se arrepiavam quando ele estava perto dela. Ou pelo menos, tentou. Isso não podia estar acontecendo, pensou. *Não posso achar o inimigo atraente.* Precisava ampliar um pouco seus horizontes, talvez ir a clubes com membros tanto masculinos quanto femininos. Ou, entrar em um aplicativo de namoro online.

— Posso ajudar em alguma coisa? — Jake perguntou.

Maggie se endireitou e sorriu — Acho que posso lidar com isso.

— Tem certeza? Eu poderia ajudar a carregar as travessas — ele tentou novamente.

Ele era patético.

— Olha, Sr. Ballard...

Jake a interrompeu — Eu não tinha percebido que estávamos em termos tão formais.

— Nós estamos — Maggie disse. Sob nenhuma circunstância ele deveria abrigar a ilusão de que eles se mantinham em termos familiares. Ou até mesmo cortesias. Olhou para o grupo de mulheres do outro lado da sala, que estavam ali, olhando para Jake — Você pode ter conseguido encantá-las, a ponto de poder entrar em suas calças, mas posso garantir que não fará o mesmo comigo.

— Mas você nem está usando calças — ele brincou.

Maggie o ignorou e acenou em direção ao grupo de admiradores — Você entendeu o que quero dizer.

Jake olhou na direção delas, sorriu e acenou em reconhecimento — Devo me esforçar mais, pois, até agora, todas as outras parecem estar sendo afetadas — colocou as mãos nos quadris e era difícil não perceber a maneira como seus bíceps esticavam as mangas da camisa. Maggie tossiu um pouco e se forçou a desviar o olhar.

— Argh! — bufou e se afastou, a risada dele ecoando em seus ouvidos.



Maggie ainda estava furiosa por causa de Jake enquanto estocava potes de mel de lavanda em sua loja, na manhã de segunda-feira. Ao colocar o estoque novo atrás dos potes antigos, seus pensamentos pareciam estar presos em um *looping*: ela não ia vender sua casa. Ponto final. Por que deveria ser forçada a se mudar, só porque alguém queria colocar seu taco de golfe para jogo?

Com a postura rígida e os lábios contraídos, tirou o último pote da caixa. Ele escorregou de suas mãos e caiu no chão, quebrando o vidro. O mel, espesso e dourado, escorreu pelo chão.

April apareceu ao seu lado, guiando Maggie para fora do corredor — Dê uma caminhada, respire fundo e eu limparei isso — instruiu.

Maggie assentiu, os lábios esticados em uma linha fina.

April fechou a porta atrás dela e Maggie ficou do lado de fora por um minuto, tentando regular a respiração. Respirou fundo, concentrando-se em suas inspirações e expirações, até que a ameaça de lágrimas se dissolvesse. O ar estava frio e ela havia deixado o poncho no escritório, nos fundos da loja. Não valia a pena voltar; iria seguir o conselho de April. Embora April tivesse seus defeitos, o que ela amava mais do que tudo era cuidar das pessoas. Maggie estava tentando orientá-la para a fazer enfermagem ou para algum tipo de medicina homeopática, mas April apenas dava de ombros, segurando sua xícara de chá, e dizia: “Estou feliz aqui. Ajudo as pessoas daqui.

Maggie começou a andar e chegou ao centro da cidade. Olhou em volta, prestando atenção especial aos negócios e às lojas fechadas com tábuas. Parecia que, a cada ano que passava, outro negócio fechava as portas, pela última vez. No ano passado, tinha sido o Keely's, uma lojinha que vendia todo

tipo de utensílios domésticos, de lençóis a desentupidores. Costumava acompanhar a avó lá em algumas ocasiões. Mas o Sr. Keely, que dirigia o negócio há quase sessenta anos, havia morrido e seus filhos não tinham interesse em continuar. Foi uma perda enorme para a cidade.

Passou por pessoas na calçada, balançando a cabeça ou sorrindo para elas, em reconhecimento. Uma até gritou:

— Ótimas notícias sobre o campo de golfe, não é?

— Ah, com certeza é — Maggie respondeu. Avistou o prédio de dois andares de seus advogados, *Gentilhomme, White & Sons*, e atravessou a rua correndo. Eimear estava certa; era hora de procurar aconselhamento jurídico.

Dan Gentilhomme havia nascido de mãe irlandesa e pai francês. Tinha sido o advogado de seus avós quando eles eram vivos, e ela mesma o procurou quando abriu seu negócio e quando redigiu um testamento. Ele estava envelhecendo, mas ainda era ativo.

Mary Masterson cuidava da recepção, na frente do escritório.

— Dan está, Mary? — Maggie perguntou. Mary, uma vizinha de Eileen, trabalhava na empresa, desde que ela funcionava.

— Está sim — respondeu Mary — Como vai você?

Maggie assentiu. Sabia que não veria o advogado, até que trocassem gentilezas e notícias entre elas.

— Estou bem. A loja está bem. Abril está bem.

Mary assentiu lentamente, satisfeita. Ela se levantou da cadeira, com as costas retas, e disse:

— Deixe-me ver se ele pode ver você agora.

— Obrigada, Mary — disse Maggie.

Mary logo voltou — Pode entrar, Maggie.

Maggie acenou em agradecimento e foi para a parte de trás do prédio, onde Dan tinha seu escritório.

O homem mais velho levantou-se da mesa, quando Maggie bateu e entrou.

— Maggie! Que surpresa agradável!

Maggie sorriu e assentiu.

— Sente-se, sente-se — disse ele — Posso pegar uma xícara de chá para você?

Ela balançou a cabeça e sentou-se na cadeira em frente à mesa dele, alisando o vestido por baixo do corpo.

O advogado estava mostrando sua idade. Seus cabelos grisalhos combinavam com sua palidez e ele parecia encolhido em seu terno. Seu escritório estava lotado de móveis e havia pilhas de arquivos em todos os espaços disponíveis: nas mesas, na escrivaninha e no chão. Devia haver décadas de papéis, com um único caminho livre da porta até a frente da mesa e ao redor dela. Maggie se preocupava que ele fosse tropeçar com todos esses obstáculos. Especialmente na idade dele.

— Estou aqui por causa da minha casa — Maggie começou, não querendo enrolá-lo.

Dan suspirou — E por causa do desenvolvedor americano, que provavelmente vai querer comprá-la de você.

— Exatamente — disse Maggie — Corro o risco de perder minha casa para este investimento, mesmo que não queira vender?

Dan hesitou. O coração de Maggie afundou. Ela esperava que Dan lhe fosse tranquilizar.

Ele recostou-se na cadeira e juntou os dedos — Depende do quanto eles querem sua propriedade. Poderíamos provar que eles ainda poderiam construir seu campo de golfe, sem adquirir seu terreno?

— Podemos provar isso? — Maggie rebateu.

Dan encolheu os ombros.

— Em que base legal eles estão? — ela perguntou.

— Existe uma coisa chamada ordem de compra compulsória, onde o governo pode tomar o seu imóvel, com indenização, é claro, mas sem o seu consentimento — explicou.

— Mas esse é o governo — disse ela. Entendia como isso poderia se aplicar a obras públicas, como estradas e outras infraestruturas, mas, a um campo de golfe? Isso não poderia ser inserido naquelas regras, poderia?

Dan tentou tranquilizá-la — Maggie, isso está apenas na fase de desenvolvimento. Muitas coisas podem correr mal: empresas vão à falência, economias entram em recessão etc. Tente não se preocupar com isso.

— Mais fácil falar do que fazer.

— Neste momento, a sua melhor aposta é interpor um recurso junto ao Conselho de Planejamento. Se o desenvolvedor obtiver permissão de planejamento, apresente sua objeção. Você teria apenas quatro semanas, então, não perca tempo. Se você perder o recurso e o Conselho de Planejamento aprovar o projeto, você poderá levá-lo ao tribunal — Ele fez uma pausa — Mas eu vou lhe dizer, Maggie, isso pode custar muito caro. E, se você perder, também poderá ser responsabilizada pelas custas judiciais do desenvolvedor — estudou-a por um momento e perguntou: — Isso vale a pena, sua ruína financeira?

Maggie engoliu em seco. Sua casa valia tudo para ela.

Dan voltou a conversa para brincadeiras gerais e Maggie tentou permanecer envolvida, mas não conseguiu. Sua mente acelerou e divagou.

Levantou-se — Já tomei bastante do seu tempo, Dan — agradeceu, apertou sua mão e saiu, mais desanimada do que antes.



Durante sua ligação para a Califórnia, Jake informou a seu pai que Maggie estava hesitante em concordar. Suavizou o golpe com a palavra “hesitante”.

— Pressione-a até fazê-la vender — disse Don Ballard.

— A casa dela tem trezentos anos — respondeu Jake.

— Você está do lado de quem?

Jake não sabia por que a estava defendendo.

— Só isso já é um bom motivo para comprá-la — disse seu pai — Você conhece aquele ditado: ‘Não se fazem mais algo como antigamente’? Bem, eu digo graças a Deus por isso!

— Pai, não vou sair por aí intimidando as pessoas — disse Jake. Ele não faria isso.

— Não seja mole, filho, isso são negócios.

— Você vai me deixar cuidar disso?

— Vou deixar você cuidar disso — disse Don.

Assim que os assuntos sobre negócios foram concluídos, Jake disse:

— Noah me disse que você está pensando em levá-lo para a França, no ano que vem.

— Sim. Ele tem nos enviado e-mails — Don riu — E, deixe-me dizer, Noah é um garoto inteligente e engraçado. Seus e-mails são a melhor parte do nosso dia.

— Então, França — disse Jake novamente.

— Sim, sua mãe está animada com isso. É claro, se você e Nadine concordarem — disse o pai.

— Vou falar com Nadine, mas não acho que será um problema — disse Jake. Nadine sempre se deu bem com os pais dele, principalmente com sua mãe.

— Será uma viagem agradável para nós três.

— Fico feliz. Parece divertido — disse Jake. Ficou surpreso com esse desenvolvimento entre Noah e seus pais. E ele era totalmente a favor.

— E ele tem uma namoradinha! Roisin parece ser adorável — disse o pai.

— Ele lhe contou sobre Roisin? — Jake perguntou, um pouco surpreso.

— Claro, ele pediu alguns conselhos a mim e à sua mãe quando conheceu a garota.

— Pediu? — Jake perguntou — O que ele queria saber?

— Ah, não posso te dizer — disse o pai, um pouco chateado — Isso trairia a confiança dele.

Jake revirou os olhos. Doeu um pouco que seu filho tivesse ido até os avós

em busca de conselhos e não até ele. Principalmente porque moravam na mesma casa, há três meses.

— De qualquer forma, ele é um ótimo garoto e sua mãe e eu estamos ansiosos para vê-lo quando ele retornar aos Estados Unidos. Dissemos a ele que se quisesse voltar mais cedo, poderia passar parte do verão conosco. Mas não acho que ele queira deixar Roisin — Seu pai acrescentou, rindo: — Ah, amor juvenil.



Jake saiu para correr pela manhã e depois foi dar uma olhada em Noah, que estava dormindo profundamente. Depois de tomar banho e fazer a barba, decidiu que tinha tempo para ver Maggie.

Quando a cabana de Maggie à beira-mar apareceu, os pensamentos de Jake se voltaram para ela. Ele se sentia como um adolescente apaixonado. Enquanto caminhava em direção à casa dela, seu coração disparou, deixando-o nervoso. Mesmo que ele fosse a última pessoa que ela quisesse ver. *Um masoquista, isso que eu sou*, pensou ironicamente, enquanto caminhava em direção à casa dela.

Tudo estava quieto. A porta holandesa estava fechada e, ele esperava, trancada. A bicicleta dela havia sumido. Devia estar na loja dela.

Jake olhou ao redor do local, com as mãos nos quadris, contemplando a ampla vista do Atlântico em uma direção e a cidade ao longe na outra. A vista por si só já seria motivo suficiente para alguém querer ficar.

Foi para a cidade e para a loja dela. Maggie não poderia evitá-lo para sempre. Mas o que o fato dele continuar voltando para ela dizia sobre ele, embora ela tivesse deixado claro seus sentimentos sobre ele e o seu investimento?

April estava sentada em um banquinho alto, atrás do balcão, fazendo quadrados de crochê tradicionais. Ela usava jeans rasgados e uma camiseta com o desenho de uma vaca acima das palavras *Amigos, não comida*. Assim que ele entrou, ela largou o crochê.

— Olá, mais uma vez — disse ela.

— Oi — Jake olhou ao redor da loja — Maggie está aqui?

— Ela está em seu escritório — disse April — Existe algo em que eu possa lhe ajudar?

— Não, eu gostaria de falar com Maggie.

— O escritório dela fica ali atrás — disse April, saindo de trás do balcão e indo em direção aos fundos da loja. Jake a seguiu, respirando o cheiro de incenso e outras fragrâncias que ele não conseguia identificar. Todas as lojas de produtos naturais tinham o mesmo cheiro? Seus olhos examinaram as prateleiras, que exibiam todos os tipos de vitaminas e sais minerais, ervas frescas, uma variedade de chás e cafés diferentes, produtos de limpeza totalmente naturais... nada de marca ou genérico por aqui. Cada centímetro de prateleira no pequeno espaço estava sendo usado.

Maggie estava sentada à sua mesa, com uma vela acesa à sua frente.

April franziu a testa — Por que você está queimando uma vela para tranquilidade? Qual o problema?

Vendo Jake por cima do ombro de April, Maggie disse:

— Não há nenhum problema. Só pensei em tentar algo diferente.

— Jake Ballard está aqui para ver você.

— Sim? — Maggie perguntou, olhando para Jake. Não lhe ofereceu uma cadeira, mas April veio em seu socorro.

— Por que você não se senta naquela cadeira aí? — April sugeriu, indicando a única cadeira extra no escritório de Maggie, mas Maggie descartou a sugestão.

— Não, isso não será necessário. O Sr. Ballard não vai demorar — disse Maggie.

April parecia confusa, o que Jake suspeitava ser um olhar recorrente, quando se tratava da assistente de Maggie.

— Ah! — ela disse, e ficou ali.

— Isso é tudo, April — disse Maggie — Não queremos atrasar o Sr. Ballard.

Jake tentou não se encolher quando ela se referiu a ele como “Sr. Ballard.” Isso o fazia parecer velho. Ou pelo menos mais velho. Mais velho que ela. O que ele era.

Depois que April saiu, Jake se encostou no batente da porta, meio divertido por ela não o ter convidado para entrar no santuário de seu escritório. Não se ofendeu com isso. Não era a primeira vez que ele havia irritado alguém, por causa de seus negócios.

— Estava esperando me sentar e conversar com você — disse, iniciando a conversa.

— Por quê? — ela perguntou.

Jake inclinou a cabeça e sorriu — Acho que sabe por que, Maggie.

— Para você, é senhorita Moran.

— Sua propriedade é uma das que preciso comprar, para que o resort saia do papel.

Seu queixo se ergueu e seus olhos azuis brilharam — Não está à venda.

Jake suspirou. Não importa onde ele fosse no mundo ou que propriedade desenvolvesse, sempre haveria alguém difícil. Alguém que jogaria duro com ele. Ou tentaria. Outra parte do seu trabalho era a diplomacia: encontrar uma solução agradável, tanto para a Greystone quanto para quaisquer resistentes. No passado, geralmente envolvia oferecer mais dinheiro. Mas, de alguma forma, Jake não achava que isso funcionaria com Maggie. Tinha que admitir que a respeitava por isso.

Ele não havia deixado passar a tempestade que se formara por trás daqueles olhos.

— Eu gostaria de ter a chance de mostrar que isso pode ser uma grande oportunidade para você.

Maggie pulou da mesa, pressionando os punhos cerrados em cima dela —

Quem é você para vir a Ballygap e me dizer que preciso recomeçar minha vida em outro lugar? Não vou recomeçar minha vida em nenhum outro lugar. Eu vou ficar aqui. Mas fique à vontade, construa seu campo de golfe, só me deixe fora disso...

— Ah, estou interrompendo? — perguntou uma voz atrás de Jake. Era a Olive.

— Você está me perseguindo, Olive? — Jake brincou.

Olive gaguejou, então percebeu que ele estava brincando e deu um tapa de brincadeira no braço dele — Ah, larga de ser engraçadinho, Jake.

Maggie saiu de trás de sua mesa, o vestido transparente colado em suas curvas — Olive, como posso te ajudar? O Sr. Ballard já estava de saída.

— Estou tendo dificuldade para dormir — a velha olhou para Jake e piscou — Todos esses desenvolvimentos recentes têm me deixado acordada a noite toda.

— Bem, vou deixar vocês resolverem — disse Jake com um sorriso para a velha. Ele olhou para Maggie, mas ela fechou a cara para ele.

Teria que descobrir uma nova abordagem. Ela não facilitaria as coisas para ele, isso era certo. Mas como ele poderia convencê-la? Se havia uma coisa que Jake gostava, era de um desafio.



Maggie observou Jake sair, sentindo-se nervosa. Empurrando-o para longe de sua mente, ela se virou para Olive — Você disse que está tendo problemas para dormir?

Uma das muitas coisas que Maggie gostava em Olive era que estava sempre aberta a experimentar coisas novas. Dizia que se era recomendação de Maggie, funcionava.

— Sim, não sei por que — Olive suspirou — Quero dizer, por tudo que é sagrado, desenvolver insônia, na minha idade!

Maggie riu, mas depois perguntou:

— Algo está te incomodando? Está preocupada com alguma coisa?

Olive balançou a cabeça — Você me conhece, Maggie, eu deixo o Senhor cuidar das minhas preocupações. Esse é o trabalho dele. Já tenho o suficiente para fazer.

Maggie sabia que isso era verdade. Olive estava envolvida em quase tudo, em Ballygap, desde o Comitê de Melhorias Urbanas até Clube das Flores e a organização da viagem de ônibus para o santuário de Nossa Senhora, em Knock.

— Acho que posso ter algo para você — disse Maggie, abrindo uma gaveta em sua mesa. Pegou um pequeno borrifador e entregou a Olive.

— É óleo de lavanda. Eu mesma faço — disse Maggie — Basta borrifar um pouco no travesseiro, à noite. É muito relaxante.

— Adoro o cheiro de lavanda — disse Olive entusiasmada, virando o frasco em sua mão nodosa.

— Tente isso primeiro e, se não funcionar, me procure de novo — disse Maggie.

Olive apertou o borrifador e uma névoa leve com aroma de lavanda preencheu o espaço entre elas — Ah, isso é adorável. Quanto devo a você por isso, Maggie?

Maggie balançou a cabeça — Nada, eu mesma faço isso com a lavanda que cultivo.

Olive franziu a testa — Você deveria cobrar por isso.

Maggie riu.

— Deixa para lá — disse Olive — Vejo que não vai adiantar nada falar com você.

Maggie acompanhou-a para fora e Olive fez uma pausa e olhou ao redor do interior da loja — Já que estou aqui, vou aproveitar para pegar mais açafraão.



Assim que Olive saiu, os pensamentos de Maggie voltaram para Jake e sua razão por estar em Ballygap. Respirando fundo, desabou na cadeira, tentando não deixar que cada encontro com Jake Ballard a enervasse. Até agora, estava falhando.

Poderia facilmente não gostar dele por querer sua casa. Só isso deveria fazer com que ela o odiasse. Mas Jake Ballard tinha muitas qualidades atraentes, que tornavam difícil para ela não gostar dele. Além de bonito, também era engraçado e gentil. Ela tinha visto como ele conversava com todos que conhecia. Parecia que sempre tinha tempo para as pessoas. Parecia genuíno. Já fazia muito tempo que ninguém mexia com a cabeça dela assim. Apreciava a forma masculina em toda a sua glória, mas raramente ficava tão perturbada com ela. Nunca tinha achado atraente um homem que estava tentando tirar algo dela. Isso seria suficiente para perturbar qualquer um.

Suspirando, tirou alguns fios de cabelo soltos da testa e tentou se acalmar. Era melhor se concentrar nos motivos pelos quais não gostava dele.

Mas, em vez disso, ela se perguntou como seria ser segurada em seus braços. Envolvê-lo com os braços, puxá-lo para perto e respirar sua loção pós-barba. Qual seria a sensação de ouvi-lo sussurrar em seu ouvido, seu hálito quente em seu pescoço? O pensamento a fez querer fechar os olhos e suspirar.

Inclinou-se para frente e enterrou o rosto nas mãos. Como ela era capaz de ter uma paixonite por esse homem?

Já fazia muito tempo que não sentia uma paixonite por alguém. Teve um turista alemão, no ano passado, o ciclista. Com o incentivo de seus amigos, ela reuniu coragem, logo antes dele partir, para lhe contar como se sentia, esperando um relacionamento à distância, ou pelo menos alguém para quem enviar e-mails, mensagens de texto ou cartas. Ela estava confiante de que ele sentia o mesmo que ela. Ele tinha que sentir. Tinha que sentir.

Só que não. Ele não sentia. O alemão pareceu surpreso e não escondeu isso, e ela teve vontade de enfiar o rabinho entre as pernas e correr de volta para casa. A partir desse momento, se tornou muito mais cautelosa com os homens. E precisava ser ainda mais com Jake Ballard. Não havia maneira de contornar isso; estavam lutando em lados opostos de uma grande batalha.

Continuaria se lembrando disso. Esperançosamente, se dissesse isso a si mesma repetidamente, não apenas diminuiria o lugar dele em sua mente, como também diminuiria o desejo que sentia por ele.

Desanimada, Maggie saiu do escritório e foi até a frente da loja. Esperava que April a distraísse com alguma conversa. April não a decepcionou. Sua assistente estava com os ânimos a flor da pele por causa de uma grande parte da geleira polar que estava se dividindo e caindo no oceano. Grata pela distração, Maggie colocou o braço em volta da garota e tentou confortá-la.

— April, sei que você está chateada. Mas deveria estar orgulhosa de si mesma. Está fazendo tudo que pode para salvar o meio ambiente — disse Maggie — Você coloca seus contemporâneos no chinelo.

Os olhos de April estavam cheios de lágrimas que ameaçavam transbordar

a qualquer momento. Mas ela conseguiu assentir e Maggie apertou seu ombro. Maggie entregou a April um lenço de papel para enxugar os olhos.

A porta se abriu e um jovem cruzou a soleira. Não era familiar para Maggie.

O estranho parecia ter quase trinta anos e usava um chapéu cáqui e um colete cáqui com bolsos sobre uma camiseta e shorts cargo. Seu conjunto era completado com meias grossas de lã, botas de caminhada e um par de binóculos pendurados no pescoço. Tinha cabelos castanhos curtos e encaracolados e usava óculos de aro metálico.

— Bem, olá, estranho — disse April, enxugando os olhos e se recuperando rapidamente de seu lamento sobre a geleira ártica.

Maggie revirou os olhos.

— Ah, uh, oi — ele disse, olhando em volta, seus olhos parando no cardápio de café atrás do balcão.

Maggie deu-lhe um minuto e perguntou:

— Como podemos te ajudar?

— Eu gostaria de um café para viagem — olhou de volta para o cardápio — Cappuccino, por favor.

— Deixa comigo! — disse April e foi fazer o café. Maggie nunca tinha visto April se mover tão rápido.

— O que o traz a Ballygap? — Maggie perguntou.

O homem iluminou-se e exclamou: — Codornizão!

— Desculpe, o que? — Maggie inclinou a cabeça enquanto April ria atrás dela.

O homem sorriu — Ah, desculpe. O codornizão. É um pássaro. Sou da Sociedade Irlandesa de Observadores de Aves. Meu nome é Nigel Hayes — apertou a mão de Maggie e então estendeu a mão por cima do balcão e apertou a de April.

— Solte a mão dele, April — Maggie sussurrou.

April soltou com relutância, e Nigel empurrou os óculos para cima do nariz e corou.

Ah, cara, pensou Maggie.

Nigel desviou o olhar de April e olhou para Maggie — Alguém nos enviou um e-mail com a foto de um pássaro que nunca tinha visto antes. Vim para ver. Ainda não o vi pessoalmente, mas estarei aqui alguns dias para procurá-lo. Estamos esperançosos, é claro.

— Onde foi visto? — Maggie repetiu.

— Ao longo das falésias.

— Você tem uma foto? — April perguntou, deslizando seu café pelo balcão — Só para que possamos ficar de olho também.

Nigel tirou o telefone de um dos muitos bolsos e passou o dedo na tela algumas vezes. April saiu de trás do balcão e ela e Maggie se inclinaram sobre o telefone. Nigel tinha uma foto que mostrava um pássaro com peito cinza e asas castanhas. Sua cabeça tinha bochechas cinza-azuladas e bico curto.

Embora Maggie gostasse de pássaros, especialmente porque anunciavam a chegada da primavera, não estava familiarizada com as várias espécies.

— É um pássaro raro? — April perguntou.

— Costumava ser abundante aqui em County Clare, mas não mais. Está ameaçado de extinção.

Os olhos de April se arregalaram.

— Você acha que há mais de um? — Maggie perguntou.

Nigel sorriu — Temos esperança. Estou voltando para ver se consigo localizá-lo — disse, olhando de relance para April.

— Você gostaria de companhia? — April perguntou, sorrindo.

— Eu adoraria — disse Nigel.

Maggie, fazendo algo que nunca tinha feito antes - bancar o Cupido - disse:

— Quer saber, April? Acho que está tudo certo por aqui, se você quiser tirar o resto do dia de folga.

April assentiu — Sim, Mag, acho que vou.

April saiu com Nigel, os dois sorrindo um para o outro. Maggie sorriu. Pena que a atração nem sempre era fácil assim.



Ao se aproximar de sua casa, Jake notou Noah do lado de fora, parado no muro de pedra que separava a casa deles da vizinha. Do outro lado da parede estava Roisin.

Bem, isso é interessante, pensou Jake. Não conseguiu ouvir a conversa, mas Noah disse algo que resultou em uma risadinha da garota.

Enquanto caminhava em direção à porta da frente, os cumprimentou com um aceno de cabeça, não querendo interromper. Noah revirou os olhos e a garota riu novamente.

Jake imaginou que continuaria bancando o pai careta e não disse nada, mas entrou em casa e desapareceu de vista.

Passaram-se vinte minutos antes que Noah entrasse em casa. A água do espaguete tinha começado a ferver. Jake adicionou um pouco de sal e depois o macarrão e mexeu.

— Você parece estar passando muito tempo com Roisin — disse Jake. Pré-aqueceu o forno para colocar o pão de alho e esvaziou um pote de molho em uma panela.

Noah encolheu os ombros — Estamos apenas nos divertindo — então, depois de um momento, ele acrescentou: — Ela é legal.

Jake cobriu uma assadeira com papel alumínio e tirou um pão de alho do congelador — Apenas se cuide, entendeu?

— Pai! — Noah bufou.

— Sim — disse Jake. Essas conversas nunca são fáceis. Mas ele já tinha tido dezessete anos e se lembrava muito bem como era.

— Você tem que estragar tudo?

Noah saiu da sala e Jake gritou atrás dele:

— Jantar em quinze minutos!

— Que seja! — Noah gritou.

Essa conversa correu bem. Maggie lhe veio à mente e Jake pensou: *Tenho um jeito e tanto com as pessoas*.



Jake esperou três dias, antes de ir atrás de Maggie novamente. Passou na Slainte Mhaith para se certificar de que estava fechada, antes de descer a encosta natural da estrada, em direção ao oceano, à praia e à casa de Maggie.

O sol havia começado a descer no horizonte e Jake podia ver as luzes acesas no pequeno chalé. Havia alguns pedestres no caminho. Alguns acenaram para ele, outros não.

Uma música fraca saía de uma janela aberta do chalé. Uma luz interior

lançava um brilho dourado no jardim, no cair da noite.

Limpando a garganta, ele bateu na porta. Houve a resposta imediata de cães latindo, o que fez Jake rir. A música parou e a metade superior da porta se abriu. Maggie ficou ali, emoldurada na porta, parecendo uma pintura. A mente de Jake ficou em branco por um momento.

— Pois não? — ela perguntou.

— Eu estava esperando que pudéssemos conversar — começou.

Maggie balançou a cabeça, antes mesmo que ele terminasse a frase — Isso seria inútil. Você quer minha casa e eu não quero vendê-la. Qual é o objetivo? — atrás dela, um cachorro gania, enquanto o outro latia. Ela mudou de posição e disse por cima do ombro: — Sai, Rufus, sai.

Era durona — Você pode ouvir minha proposta? — ele perguntou.

— Onde você diz que dinheiro não é problema e posso definir meu preço? — perguntou. Olhou para ele, incisivamente.

A expressão de Jake ficou tensa. Ela tinha uma resposta para tudo. Ele permaneceu imperturbável.

— Olha, algumas coisas não têm preço — disse Maggie — No mundo corporativo, o sentimento é descartável, se é que sequer existe.

— E você está baseando isso em...? — perguntou, tentando esconder sua irritação. Como a maioria das pessoas, não gostava de ser julgado.

Maggie sorriu e ergueu o queixo — Estou errada?

Não respondeu à pergunta dela, mas disse:

— Posso entender que você não queira vender, este lugar é impressionante — acenou em direção aos penhascos e ao oceano — Mas talvez haja outras opções para você.

— Como o que?

— A Greystone poderia construir outra casa para você, em outro lugar, uma réplica exata desta.

— E viria com memórias fabricadas, ao invés das reais que tenho em minha casa?

Ele suspirou. Ela certamente não estava facilitando as coisas. E, no entanto, tinha que admitir que a determinação feroz dela era uma das muitas coisas que ele achava atraentes.

Jake permaneceu em silêncio.

— Boa noite, Jake — disse, enquanto fechava a porta.

Jake suspirou e saiu. Não dava uma dentro.



Durante o fim de semana, Jake fez alguns planos para ele e Noah. Encomendou uma cesta de comida, que pegou logo cedo, na manhã de sábado. A parte difícil foi despertar o interesse de Noah, que estava claramente desinteressado.

— Vamos, só levará algumas horas — disse Jake. Noah estava bombeando ar no pneu de sua bicicleta — Vamos subir aquela colina, ver algumas ruínas do castelo e tirar algumas fotos. Você pode enviá-las para sua mãe e seus

avós.

— Já fiz planos com Roisin — protestou Noah.

— É só remarcá-los — disse Jake — Diga a ela que você estará de volta no meio da tarde — quando Noah não respondeu, acrescentou: — Vamos, faça a vontade do seu velho.

— Está bem!

Durante a semana, Jake tinha ido até lá de carro e falado com o fazendeiro, dono da terra. O homem foi gentil e disse-lhe para ir no sábado de manhã, depois da ordenha. Jake perguntou que horas e quando o fazendeiro disse oito, Jake teve vontade de rir. Não haveria como Noah estar acordado àquela hora, então disse que eles estariam lá por volta do meio-dia.

Quando ele e Noah chegaram à fazenda, o fazendeiro estava em seu trator. Ele desceu e acenou, enquanto se aproximava deles. Era um homem baixo e magro, usava uma boina e galochas.

— Vou mostrar o caminho a vocês e aconselho que continuem nele, pois tenho um touro em um dos campos e vocês não vão querer mexer com ele — alertou.

Jake e Noah se entreolharam, as sobrancelhas levantadas.

— Além disso, a porta da torre está trancada com cadeado. Tive alguns problemas há alguns anos, com invasores causando danos — disse o agricultor, balançando a cabeça. Tirou uma chave de um chaveiro e entregou a Jake — Apenas traga de volta para mim quando for embora. Se você não conseguir me encontrar, pode deixá-la na casa — acenou em direção à casa de fazenda de dois andares.

— Sem problemas — disse Jake, guardando a chave.

Jake pegou o conteúdo da cesta de piquenique e o distribuiu entre duas mochilas, que agora carregavam. Seguiram o caminho, com Jake na frente e Noah logo atrás.

O dia estava ensolarado. O céu estava cheio de nuvens brancas e fofas, lembrando a Jake uma pintura de Paul Henry. O caminho estreito de cascalho e pedras era flanqueado do lado esquerdo por uma sebe compacta de abrunheiros. Quando os dois chegaram à base do morro, o caminho terminava, mas dava para ver uma trilha feita pelo homem, que subia pela encosta do morro.

A colina era mais íngreme do que Jake imaginara e demorou quase uma hora para subi-la. Não tanto pela altura, mas pelo terreno rochoso e irregular. Conversaram pouco, cada um deles concentrado em seu equilíbrio. No meio da colina, Jake ficou sem fôlego.

— Pai, quer parar e descansar? — Noah perguntou por trás.

— Não, estou bem — falou Jake, olhando para o alto da colina, tentando avaliar a distância — Não falta muito mais.

— Bem, vá devagar, não há pressa — disse Noah.

Jake sorriu para si mesmo, perguntando-se qual dos dois era o pai.

Quando chegaram ao topo, foram recompensados por seus esforços. As

ruínas de uma torre quadrada, de pedra calcária, de seis andares, erguiam-se diante deles - embora a palavra “ruína” não parecesse adequada, já que estava em muito bom estado, por ter quase seiscentos anos de idade. As muralhas restantes do castelo foram reduzidas ao longo do tempo, até restarem apenas fundações.

A vista era incrível. Para oeste, viam Ballygap e, mais além, o Atlântico. A cidade estava situada entre o mar e as terras agrícolas que ficavam ao norte, ao sul e ao leste. Jake avistou a extensa propriedade da fazenda McDougal, mas não conseguiu ver a casa de Maggie.

— Isso é tão legal — disse Noah, olhando em volta.

— Vamos, vamos dar uma olhada lá dentro — disse Jake. Puxou a chave do bolso e destrancou a porta.

Havia seis andares e uma escadaria sinuosa de pedra. O interior estava escuro e vazio, exceto por alguns detritos e um corvo morto no chão. As seteiras permitiam a passagem de pequenas fendas de luz, o suficiente para que vissem o caminho. Subiram os degraus desgastados até o topo, examinando cada andar. Cada nível se parecia com o abaixo. No telhado, encontraram restos de palafitas, que teriam sido utilizadas por arqueiros. Percorreram o perímetro do telhado, apreciando a vista. Noah tirou algumas fotos com seu telefone, incluindo uma selfie dele e de Jake.

— Devíamos almoçar aqui mesmo — sugeriu Jake. O topo da torre, com as suas magníficas vistas, tornava o local perfeito.

— Boa ideia.

Eles se acomodaram em um lugar e tiraram o almoço das mochilas.

— Não sei como você consegue comer essa coisa fria — disse Jake, apontando para o recipiente de *tagine* marroquino de grão de bico de Noah.

— É bom, quente ou frio — disse Noah. Estendeu o recipiente para Jake — Aqui, experimente um pouco.

Jake pegou uma colherada. Tinha um toque apimentado, mas era saboroso — É bom.

— Você parece surpreso — disse Noah com uma risada.

— Posso perguntar por que você se tornou vegano? — Jake perguntou.

Noah encolheu os ombros — Obviamente, é sobre os animais. Eu me importo com eles — parecia ser a abertura que Noah precisava. Contou ao pai sobre a crueldade infligida aos animais. E foi bastante intenso sobre isso. Não pela primeira vez, Jake pensou que ele e Nadine deviam ter feito algo certo, se criaram uma pessoa tão carinhosa. Fez perguntas a Noah, querendo saber mais sobre seu filho. Era incrível para Jake como um filho podia ser tão diferente dos pais.

Antes do divórcio, Noah tinha um peixinho dourado, um canário e um hamster. Agora, na casa de Nadine, tinha um cachorro e dois gatos. Jake não tinha animais de estimação porque viajava muito. A conversa sobre animais o lembrou de Maggie e de seu próprio zoológico.

Talvez precisasse fazer mais perguntas a Maggie. Talvez fosse hora de

descobrir o seu porquê. Ou talvez fosse apenas hora de ouvir.



Maggie estava trabalhando sozinha na loja, quando Noah entrou com Roisin O'Connor. April pediu um dia de folga, para ajudar Nigel a rastrear o pássaro e encontrar um ninho. April podia não ser a funcionária mais motivada, mas era confiável. Raramente pedia folga e nunca ligava dizendo que estava doente. Desde que ela conhecera Nigel, passavam todos os momentos juntos. Na verdade, Nigel não parecia ter pressa em voltar para casa, onde quer que fosse, e Maggie se perguntou o quanto isso tinha a ver com a busca para encontrar aquele pássaro.

— Oi, Maggie — disse Roisin.

— Oi, Roisin, oi, Noah — Maggie os cumprimentou.

Noah a recompensou com um sorriso tímido e um aceno. Maggie viu como ele olhava furtivamente para Roisin. Era uma coisa maravilhosa ser tão jovem e tão cheio de esperança.

— Como está sua mãe? — Maggie perguntou, voltando sua atenção para Roisin.

— Está bem. Ela me mandou buscar um sabonete de lavanda sustentável e disse que eu deveria perguntar se você tinha pesto de algas marinhas — disse Roisin.

— Não nesta semana, mas terei alguns na próxima — disse Maggie — Vou separar para vocês.

Roisin assentiu, seus brincos de argola dourados balançando com o movimento de sua cabeça — Ok, vou dizer a ela.

— Pesto de algas marinhas? — Noah se perguntou em voz alta, olhando entre Roisin e Maggie.

— É tão bom — disse Roisin — Com biscoito ou pão integral.

— Vou ter que experimentar — disse Noah.

— Você quer um pote também? — Maggie perguntou.

— Claro, se não for incomodar — disse Noah.

— Não é problema algum — Maggie sabia que os Ballards moravam ao lado dos O'Connors.

— Vou pegar o sabonete e embrulhar para você. Quer café, Roisin? — Maggie perguntou.

— Sim, acho que vou querer. Um café com leite de soja — disse Roisin.

Maggie acenou e disse a Noah:

— E você? Gostaria de um café?

Ele encolheu os ombros — Um *chai latte*.

Maggie pegou os sabonetes da prateleira, embalou-os e colocou-os num

saco de papel pardo comum. Enquanto navegavam pela loja, ela preparava as bebidas. A adição da máquina de café à loja foi uma ótima ideia. Tinha sido um grande e complicado negócio, que custara milhares de dólares, e ela havia feito um empréstimo para financiá-la. Mas já se havia pagado, com quantas vezes as pessoas apareciam para tomar café e acabavam passeando pela loja e comprando.

Roisin estava conversando e Noah a seguia, enquanto pegavam as coisas da prateleira, olhavam para elas e as colocavam de volta.

— Suas bebidas estão prontas. Posso ajudá-los com algo mais? — Maggie perguntou.

Noah tomou um gole de seu café com leite — Eu gostaria que eles fizessem um saquinho de chá com gosto de *chai latte*.

— Você já experimentou o *chai*? — Maggie perguntou.

Noah assentiu — Sim, mas não é bem a mesma coisa.

— Espere — disse Maggie. Saiu de trás do balcão e foi até as prateleiras onde os saquinhos de chá estavam guardados. Puxou duas caixas e as levou de volta ao balcão.

— Isso é o mais próximo que cheguei, depois de muito experimentar — disse ao Noah, segurando as duas caixas diferentes de chá — Use um saquinho de *chai* e um saquinho de *Bengal Spice*. Não vai ficar desapontado. E, dessa forma, terá duas xícaras.

— Obrigado, Maggie, vou tentar — disse, sorrindo.

Roisin pagou seu pedido em dinheiro, insistindo em pagar para Noah. O adolescente parecia mortificado, mas murmurou um agradecimento. Saíram da loja carregando suas bebidas e suas pequenas sacolas marrons. A última coisa que Maggie ouviu Roisin dizer foi:

— Vamos caminhar até os penhascos?

Maggie sorriu e observou Noah encarar a garota ruiva, encantado.



Um dia antes da corrida, Maggie levou a tia para almoçar. Uma vez por mês, saíam para comer e sempre escolhiam um restaurante fora de Ballygap. Maggie ansiava por esses passeios, nem que fosse apenas para fugir um pouco da rotina e mudar de cenário.

Foram a cerca de trinta quilômetros de Ballygap, numa pequena aldeia, na fronteira entre Clare e Galway. Escolheram um antigo pub irlandês com teto baixo, interior escuro e música tradicional irlandesa. Maggie adorava esse tipo de lugar. Depois de uma rápida olhada no cardápio, optou por uma tigela de sopa de cenoura e pastinaca e um misto quente de presunto e queijo. A tia pediu salada de rúcula com verduras e uma tigela de sopa. Maggie esperaria para ver se havia espaço para a sobremesa, mais tarde.

— Você apresentou sua objeção ao Conselho de Planejamento? — Eileen perguntou, pegando a jarra de água e enchendo os copos.

Maggie balançou a cabeça — Ainda não. Estou esperando para ver se Jake consegue a permissão de planejamento ou não. Mas elaborei minha carta,

então está pronta para ser enviada — Maggie recitou as objeções que listou em sua carta.

— Bom — Eileen olhou para a sobrinha por um momento.

— O que? — Maggie perguntou — Tem alguma coisa no meu rosto?

— Não. Sua paixão em salvar sua casa é muito evidente — disse Eileen, olhando para ela — Não posso deixar de me perguntar se essa é a única coisa pela qual você está apaixonada.

Ciente de que sua tia estava olhando para ela, Maggie perguntou:

— O que você quer dizer?

— Não banque a desentendida! Acho que você pode ter uma queda por Jake Ballard — Eileen cortou a salada e mastigou pensativamente.

— Não sei do que está falando — Maggie gaguejou. Seu coração bateu contra o interior do peito.

— Eu acho que você sabe sim. É irônico, não é?

— Eu não consigo ver a ironia — disse Maggie. Deu uma mordida em seu misto quente.

— Você se apaixonou por ele?

Maggie balançou a cabeça, olhando em volta para ver se mais alguém estava ao alcance da voz. Não viu ninguém que reconhecesse.

Eileen ergueu uma sobancelha.

— Eu não me apaixonei por ele! — protestou, mas admitiu: — Posso estar me apaixonando por ele.

— Não vamos nos ater a detalhes, minha querida.

— É tão óbvio assim? — Maggie perguntou, sentindo-se um pouco enjoada.

— Só para mim — sua tia riu.

Maggie se mexeu na cadeira, colocou as mãos no colo e olhou para elas — De todos os homens do mundo, por que eu tive que me apaixonar por este? Quero dizer, sério, o que há de errado comigo?

— Não escolhemos por quem nos apaixonamos — disse Eileen calmamente.

— Suponho que não, mas, se esta é uma ideia de piada para Deus, não acho graça — Maggie olhou para sua tia — Você não vai contar a ninguém, vai?

Eileen pareceu ofendida — Claro que não! Além disso, para quem eu contaria?

— Apenas me prometa que não vai bancar a casamenteira ou algo assim — disse Maggie.

— Eu não precisaria. Vejo o jeito que ele olha para você — Eileen riu.

Maggie olhou para a tia, alarmada — O que você quer dizer?

— Quando Jake Ballard olha para você, é como se você fosse a única pessoa no ambiente.

Maggie ignorou o comentário da tia — Ele só está me olhando assim porque sou uma pedra no sapato dele!

— Eu não penso assim — disse sua tia — Por que vocês não tentam

encontrar um acordo? Uma solução onde você fica com sua casa e ele fica com o campo de golfe dele.

— Eu não acho que ele concordaria. Disse que precisa comprar as propriedades adjacentes, para que seu empreendimento avance.

Eileen encolheu os ombros — Há uma primeira vez para tudo. Saia para almoçar em algum lugar neutro. Mostre-lhe o quanto a casa significa para você. Porque você não pode vendê-la. Peça a ele um acordo que seja adequado para vocês dois.

Sua tia lhe dera algo em que valesse a pena pensar. Talvez pudessem encontrar uma solução que mantivesse os dois felizes. Uma solução onde ela não acabasse odiando. Porque, no fundo, não era isso que queria.



O dia da Corrida Anual Divertida havia chegado. Embora fosse um dia sombrio, o céu cinza-esbranquiçado estava claro. Maggie esperava um pouco de sol, mas estava grata porque, pelo menos, não estava chovendo. Um dia seco era um bom dia na Irlanda. Ela havia chegado ao salão paroquial duas horas antes do início oficial da corrida, para colocar as coisas em funcionamento. Uma equipe de voluntários cuidaria dos ciclistas, pois o percurso era mais longo. A outra equipe administraria os caminhantes e os corredores. Saíram cedo, marcando as estradas com setas em tinta laranja fluorescente e colocando placas ao longo do percurso, indicando a direção que deveriam seguir.

O percurso para os caminhantes e corredores percorria a cidade de Ballygap. Começava no salão paroquial, saía da cidade em direção ao mar e ao longo do caminho pedonal junto às falésias, e depois circulava de volta pelos campos agrícolas, até chegar novamente à cidade. Os ciclistas tinham uma versão ampliada do percurso. Tom Duffy e Sam Rooney dirigiriam o carro atrás dos ciclistas.

Olive e tia Eileen já estavam lá, organizando os voluntários. Lily estava lá com o bebê no carrinho. Eimear estivera no salão mais cedo, mas agora estava no percurso. Maggie adorava o dia da corrida.

Virou-se e esbarrou em Jake, que acabara de chegar, com Noah e Roisin logo atrás — Ah! Com licença — disse ela. Tentou não olhar para ele em sua roupa de corrida: uma camisa verde neon e shorts pretos, mas era quase impossível, dado o quanto ela havia gostado do que viu. Tentou se afastar, mas Jake segurou seu braço, a mão quente contra sua pele nua.

— Como você está, Maggie? — ele perguntou, examinando seu rosto.

— Estou bem.

Nenhum dos dois falou e o silêncio aumentou entre eles.

— É melhor eu... ir... entrar na fila ou algo assim. Falo com você mais tarde — disse ele, e, sem olhar para ela, foi embora.

Ela o observou partir, pensando em todas as coisas que eles nunca poderiam ser.



Mais tarde, naquele dia, todos os corredores, pedestres e ciclistas regressaram ao salão paroquial para se refrescarem. O evento transcorreu sem problemas, exceto pela chuva torrencial, que veio do nada, logo no final. Estavam parados no salão, sacudindo a umidade, enquanto a chuva batia no telhado e nas janelas.

Embora Maggie estivesse ocupada, ajudando Eileen e Olive na cozinha, com as bebidas, estava de olho em Jake. Em sua última corrida para colocar bandejas de sanduíches nas mesas, examinou o salão lotado, em busca de qualquer sinal dele, mas não o viu. Esperava que ele estivesse bem.

Noah e Roisin apareceram, entrando na fila para comer alguma coisa. Ela os cumprimentou.

— Vou trazer um pouco de pesto de algas marinhas, na segunda-feira — disse Maggie.

— Ótimo, estou ansioso para experimentar — disse Noah.

— Vou avisar minha mãe — disse Roisin.

Da forma mais casual possível, Maggie perguntou:

— Seu pai está aqui, Noah?

Noah e Roisin se entreolharam e sorriram.

Eu sou tão óbvia assim? Maggie se perguntou.

— Ele estava encharcado, então foi para casa — explicou Noah.

— Ah! — Maggie disse, incapaz de esconder sua decepção.

Avistou April e Nigel e pediu licença para falar com eles. April parecia apaixonada, submetendo Maggie a intermináveis conversas no trabalho, relacionadas a Nigel, isso ou aquilo.

— Olá, April, Nigel — disse. Embora a conversa ininterrupta de April sobre o observador de pássaros às vezes fosse um pouco exagerada, Maggie achava que os dois combinavam muito e ela realmente estava feliz por eles.

— Como anda a observação de pássaros? — Maggie perguntou — Qual é o nome mesmo? Um codornizão?

— Isso mesmo — disse Nigel.

— Nigel é um entusiasta dos pássaros, Maggie, não um observador de pássaros — disse April.

— Qual é a diferença? — Maggie perguntou.

— Um entusiasta viaja para ver pássaros; um observador de pássaros percebe pássaros ao longo de suas viagens — Nigel pegou um sanduíche em formato de triângulo do prato e enfiou-o na boca.

— Você pode me contar um pouco sobre o pássaro? — perguntou.

Nigel levantou um dedo enquanto terminava de mastigar e depois engoliu — O codornizão costumava ser uma ave comum na Irlanda. São pássaros de verão, da família das saracuras e dos ralídeos. Mas sofreram um declínio drástico e agora estão ameaçados de extinção.

— Ah, isso é horrível.

— Adivinha, Maggie? — April disse, radiante. Maggie franziu a testa.

Esperava que April não anunciasse algo como ela estar noiva de Nigel.

— O que?

— Eles avistaram o pássaro na fazenda McDougal.

Maggie olhou para sua assistente — O que?

— É onde o pássaro foi avistado.

A mente de Maggie fervilhava de possibilidades. Ela se virou para Nigel — A presença desta ave na fazenda McDougal seria suficiente para interromper a produção do campo de golfe? — tentou não ficar animada. Não queria ter muitas esperanças.

— Talvez — disse Nigel.

Maggie franziu a testa — Por que apenas talvez?

— Porque eu mesmo ainda não o vi — disse Nigel.

— Não foi por falta de tentativa — disse April — Nigel está lá todos os dias com sua câmera.

— Mas, se você conseguisse encontrar o pássaro, poderia impedir o desenvolvimento no local? — perguntou, esperançosa. Ela mesma procuraria o pássaro se fosse necessário.

Nigel assentiu — Provavelmente. Mesmo que o pássaro tenha sido avistado apenas perto dele.

Maggie estava animada com a perspectiva de que um passarinho fosse salvar sua casa. E ela rezou para que Nigel o encontrasse.



Na manhã de segunda-feira, Jake optou por começar mais tarde, decidindo não entrar no escritório antes do meio-dia, para poder levar Noah e Roisin para tomar café da manhã. Quando voltavam do Sweet Tooth, viu Maggie pedalando em direção à sua casa. Era uma surpresa agradável. Perguntou-se por que ela estava vindo vê-lo.

— Olha, Maggie está ali — disse Roisin — Aposto que está deixando o pesto de algas marinhas.

— Espero que sim, só consigo pensar nisso, desde que ela mencionou — disse Noah.

Jake escondeu sua decepção. Sua importância vinha atrás de um pote de algas marinhas. Ele não deixaria isso derrubá-lo.

Maggie acenou para eles, parou na garagem e desceu da bicicleta — Trouxe o pesto — tirou três potes da cesta e entregou dois para Roisin e um para Noah.

— Noah, vou entregar para minha mãe. Já volto — disse Roisin.

— Estarei lá dentro — disse Noah. Pegou o pote de Maggie — Obrigado, estou ansioso para experimentar.

Maggie tirou um pacote de biscoitos da cesta e entregou a Noah — Eu até trouxe alguns biscoitos para você. Embora você possa comer com qualquer coisa.

— Isso é ótimo! Já sei o que vou almoçar — disse Noah.

— Depois me diga se você gostou — disse Maggie.

— Experimentei aqueles dois saquinhos de chá juntos.

— E o que você achou?

— Chega bem perto.

Jake interrompeu — O que chega bem perto?

— Eu estava conversando com Maggie, outro dia, na loja, e disse a ela que estava tentando encontrar um saquinho de chá que fosse o mais próximo possível de um *chai latte* de alta qualidade, tipo de máquina. Ela sugeriu misturar dois tipos diferentes de chá e estava certa — Noah se virou para Maggie — Vou comprar um *mixer* elétrico e então ficará quase perfeito.

— Isso significa que podemos parar de comprar *lattes* superfaturados para viagem? — Jake zombou dele.

— Provavelmente não — Noah riu — Obrigado novamente, Maggie — desapareceu dentro de casa.

— É melhor eu ir — disse Maggie.

— Ei, quanto lhe devemos pelo pesto e pelos biscoitos?

— Vocês não me devem nada. O primeiro pote é por conta da casa.

— Obrigado.

Maggie ergueu o suporte da bicicleta, mas pareceu hesitar. Jake estava prestes a dizer algo quando um carro passou, buzinou e alguém gritou pela janela:

— Oi, Maggie! Oi, Jake!

Ambos acenaram. Jake não reconheceu quem era.

— Posso falar com você por um minuto? — Maggie perguntou.

— Claro.

— Você está com tempo?

— Tenho todo o tempo do mundo — finalmente, Maggie queria conversar.

Com ele.

Ela ficou ali, agarrada ao guidão da bicicleta, e ele a absorveu: a forma como a brisa levantava uma mecha de seu cabelo e a soprava em seu rosto, os olhos que lhe lembravam safiras, a pele translúcida, que parecia impossivelmente macia, e aquelas pernas. Como gostaria de passar os dedos pelo formato delas, memorizando a sensação de cada curva.

— Por que você não estaciona sua bicicleta para ficar mais confortável?

Aturdida, ela corou e disse:

— Ah, tudo bem — encostou a bicicleta no muro de pedra em frente à casa dele. Cruzou os braços sobre o peito.

Ele era tão difícil de conversar? De abordar? Esperava que não. Especialmente no que dizia respeito a ela.

— É sobre minha casa e seu campo de golfe.

Jake se perguntou se algum dia conseguiriam conversar sobre qualquer outra coisa. Havia tantas coisas mais importantes para discutir. Queria saber tudo sobre ela: qual era sua estação favorita e por quê? Onde ela se via daqui a dez anos? Se ela gostava de viajar? A lista continuava indefinidamente. Mas o fato de ela estar conversando com ele já era alguma coisa. Pequenos passos, disse a si mesmo.

— Tive uma ideia — ela começou.

Ele esperou.

— Sobre como posso manter minha casa e você construir seu resort. Sobre como nós dois podemos conseguir o que queremos — seu rosto estava brilhante e ela parecia tão otimista, que ele se odiou por ser aquele que iria estourar sua bolha.

Maggie Moran não tinha ideia do que ele queria. Olhou para os braços levemente sardentos dela e se perguntou como seria se eles estivessem ao seu redor.

— Sou todo ouvidos — disse. Permaneceu em dúvida, mas manteve sua expressão neutra.

— Deve haver algum uso comercial para minha casa, que possa funcionar em conjunto com o resort. Eu estava pensando em um spa? Ou eu poderia mudar a loja de alimentos naturais para lá. Quer dizer, se o pior acontecer,

suponho que posso transformá-lo em um restaurante, mas não sou cozinheira — riu, sua voz assumindo um tom mais alto.

Ela continuou tagarelando, com o rosto radiante, e enquanto listava uma ideia após a outra, com uma expressão aberta e animada, Jake sentiu algo mudar dentro de si. Seu entusiasmo e a forma como seu rosto se iluminava com a perspectiva de poder salvar sua casa, o desmontaram.

— Você me deu muito em que pensar — disse, quando ela esgotou sua lista de possibilidades.

Ela assentiu, sorrindo. Ele nunca a tinha visto tão relaxada. Tão otimista. Esperançosa. Jake Ballard queria ser o homem que poderia realizar todos os seus sonhos. Ela pegou sua bicicleta.

— Maggie, antes de você ir...

Olhou para ele.

— Você jantaria comigo, amanhã à noite? Podemos discutir suas ideias — sorriu — E podemos encontrar uma solução que seja agradável para nós dois.

Maggie o recompensou com um sorriso, e ele quis se esbaldar em seu brilho.

— Eu adoraria, Jake — disse, acenou um adeus e saiu pedalando.

Enquanto ela pedalava, ele percebeu que não conseguiria demolir a casa dela e viver consigo mesmo.



Na manhã de terça-feira, Maggie estava em seu escritório, tentando organizar suas contas. Culpava sua falta de foco pelo jantar com Jake, naquela noite. Era tudo em que conseguia pensar. Estava ansiosa para isso. Também tinha que admitir estar um pouco apreensiva. Já fazia algum tempo, desde que ela teve um encontro.

Pensou em seu guarda-roupa, tentando decidir o que vestir e com que joias combinar. Tinha acabado de decidir que tipo de sapato usar, quando April apareceu na porta.

— Tom Duffy está aqui. Quer falar com você.

— Tudo bem — falou Maggie, levantando-se da mesa.

Tom estava parado na porta da frente, sorrindo, a barriga pendurada no cinto. Maggie olhou para ele com cautela. Seu bom humor só poderia significar uma coisa.

— Tom, como vão as coisas? — cumprimentou-o.

— As coisas estão ótimas, Maggie. Como vão as coisas aqui na Slainte Mhaith? — perguntou.

Maggie assentiu — A loja está indo muito bem, obrigada.

Tom hesitou, arrastando os pés — Gostaria de informar pessoalmente que o Conselho do Condado aprovou a permissão de planejamento da Greystone.

Os ombros de Maggie caíram — Aprovou?

— A decisão saiu esta manhã.

O estômago de Maggie se apertou e ela prendeu a respiração — O que acontece agora? — perguntou.

— Vai para o Conselho de Planejamento. Qualquer pessoa que queira registrar uma objeção precisa fazê-lo no prazo de quatro semanas.

Maggie assentiu — Vou tratar disso imediatamente — havia feito o dever de casa. Sabia exatamente o que precisava ser feito para apresentar uma objeção.

Tom assentiu e se virou para ir embora.

Maggie gritou para ele — Obrigado, Tom, por ter vindo me contar.

Tom sorriu — Podemos não concordar com este desenvolvimento, mas sempre fomos amigáveis um com o outro.

Maggie assentiu e sorriu, embora uma semente de pavor tivesse se apoderado dela.

April apareceu atrás dela — Você está bem?

— Estou. Obrigada. Já esperava por isso — seu pior medo agora era uma realidade concreta.

— Vou fazer uma xícara de chá para nós? — April perguntou.

Maggie balançou a cabeça — Não, obrigado.

— Nem tudo está perdido, Maggie. Nigel disse que assim que vir o pássaro vai apresentar uma objeção, por causa do codornizão no terreno — disse April.

Maggie assentiu — Eu também — mas ela não conseguia atribuir todas as suas esperanças e sonhos a um pássaro que o entusiasta estava tendo dificuldade em localizar.

— Talvez pudéssemos iniciar uma petição ou algo assim? Para preservar a terra para o pássaro — disse April.

— Isso seria uma ótima ideia.

— Vou organizar isso. Podemos colocar uma folha de inscrição aqui mesmo no balcão.

Maggie pensou na outra inscrição no balcão, para a coligação protestar contra o desenvolvimento do campo de golfe. Até o momento, havia apenas seis nomes: o dela, o de April, o da tia, o das suas amigas e o de Olive.

— Tudo bem — falou Maggie. Sua mente disparou. Ela estava feliz em entregar a organização inicial de uma petição para April enquanto organizava seus pensamentos. Verificaria novamente com Nigel para ter certeza de que ele apresentaria uma objeção. Mas, independentemente disso, seguiria em frente e alojaria a sua própria, com base no fato de que sua casa tinha trezentos anos.

Quando a porta da loja se abriu, as duas ergueram os olhos.

Jake.

— Hum, vou lá para os fundos. — April disse, sem tirar os olhos de Jake — começar aquela coisa que combinamos.

— Obrigado, April — Maggie sorriu.

— Vim assim que soube — disse ele, estendendo a mão e tocando o braço dela — Como você está? Queria ter certeza de que você está bem.

— Estou. — disse. O que a surpreendeu foi a preocupação dele. Sobre ela. Não se vangloriou, nem se gabou de ter recebido permissão de planejamento. Isso a tocou.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Jake — Ainda estou interessado em levar você para jantar, esta noite.

— Ah, eu não sei sobre isso — disse ela, mordendo o lábio, insegura.

— Eu prometi a você que discutiríamos como sua casa e meu campo de golfe poderiam coexistir.

Ela sorriu. Ele estava tentando.

— E sabe de uma coisa? — ele continuou — Se... quando chegarmos a uma solução, talvez possamos conversar sobre outras coisas além do campo de golfe ou de sua casa.

Maggie riu — Você tem razão. A que horas vai me buscar?

Foi a vez de Jake sorrir — Seis? Achei que poderíamos ir de carro até Galway.

Maggie assentiu. Ele havia pensado sobre onde a levaria. Este pareceu ser o único ponto positivo do dia.



Jake saiu da loja de Maggie e voltou com calma para o escritório. Vagou pelo centro da cidade, com as mãos nos bolsos, pensando. A permissão de planejamento deveria tê-lo feito sentir-se vitorioso, mas não foi isso que aconteceu. Estava mais animado em ir jantar com Maggie do que em receber aprovação para seu campo de golfe.

Olive Enright se aproximou dele e chamou sua atenção, com um aceno de mão — Ouviu a novidade? — ela perguntou, animada.

— Sobre a permissão de planejamento? — Jake perguntou. Ela não tinha percebido que ele seria um dos primeiros a saber?

— Não, não isso. Todo mundo sabe disso. Algo melhor.

Ele não sabia do que ela estava falando.

— Nigel Hayes viu e fotografou um codornizão na fazenda McDougal — disse Olive, dando ênfase em cada palavra. Ela tinha uma expressão de triunfo no rosto.

— Sinto muito, Olive, mas não estou entendendo você.

— O pássaro. Aquele homem, Nigel Hayes, da Sociedade Irlandesa de Observadores de Pássaros, esteve procurando por isso em todos os lugares. Um codornizão — quando Jake não disse nada, Olive suspirou exasperada — O pássaro que está na lista de espécies ameaçadas de extinção?

— Eu não sabia disso, mas estou sabendo agora. Obrigado — fez uma pausa — E você disse que foi visto na fazenda McDougal?

A senhora idosa assentiu — Faz anos que os codornizes não são vistos por aqui.

Jake soube imediatamente o que isso significava. Este pássaro, sem dúvida, ameaçaria o seu desenvolvimento.

— Espero que não haja ressentimentos, Jake — disse Olive.

Jake sorriu para a senhora idosa — Ressentimento nenhum.

Eles se separaram. Jake refletiu sobre essa atualização. Sua vitória certamente havia durado pouco. Haveria objeções apresentadas ao Conselho de Planejamento em nome desta ave. Acabaria colocando Maggie contra ele, mais uma vez. Apenas um lado poderia vencer e, no que lhe dizia respeito, quando se tratava de Maggie, ele não queria que houvesse um vencedor e um perdedor. Enquanto caminhava em direção ao seu escritório, pensou no que significava para ele o aparecimento de um codornizão. Isso podia acabar sendo uma batalha prolongada nos tribunais. Não que Jake evitasse essas coisas, porque gostava de desafios, mas não queria arrastar Maggie pelos tribunais. Não a faria passar por isso. Não por causa de um desenvolvimento.

Não por causa de terra.

Durante o resto da tarde, Jake pensou em muitas coisas e a maioria delas girava em torno de Maggie. Pensou em seu futuro e em todos os seus aspectos: os negócios de sua família, seu papel como pai de Noah, o que ele queria para o resto de sua vida. E parecia-lhe que todos os caminhos levavam a Maggie.

Quando voltou para casa, sabia o que tinha que fazer.



Maggie pediu a April que fechasse a loja naquela noite, pois queria chegar em casa um pouco mais cedo, levar os cachorros para passear e se preparar para jantar com Jake. Ignorou os comentários de April sobre jantar com o inimigo. Jake disse que encontrariam uma solução e ela acreditava nele. Confiava nele. Não havia razão para não confiar.

Depois que os cachorros foram passear, ela voltou para casa, colocou uma música e acendeu algumas velas perfumadas, escolhendo uma de lavanda, calmante. Embora não houvesse nada com que se preocupar, ela estava nervosa por ficar sozinha com Jake pelas próximas horas.

Teria que contar a ele sobre seu plano de interpor recurso; era melhor deixar tudo aberto. Mas foram também as outras partes da conversa que a deixaram nervosa. Sobre o que eles conversariam? Tinham algo em comum? E então ela se perguntou se isso importava, porque já sabia que gostava dele.

Escolheu um vestido longo, violeta e estampado e o colocou na cabeça, pensando em combiná-lo com seu xale lilás transparente. Passou um pouco de perfume nos pulsos. Do fundo do guarda-roupa, tirou um par de sandálias e as calçou. Enquanto vasculhava sua caixa de joias, tentando decidir quais brincos queria, alguém bateu em sua porta. O relógio marcava cerca de dez para as seis.

Argh! Ele chegou cedo. Tirou um par de brincos de ametista da caixa e prendeu-os nas orelhas, enquanto saía correndo do quarto, praticamente tropeçando no gato.

Maggie abriu a porta e encontrou Jake parado ali, vestindo uma calça cáqui e uma camisa azul clara de manga curta texturizada. Atrás dele, o sol poente fluía ao seu redor, lançando um brilho dourado nele. O oceano criou o cenário perfeito, com as ondas batendo na costa e os gritos das gaivotas. O momento tirou o fôlego de Maggie. Seus olhos se encontraram e algo brilhou em sua expressão, quando ele olhou para ela. Desejo, talvez? Esperava que sim.

— Uau, Maggie! Você está deslumbrante.

Satisfeita, Maggie sentiu o calor subir por sua garganta e espalhar-se por seu rosto. Ela abriu mais a porta — Entre, Jake.

Jake olhou em volta antes de cruzar a soleira — Cheguei cedo, eu sei.

Rufus latiu sua saudação e correu ao seu encontro. Daisy ficou perto do sofá, olhando para Jake, observando-o, de uma distância segura. E quem sabia onde o gato estava.

— Está tudo bem, estou pronta — disse Maggie. A bolsa dela estava sobre a mesa. Vasculhou, tirou um batom e aplicou um pouco — Ok, vamos lá.

Ela pegou o xale das costas de uma das cadeiras da cozinha e colocou-o no braço. Pegou sua bolsa e disse aos cachorros:

— Comportem-se.

Rufus olhou para ela como se a ideia fosse questionável, e Daisy colocou no rosto a expressão triste, que usava toda vez que Maggie saía de casa.

Atrás dela, Jake perguntou:

— Eles te escutam?

— Na verdade, não — Maggie riu. Por causa de Jake, fez questão de trancar a casa e os dois caminharam em direção ao carro alugado.

Concordaram que, no caminho para Galway, não falaria sobre a casa dela ou sobre o desenvolvimento dele, e foi um alívio concentrar-se em outra coisa que não a ideia de perder a casa. Essa preocupação havia consumido seus pensamentos nas últimas semanas, e ela estava feliz pela folga. Pela primeira vez em muito tempo, estava saindo com um homem de quem gostava e decidiu que iria se divertir. Gostava da maneira como se sentia quando ele olhava para ela. Feminina. Sentia-se leve e expansiva.

Seria uma ótima noite; podia sentir isso.



Jake dirigiu pela costa até se encontrarem entre An Spidéal e Salthill. Em sua viagem inicial à Irlanda, quando estava procurando um local para seu campo de golfe, ele tropeçou em um pequeno restaurante, no final de um píer, que servia frutos do mar de classe mundial.

Continuou lançando olhares furtivos para Maggie enquanto dirigia ao longo da costa. Ela estava deslumbrante. Quando a viu pela primeira vez naquele vestido, ficou sem fôlego.

A conversa fluiu. Contou-lhe sobre sua vida na Califórnia, e ela se abriu e contou sobre seus pais. Ficou tocado por ela confiar nele para compartilhar o que deve ter sido um período traumático em sua vida.

Ao entrarem no restaurante, Jake colocou a mão nas costas de Maggie. Ela olhou para ele e sorriu. Quando fez isso, ele sentiu como se pudesse conquistar o mundo.

O garçom os conduziu até uma pequena mesa, em um canto mal iluminado, e esperou até que estivessem sentados, antes de entregar-lhes os cardápios. A facilidade com que conversaram durante o caminho desapareceu. Enterraram a cabeça nos cardápios. Era quase como se tivessem medo de discutir o assunto principal e estragasse sua diversão.

Pediram aperitivos e pratos principais e esperaram que o garçom abrisse uma garrafa de vinho.

— Deixe decantar, por um momento, por favor — instruiu Jake — Eu mesmo sirvo.

Assim que o garçom saiu do alcance da voz, Maggie disse:

— Sobre o campo de golfe...

Jake levantou a mão — Maggie...

— Jake, eu gostaria de ser franca e honesta sobre uma coisa — disse Maggie.

— Claro — disse ele, cedendo. Ele serviu o vinho. Mas apenas meia taça para ele, já que dirigia.

— Não consigo expressar o quanto estou grata por você estar pelo menos aberto para encontrar uma solução viável para nós dois — disse. À luz das velas, seus olhos pareciam quase violetas.

— Hum, Maggie, sobre isso. — Jake começou.

— Espere, Jake, há algo que quero dizer.

Jake sorriu para si mesmo. Havia algo que ele queria dizer também, mas percebeu que teria que esperar sua vez. Estava mais do que disposto a deixá-la falar; gostava do som da sua voz. O cabelo dela caía em cachos sobre os

ombros, e ele se perguntou como seria passar os dedos por ele. Ele se imaginou segurando-a nos braços. Seus olhos pousaram nos lábios dela e ele se perguntou se eles eram tão macios quanto pareciam.

— Quero que saiba que, embora tenha recebido autorização de planeamento, vou apresentar uma objeção ao Conselho de Planeamento. Tenho dois argumentos, o primeiro é o fato de minha casa ser muito antiga e o segundo é a presença do pássaro na propriedade.

O codornizão. Era o assunto da cidade.

Jake foi dizer alguma coisa, mas o garçom os interrompeu com os aperitivos: bolinhos de caranguejo para Jake e mousse de salmão para Maggie. Jake esperou até que o servidor terminasse, antes de retomar o assunto da conversa.

— Maggie...

— Espero que você não fique zangado com isso — acrescentou Maggie.

Jake riu — Maggie, estou tentando te dizer uma coisa.

Ela corou e murmurou:

— Sinto muito. Só quero deixar tudo às claras.

— Eu já esperava que você apresentasse uma objeção, mas não é necessário. O garfo de Maggie parou no ar, a meio caminho de sua boca — O que? Por quê?

— Vou retirar meu pedido de permissão de planejamento.

— Por quê? — repetiu. Linhas tênues apareceram em sua testa, e Jake teve uma visão repentina de uma futura Maggie: mais velha, mais sábia, enrugada e ainda assim bonita. Pedia a Deus que estivesse por perto para ver isso.

Ele encolheu os ombros e desviou o olhar — Simplesmente não vai dar certo — sentiu-se constrangido sobre o verdadeiro motivo. Se admitisse, poderia deixá-la sem graça.

Maggie ergueu uma sobrancelha — Não acredito nisso, nem por um minuto.

Ele permaneceu em silêncio, lutando para decidir o que dizer. Desejou ter pensado mais nessa conversa.

A expressão de Maggie suavizou-se — Jake, você seria honesto comigo?

Um milhão de coisas passaram pela sua cabeça. Ela não entenderia como ele se sentia. Havia a distância geográfica entre eles. Ela ainda era jovem, enquanto ele tinha um filho se preparando para ir para a faculdade.

Olhou para ela, sentada do outro lado da mesa, adorável e expectante, e decidiu que não queria nada escondido entre eles.

— Maggie, eu sei o quanto sua casa significa para você.

Ela inclinou a cabeça para o lado e sorriu.

Jake desviou o olhar, esfregando a nuca. Riu nervosamente, tentando encontrar coragem para dizer o que planejava dizer. Olhou para os talheres sobre a mesa, endireitando-os.

— Jake...

Jake olhou para Maggie e soltou um suspiro.

— Percebi que a sua felicidade é mais importante para mim do que construir este campo de golfe — riu nervosamente e acrescentou: — É mais importante do que muitas coisas.

Pronto, havia dito.

Os olhos de Maggie se arregalaram, mas ela não disse nada. Ela suspirou, levantou-se e colocou o guardanapo sobre a mesa.

Uma sensação de pânico tomou conta dele. Não sabia qual seria a resposta dela, mas não esperava que ela se levantasse e fosse embora. Como ela chegaria em casa? Estava tão insultada? Talvez a diferença de idade a incomodasse.

Mas Maggie não foi embora. Ela caminhou até ele, com um sorriso no rosto, os olhos molhados de lágrimas. Jake olhou para ela. Ela o surpreendeu, inclinando-se e colocando as mãos em cada lado do seu rosto. Ele engoliu em seco.

— Obrigada, Jake — ela sussurrou, fechando os olhos, inclinando-se mais perto e colocando seus lábios macios nos dele. Ele levou apenas um segundo para se recuperar de sua surpresa e deleite inicial, antes de segurar seus braços e retribuir o beijo. Os lábios dela eram ainda mais macios do que ele imaginara.

Maggie se afastou, olhou ao redor do restaurante e tossiu suavemente — Agora, vamos aproveitar nosso jantar.



Jake não conseguia se lembrar da última vez em que se sentiu tão contente como naquela noite. O jantar passou rápido demais. Ele quase não quis voltar para Ballygap. Nada o havia surpreendido mais do que quando ela se inclinou e o beijou. Ele repetiu aquela cena em sua mente muitas vezes, desde que aconteceu.

Maggie abaixou a janela, permitindo que o ar fresco da noite entrasse no carro, enquanto voltavam para Ballygap. Ela puxou o xale sobre os ombros.

— Está com frio? — perguntou.

— Não, eu gosto do ar noturno — sorriu — Estou feliz — ele estendeu a mão e apertou a dela.

— Isso me deixa feliz — disse, mantendo os olhos na estrada.

Para grande pesar de Jake, a noite deles estava terminando. Ballygap estava quieta a essa hora da noite. A maioria das lojas estava às escuras, exceto o posto de gasolina e alguns estabelecimentos que faziam entrega.

— Jake, agora que você não construirá seu campo de golfe, suponho que não há razão para que fique até o final do verão em Ballygap.

Jake pensou ter detectado tristeza na voz dela. Ele só podia ter esperança.

— Eu não diria que não há razão para eu ficar — respondeu, olhando para ela com conhecimento de causa.

Maggie corou.

— Mas, falando sério, em termos de trabalho, não há razão para eu permanecer na Irlanda — disse ele, com a voz sumindo. Sentiu que este

tópico era uma ótima oportunidade para discutir um possível relacionamento entre eles, no futuro. Mas, antes que pudesse explorar mais o assunto com ela, foi distraído por um estranho brilho vermelho no horizonte, enquanto se dirigiam para a casa de Maggie.

— O que é aquilo? — Maggie perguntou, franzindo a testa.

Jake estava prestes a dizer que não sabia quando a casa de Maggie apareceu. Uma seção do telhado de palha estava envolvida pelas chamas. Jake piscou e pisou no acelerador, ficando a uma distância segura da casa. Maggie saiu do carro, antes que ele pudesse estacioná-lo. Ele pegou o telefone e ligou para os serviços de emergência.

— Os cachorros e o gato! — Maggie se desesperou.

— Maggie, qual é o seu cep? — perguntou.

Ela disse e ele transmitiu ao coordenador do corpo de bombeiro.

Jake correu atrás dela. As chamas se espalharam pelo telhado. Ela se atrapalhou com as chaves, tentando abrir a porta, mas suas mãos tremiam. Do outro lado da porta, Rufus latia descontroladamente.

— Dê-las para mim — disse Jake. Pegou as chaves da mão dela — Afaste-se — empurrou-a de volta para a segurança.

Abriu a porta e Rufus saiu correndo, com Twinkle na boca. Assim que saiu, ele largou o gato. Twinkle desapareceu na escuridão, mas Rufus correu para Maggie, e ela jogou os braços em volta dele, puxando-o para um abraço apertado. As sirenes dos bombeiros soaram ao longe.

— Daisy! Onde está Daisy? — Maggie gritou.

Ela correu em direção ao chalé, mas Jake a segurou — Não, não, você não vai entrar. É perigoso demais.

— Tenho que pegar meu cachorro — disse desesperada. Ela gritou: — Daisy, vamos lá! — colocou um pé à frente novamente e Jake balançou a cabeça — Não, Maggie. Não.

Ela lutou com ele, soluçando. Mais uma vez, ele a empurrou para afastá-la do fogo. Maggie desabou na grama e chorou, com a cabeça entre as mãos, os soluços sacudindo seu corpo. Ele pediria desculpas mais tarde. Sem pensar mais, abaixou a cabeça, enfiou o queixo no peito e correu para dentro de casa.

Uma espessa fumaça preta encheu o ar. Jake tossiu e se agachou, examinando a área, em busca do cachorro. O calor era intenso. O som de crepitações e assobios enchia a casa, enquanto as chamas subiam pelas paredes. Tudo o que ele sabia era que não sairia de casa até ter aquele cachorro. Ele gritou por Daisy várias vezes, em meio ao barulho.

Jake cobriu a boca e o nariz com o braço e correu para o quarto, com a camisa e o cabelo encharcado de suor.

— Daisy! — gritou — Daisy, vamos lá, garota!

No quarto, as chamas viajavam das cortinas até o teto, espalhando-se por toda a extensão. Jake sabia que não tinha muito tempo. Olhou ao redor da sala, tossindo e cuspidando, e tinha acabado de se virar para sair, quando pensou ter ouvido um gemido. Caiu de joelhos e levantou a saia da cama. Ali, no

canto mais afastado, embaixo da cama, estava a setter irlandês, choramingando e tremendo.

— Venha, garota — disse, baixando a voz para não a assustar ainda mais. O cachorro não se mexeu. Jake percebeu que o pobre animal estava paralisado de medo. Um segmento em chamas do teto caiu e pousou na cama.

— Daisy!

O cachorro ainda não se mexeu.

Jake se arrastou para baixo da cama e estendeu a mão, agarrando o colarinho de Daisy. Ele a arrastou para fora, pegando-a antes que ela pudesse recuar, e saiu correndo de casa com ela. O cachorro choramingou e tremeu em seus braços. Assim que saiu, ele entregou o cachorro para Maggie.

— Daisy! — Maggie gritou, sua voz cheia de alívio.

A brigada de incêndio tinha acabado de parar e os bombeiros saltaram do caminhão e começaram a puxar as mangueiras. As pessoas vinham correndo pela calçada da cidade.

Tom Duffy chegou, vestindo calça de moletom, camiseta e tênis, com o rosto franzido, ao ver a casa de Maggie — Ah, Maggie.

Jake se afastou do prédio, com a cabeça latejando, feliz pelos animais de Maggie estarem seguros. Ela estava segura. Sua camisa imaculada estava coberta de suor e fuligem e grudada no peito. Ele se inclinou, com as mãos nas coxas, e teve um ataque de tosse. Sentiu como se seus olhos fossem saltar das órbitas.

— Jake! — Maggie chamou, correndo até ele — Você está bem? — colocou a mão nas costas dele. Ele ainda estava curvado, tentando recuperar o fôlego — Jake, Jake! — ele se levantou e a encarou. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ele sabia, pela expressão nos olhos dela, como deveria estar.

Maggie virou a cabeça na direção de Tom, que acenava para que uma ambulância se aproximasse.

— Deixe-me pedir ajuda! — Ela correu até os paramédicos saltando da ambulância. Rufus a seguiu, mas Daisy permaneceu ao lado de Jake. Jake continuou a tossir, tentando recuperar o fôlego. Podia ver Maggie conversando com um paramédico, gesticulando e apontando para ele.

O paramédico correu até ele e Jake sentou-se no chão. Não aguentava mais. Ao fazer isso, um lado da casa de Maggie desabou. Ele baixou a cabeça, incapaz de olhar. Maggie se ajoelhou ao lado dele, esfregando suas costas. O paramédico colocou uma máscara de oxigênio nele e disse-lhe para respirar. Jake se concentrou em respirar fundo.

— Senhor, aconselho irmos ao pronto-socorro, para fazermos exames — disse o paramédico. Para Maggie, ele disse: — Liguei para um veterinário de emergência, para vir ver os cachorros.

— Obrigada — disse Maggie.

Jake estava balançando a cabeça — Não.

— Jake, por favor! — Maggie choramingou. Ele olhou para ela. Ela olhou para sua casa e depois para ele. Ela estava tremendo. Ele estendeu a mão para

ela e apertou sua mão. Ela não soltou.

Jake balançou a cabeça negativamente — Noah — disse, com a voz rouca.

— Eu cuidarei de Noah. Por favor, Jake. Por agora isso é o suficiente — disse Maggie.

Relutantemente, ele concordou em ir. Enquanto o ajudavam a subir na maca, Maggie ficou ao seu lado, segurando sua mão. Daisy choramingou ali perto. Maggie parecia quebrada. Estava pálida, seus olhos estavam selvagens e seus ombros caídos.

— Vou chamar Noah e nos encontraremos no hospital — disse Maggie, inclinando-se sobre ele e beijando-o na testa.

— Por favor, diga a ele que estou bem — falou. Não queria que Noah se preocupasse — Maggie, aqui estão as chaves do meu carro, você pode dirigir — tirou as chaves do bolso e entregou-as para ela.

O rosto manchado de lágrimas de Maggie foi a última coisa que ele viu, antes de ser colocado na parte de trás da ambulância e as portas serem fechadas. Ele se deitou na maca e fechou os olhos.

Que final horrível para uma noite maravilhosa.



A ambulância partiu e Maggie girou e olhou para as ruínas de sua casa. O fogo parecia controlado. Não conseguia ver nenhuma chama, mas os bombeiros continuaram a derramar água sobre ela. O quarto dela não existia mais e o telhado de palha desabou.

Sua vizinha, Peg O'Malley, aproximou-se dela, carregando um cobertor. Ela parecia como Maggie se sentia: atordoada. Sem dizer uma palavra, envolveu o cobertor nos ombros de Maggie.

O veterinário de emergência chegou e examinou Daisy e Rufus.

— Maggie!

Maggie se virou e viu Eimear correndo em sua direção. Ela mordeu o lábio ao ver sua amiga, tentando conter outra torrente de lágrimas.

Eimear puxou-a para um abraço — Graças a Deus, você está bem! Vim assim que soube.

— Como você descobriu? — Maggie perguntou. Eimear morava do outro lado da cidade.

— Eu tinha acabado de entrar na cidade, para comprar um *cheeseburger* com batatas fritas, e alguém apareceu no restaurante e disse que sua casa estava pegando fogo — explicou Eimear. Ficou com Maggie, observando os bombeiros apagarem as chamas da casa com água.

— Eles sabem como começou? — perguntou, franzindo a testa.

Maggie balançou a cabeça, mas tinha uma ideia. Provavelmente tinha sido a vela com aroma de lavanda. Tinha esquecido de apagar, quando Jake chegou cedo para levá-la para jantar. Engoliu em seco. Esse fato era difícil de digerir. Jake tinha acabado de lhe entregar a casa dela em uma bandeja, e ela mesma a queimara com seu próprio descuido.

O veterinário sugeriu a Maggie que os dois cães fossem ao hospital veterinário para serem examinados novamente. Maggie abraçou seus cachorros, suas lágrimas escorrendo nos pelos deles. Estava tão grata por eles estarem vivos. Maggie e Eimear ajudaram a colocar os cães na traseira da caminhonete do veterinário.

Depois que o veterinário saiu, Eimear perguntou:

— O que posso fazer?

Maggie percebeu que não aguentava mais ficar parada.

— Eu tenho que chegar até Noah, filho de Jake. Jake foi para o hospital. Você pode me seguir no meu carro? Vou dirigir o carro de Jake, até a casa dele.

— Claro. Onde estão suas chaves? — Eimear perguntou.

— Estão na minha bolsa, no carro de Jake.

Maggie recuperou as chaves e entregou-as a Eimear. Antes de partir, Maggie deu uma última olhada em sua casa, ou no que havia sobrado dela. Ainda não conseguia acreditar. Mas tinha que chegar até Noah.

Dirigiu o carro de Jake de volta para a casa dele, entorpecida. Eimear a seguiu.

As luzes da casa de Jake estavam todas acesas. Assim que ela parou, Noah apareceu na porta, com Roisin ao seu lado. Maggie estacionou o carro de Jake, saiu e o trancou-. Eimear estacionou o carro de Maggie na rua e caminhou até a casa.

— Maggie! — Noah gritou.

— Vim assim que pude.

— Recebi uma mensagem do papai e ele disse que estava a caminho do hospital — disse Noah, com a voz embargada.

Maggie estendeu a mão para ele. Parecia tão jovem e vulnerável — Ele vai ficar bem. Podemos ir agora mesmo — fez as apresentações rapidamente.

— Sim, eu gostaria disso. Roisin, te envio uma mensagem mais tarde, ok?

Roisin assentiu — Claro, Noah. Me mande uma mensagem a qualquer hora. Ok? Vou deixar meu telefone ligado — Ela deslizou os braços em volta da cintura dele e o abraçou. Ele enterrou o rosto em seu cabelo. Foi um momento de ternura e trouxe lágrimas aos olhos de Maggie. Ela e Eimear se viraram para lhes dar alguma privacidade.

— Ok, Maggie, vamos. ele.

— O que mais eu posso fazer? — Eimear perguntou.

Maggie suspirou — Ah, minha tia Eileen! Você pode ligar para ela para mim? Diga a ela o que está acontecendo, para onde estou indo e, se estiver tudo bem para ela, precisarei de um lugar para ficar.

— Você pode ficar comigo — disse Eimear.

Maggie balançou a cabeça negativamente — Você fez o suficiente por mim esta noite. Além disso, eu conheço minha tia, ela não vai descansar enquanto não me ver.

Eimear assentiu — Eu cuidarei disso.

Maggie se sentiu sortuda por ter uma amiga como Eimear — Vamos, podemos deixá-la em casa, a caminho do hospital.

Eimear recusou — Não, perda de tempo. Vim caminhando e vou embora caminhando — acenou em direção a Noah — Vocês vão querer ir para o hospital imediatamente.

Maggie abraçou a amiga e agradeceu.

Eimear se afastou e tossiu — Ok, vejo você de manhã — e antes que Maggie pudesse responder, Eimear saiu da garagem, tirou o celular do bolso e se dirigiu para sua casa.

No caminho até o pronto-socorro, Noah perguntou:

— Qual foi a gravidade do incêndio em sua casa?

A voz de Maggie tremeu quando respondeu: — Não sobrou muito.

— Eu sinto muito.

Maggie apenas assentiu, a dor no peito e as lágrimas dificultando a conversa.



Deitado em seu quarto de hospital, com iluminação fluorescente, piso de cerâmica industrial e parede de monitores, Jake parecia tão horrível quanto Maggie. Uma cânula nasal substituíra a máscara de oxigênio. Maggie hesitou na porta, enquanto Noah corria para o pai.

— Pai!

Jake puxou seu filho para seus braços e o abraçou com força — Estou bem — acenou para Maggie entrar.

Noah deu um passo para o lado e Maggie ficou de frente para ele, do outro lado da maca.

— Como você está se sentindo? — Maggie perguntou. Estendeu a mão e colocou sobre a dele. Ele apertou-a de forma tranquilizadora.

— Fiz uma radiografia de tórax e exames de sangue e espero poder voltar para casa em breve.

— Não tenha pressa, pai. Faça o que o médico mandar — disse Noah.

— Ok, chefe — Jake brincou. Olhou para Maggie, sua expressão séria — Como você está?

Ela encolheu os ombros, sentindo como se os acontecimentos da noite estivessem se acumulando sobre ela e ameaçando esmagá-la. Sua voz falhou quando disse:

— Ainda não sei.

Jake deu-lhe um aceno de cabeça solidário.

Maggie e Noah desabaram nas cadeiras e as horas passaram, enquanto esperavam que um médico viesse falar com eles. Apesar de ser meio da noite, ninguém dormia. Os acontecimentos traumáticos da noite haviam deixado todos hiper alerta e vigilante.

Eventualmente, um médico chegou e disse-lhes que tudo parecia bem, mas que queriam manter Jake durante a noite, para observação. Jake protestou, mas Maggie e Noah o silenciaram.

Maggie ofereceu para Noah ficar com ela, na casa de Eileen, mas os pais de Roisin entraram em contato e ofereceram um lugar para Noah ficar, até que Jake recebesse alta do hospital.

Noah deu um beijo de despedida em seu pai e disse que o veria pela manhã. O menino não estava tão ansioso como quando Maggie o pegou. Ver que Jake estava bem o tranquilizara.

— Vou para casa — disse Maggie. Seu lábio inferior tremeu ao lembrar que não tinha mais casa.

— Venha aqui — Jake sussurrou.

— Vou indo para o carro, Maggie — disse Noah, e desapareceu da sala.

Jake puxou Maggie em seus braços — Tudo vai ficar bem. Eu prometo.

Maggie enterrou a cabeça em seu ombro e seu corpo tremeu. Jake esfregou

suas costas.

— Jake, eu sinto muito — chorou.

Jake se afastou do abraço para olhar para ela — Pelo que?

Maggie se levantou, com lágrimas escorrendo pelo rosto — Eu nunca te agradei por ter salvado Daisy.

Jake abriu um sorriso — É com isso que você está preocupada? — balançou a cabeça, incrédulo. Abraçou-a com força e sussurrou em seu ouvido: — Você não está sozinha.



Maggie chegou à casa de Eileen no meio da noite e encontrou sua tia esperando por ela. Bebeu a xícara de chá que Eileen havia lhe preparado e contou os acontecimentos da noite à tia, que parecia pálida e horrorizada. A realidade caiu sobre ela e, de repente, Maggie se sentiu exausta. A tia tirou a xícara e a colocou na pia. Levou Maggie para um quarto de hóspedes, onde havia preparado uma camisola e um roupão de banho. Antes de fechar a porta, ela disse:

— Acorde-me para qualquer coisa, mesmo que você só precise conversar — mas isso não foi necessário, pois, assim que a cabeça de Maggie bateu no travesseiro, ela apagou como uma luz.

Acordou com o som de alguém batendo na porta do seu quarto. Abriu um olho e olhou em volta, franzindo a testa para a sala desconhecida. Então percebeu que estava na casa da tia e que sua própria casa havia desaparecido. Puxou o cobertor sobre a cabeça.

Houve uma segunda batida.

Suspirando, rolou de costas, puxou a coberta e disse:

— Sim?

Sua tia colocou a cabeça pela porta — O homem do corpo de bombeiros está aqui.

Maggie sentou-se e pegou o roupão para vestir por cima da camisola — Já vou descer.

— Bom, vou preparar o café da manhã para você.

Maggie queria lhe dizer para não se preocupar, mas não teve energia para protestar. Pegou o celular da mesa de cabeceira e o ligou. Uma vez ligado, seu telefone emitiu uma longa série de bipes, alertando-a sobre novas mensagens e chamadas perdidas. Rapidamente, examinou a lista. Havia chamadas perdidas e mensagens de texto de Lily e Eimear, de April, Olive, Tom Duffy, Peg e muitos mais. Ela os responderia mais tarde. Primeiro foi ao banheiro para se arrumar.

Desceu as escadas e encontrou um homem, na casa dos cinquenta ou sessenta anos, sentado à mesa da cozinha. Estava vestido em um traje casual de negócios, bebendo uma xícara de chá. Ele se levantou quando Maggie entrou na sala. Eileen estava junto ao fogão, cuidando das fatias de presunto, das salsichas e dos ovos, que chiavam numa frigideira de ferro fundido. Cheirava bem, mas Maggie não estava interessada em comida.

O homem lhe deu um aceno de reconhecimento — Sou Joe Kelly, o investigador do incêndio.

— Maggie Moran — Sentiu-se uma tola ali, de roupão, mas uma parte dela não se importava. Sentir-se-ia ainda mais tola quando lhe dissesse que provavelmente ela era a causa do incêndio.

— Investigarei a causa do incêndio e devo ter um relatório pronto, em algumas semanas — disse.

— Hum, tenho uma ideia do que poderia ter causado — disse, e abaixou a cabeça. Ela estava ciente dos olhos de sua tia sobre ela. Antes que perdesse a coragem, disse: — Havia uma vela acesa, quando saí de casa. Eu sei que foi estúpido. Principalmente porque meu gato tem o hábito de derrubar coisas — era importante que ela assumisse. Não importava quanta dor e arrependimento isso lhe causasse.

— Ok, bem, essa informação ajuda.

Maggie sentiu-se mal do estômago. Havia incendiado sua própria casa. A casa que estava lutando para salvar.

— Você precisa se sentar? — Joe Kelly perguntou — Parece um pouco pálida.

— Não, estou bem — falou Maggie, com um aceno de mão desdenhoso.

— Ela precisa comer alguma coisa — disse Eileen atrás dela.

— Posso ter suas informações de contato? — perguntou o inspetor de incêndio.

— Sim — disse Maggie, recitando o número do celular.

Entregou-lhe seu cartão — Ligue-me a qualquer momento, se tiver alguma dúvida.

Maggie assentiu, entorpecida.

Ao se virar para sair, perguntou-lhe:

— Você tinha seguro, não tinha?

Maggie assentiu — Sim.

— Isso é bom, porque é um lugar impressionante. Você pode reconstruir. Maggie apenas assentiu. Não estava pensando tão longe. Não sabia o que faria pelo resto do dia, muito menos pelo resto da vida.

Eileen acompanhou o inspetor até a porta, agradeceu e voltou para a cozinha. Colocou um prato com ovos fritos, salsicha, chouriço, uma fatia de carne e feijão na frente de Maggie.

— Coma. Coma alguma coisa — então carregou um pequeno prato de torradas com manteiga, colocando-o também e servindo uma xícara de chá para a sobrinha.

— Maggie, você sabe que pode ficar aqui, o tempo que quiser — disse Eileen.

— Obrigada — disse Maggie. Mas ela sabia que não poderia ficar ali para sempre. Teria que encontrar um lugar para alugar, enquanto decidia o que fazer.

— Qual é o plano para o dia? — Eileen perguntou.

— Preciso pegar os cachorros e suponho que deveria ir para casa e ver o estado em que as coisas estão — disse Maggie, com um suspiro. Provou uma torrada — Talvez eu possa salvar alguns pertences.

O telefone dela tocou. O nome de April apareceu na tela. Maggie pegou e disse:

— Olá, April.

— Maggie, oi. Eu só queria ter certeza de que você está bem.

— Ah, obrigada. Estou bem — falou Maggie.

— Olha, eu abri a loja. Não se preocupe em vir, cuidarei de tudo — disse April

O alívio encheu Maggie — Muito obrigada, April.

— Posso trazer alguma coisa para você?

— Não, obrigada, se você apenas cuidar da loja até eu voltar, será uma ajuda e tanto — disse Maggie.

— Certo. Falo com você em breve — disse, e desligou.

— April cuidará da loja — disse a Eileen.

Sua tia assentiu — Tem certeza de que quer ir para casa?

— Preciso encontrar Twinkle — disse Maggie. Sabia que o gato sabia cuidar de si mesmo, mas queria encontrá-lo, só para ter certeza de que estava bem.

Jake veio à sua mente. Perguntou-se como ele estava. Assim que tomasse o café da manhã, ligaria para ele. O jantar em Galway parecia ter acontecido há muito tempo. O incêndio reduziu uma bela noite a um borrão de uma memória distante. Tudo parecia arruinado.

Quando Maggie e sua tia se preparavam para sair, Eimear e Lily chegaram, com os braços carregados de sacolas, que colocaram sobre a mesa. Cumprimentaram Eileen e voltaram sua atenção para Maggie.

Sempre áspera, Eimear puxou Maggie para um abraço rápido e depois a soltou — Como está?

Lily a abraçou, sussurrando:

— Coitadinha. Eu sinto muito.

As lágrimas ameaçaram derramar, mas Maggie manteve a compostura, mesmo que sua voz tremesse um pouco.

— Estou bem.

— Vocês, senhoras, gostariam de tomar café da manhã? — Eileen perguntou, carregando a máquina de lavar louça.

— Não, estamos bem — respondeu Eimear.

— Como está o bebê, Lily? — Eileen perguntou.

— Está bem.

Eimear abriu as sacolas em cima da mesa — Lily e eu fomos às compras, esta manhã. Temos algumas coisas básicas, como roupas e sapatos para você passar os próximos dias, até que possa organizar seu guarda-roupa.

— Alguns lojistas da cidade doaram roupas. Eles se sentiram mal por você. E, como te conhecem tão bem, diria que você vai gostar do que eles

escolheram para você — explicou Lily.

— Sim, é sua cara, Maggie — disse Eimear.

— Isso é maravilhoso — disse Eileen.

— A única coisa em que não concordamos foi sobre roupas íntimas — disse Lily, rindo.

Eimear respondeu com uma carranca — Não tínhamos ideia de como você gosta das roupas íntimas. Escolhemos as de algodão.

Quando Lily riu, Eimear lhe lançou um olhar e disse:

— O que é tão engraçado? Acontece que é o tipo de roupa íntima que eu prefiro.

Apesar da dor, Maggie não pôde deixar de sorrir. Ela não apenas era grata por amigas tão maravilhosas, como conseguiam fazê-la sorrir durante um período sombrio.

— Mostre a ela a melhor parte — Eimear disse a Lily, com um aceno de cabeça em direção a uma bolsa de lona.

Lily levantou duas caixas brancas de padaria com “Sweet Tooth” escrito no topo — Pensamos que você poderia gostar de um pouco de comida reconfortante — abriu as tampas das caixas para revelar uma variedade de produtos assados. Havia éclairs, pastéis de nata, napolitanos, barrinha de caramelo com chocolate, muffins e bolinhos.

Ao lado dela, sua tia murmurou:

— Ah, que adorável — lágrimas se acumularam nos olhos de Maggie.

— Nada disso, agora. Levante a cabeça — disse Eimear, colocando a mão nas costas de Maggie.

Maggie assentiu rapidamente.

— Se precisar de alguma coisa, nos avise — disse Lily.

— Eu vou. Nem sei como agradecer vocês.



Eileen insistiu em levar Maggie até sua casa. À medida que se aproximavam, Maggie respirou fundo. Simplesmente não conseguia entender a cena diante dela. Sob a forte luz do sol, a estrutura enegrecida de sua casa parecia quase obscena. Finas gavinhas de fumaça subiam das ruínas.

Maggie saiu do carro e se aproximou de sua casa com a tia. Ou o que havia restado dela. O sol brilhava forte e o céu era de um azul raro, profundo e sem nuvens. Até o oceano estava calmo hoje.

Foi a primeira vez que Eileen viu a extensão dos destroços e respondeu cobrindo a boca com as mãos e ofegando.

O lugar que Maggie chamava de lar, seu porto seguro, havia sido reduzido a uma pilha de escombros fumegantes. O ar estava acre. Havia perdido tudo: suas roupas, seus pertences, documentos importantes. Tudo o que acumulara em sua vida não existia mais. Olhando em volta, percebeu que não havia nada que pudesse ser recuperado. Apesar desse fardo significativo, estava grata por ainda ter seus cães e, esperançosamente, o gato apareceria em breve.

Os olhos de Maggie se encheram de lágrimas e ela as enxugou com a mão.

Olhou em volta, sem saber por onde começar. Como reconstruir a vida do nada?

Eileen colocou o braço em volta do ombro de Maggie — Vamos lá, tudo vai ficar bem.

— Sinto como se os tivesse decepcionado — disse Maggie. Puxou um lenço de papel da bolsa e assoou o nariz. Usava uma calça Capri e uma blusa camponesa, que uma das lojas havia doado para ela. Suas amigas estavam certas: todas as roupas que trouxeram eram coisas de que Maggie gostava.

— Quem? — Eileen perguntou.

— Nana e o vovô.

— Nana e o vovô? Por quê? — Eileen perguntou. A confusão se espalhou por seu rosto.

Maggie parecia desolada — Porque eles me deixaram seu bem mais precioso e veja o que aconteceu! Uma casa que estava na família Moran há mais de trezentos anos, e fui eu quem a destruí.

— Não foi intencional — observou sua tia.

— Foi meu próprio descuido. Poderia muito bem ter sido intencional.

Eileen respirou fundo — Parece clichê, mas nada dura para sempre.

Maggie fez uma careta para sua tia — Você tem razão. Parece clichê — Maggie inclinou a cabeça e soluçou, sem se importar mais com quem via ou se fazia um espetáculo de si mesma. Continuou enxugando as lágrimas com o lenço, até que não tivesse mais utilidade.

— Nana e o vovô nem sempre moraram aqui — disse a tia. Tirou os óculos escuros da bolsa e os colocou — Não é como se eles tivessem se casado e se mudado imediatamente.

— Eles não fizeram? Achei que tivessem criado seus filhos aqui.

Eileen balançou a cabeça — Não, Nana era uma recém-casada, com ideias brilhantes. Grandes ideias. Ideias que não incluíam mudar-se para uma casa de campo de dois quartos, com os pais do marido.

Maggie ficou atordoada. Esta era uma história familiar sobre a qual nada sabia. Seus avós nunca mencionaram morar em outro lugar. Mas então, ela nunca havia perguntado.

— Depois que se casaram, eles se mudaram para Londres, para trabalhar.

— Londres! Nana e o vovô moraram em Londres? — Maggie tentou imaginar o avô com suspensórios e cachimbo, parado em frente ao Palácio de Buckingham. E Nana! A avó de Maggie cultivava todos os seus vegetais, criava galinhas e fazia o seu próprio pão. Tricotava suéteres e cobertores e cerzia as meias do vovô.

— Conte-me mais — disse, curiosa sobre a outra vida dos seus avós, do outro lado do Mar da Irlanda.

— Depois que se casaram, alugaram um pequeno apartamento em Londres e ambos trabalharam em fábricas.

Maggie não sabia o que dizer sobre tudo isso. Estava tentando fixar a imagem de seus amados Nana e vovô na movimentada Londres. Mas a

imagem permanecia embaçada e granulada.

— Por que voltaram? — Maggie perguntou.

— Não planejavam voltar. Nunca mais. Bem, pelo menos era assim que contavam a história da família. Estavam procurando comprar uma casa, quando a família começou a chegar.

— Achei que eles haviam criado meu pai nesta casa.

— Eles criaram — disse Eileen — Depois que nasci, perderam o emprego. Foi assim que aconteceu. Aguentaram o máximo que puderam. Minha avó acabou mandando dinheiro para eles voltarem para casa. Voltaram para a Irlanda e seu pai nasceu logo depois. Foram morar com minha avó e nunca mais foram embora.

Maggie processou tudo isso. Olhou para a terra, para o mar, pensando que era a mesma vista que seus avós e o resto de seus ancestrais tinham visto, por mais de trezentos anos. Podia ter perdido a casa, mas ainda tinha a vista.

— Não era para casa ser o lar deles para sempre, mas foi isso que se tornou — disse Eileen.

Maggie pensou em como eles haviam cuidado dela, dando-lhe um lar e segurança.

A voz de sua tia suavizou-se — Quando você passa por momentos difíceis, pensa que nunca mais conseguirá seguir em frente. Mas tem que continuar vivendo. E você começa aos poucos, colocando um pé na frente do outro. Não há outra maneira. Além disso, Nana e o vovô deixaram muito mais para você do que esta casa.

Maggie franziu a testa para a tia, sem compreender.

— Lembro-me daquela menina assustada que chegou aqui com a tenra idade de quinze anos — disse Eileen, com um olhar distante no rosto — Nana e vovô deixaram outras coisas para você. Mais importante, coisas intangíveis.

Ainda carrancuda, Maggie perguntou:

— Como o que?

— A pessoa que você é hoje, você é o que é por causa deles.

Maggie olhou para sua tia. Embora soubesse que isso era verdade, sem dúvida, era bom ouvir a opinião de outra pessoa sobre o assunto.

— O amor incondicional deles permitiu que você se tornasse quem deveria ser: um espírito livre, uma pensadora independente, uma mulher de negócios.

Maggie tinha que concordar com essa avaliação. O envolvimento de Nana e do avô em sua formação, após a morte de seus pais, ficou marcado por toda a sua vida.

Eileen continuou — E, por causa disso, você sobreviverá a essa tragédia e seguirá em frente. Talvez não seja exatamente como você imaginou, mas lembre-se, as coisas não precisam ser perfeitas para serem boas.

Apesar de sua dor, Maggie teve que admitir que havia alguma verdade no que sua tia dizia.

Enquanto contemplavam as ruínas enegrecidas, contra o pano de fundo do céu azul brilhante e do oceano calmo e cintilante, Maggie pensou ter ouvido

algo e se virou.

Miau.

— Ah, Twinkle! Venha aqui — disse, dando um longo suspiro de alívio. Pegou o gato ruivo e o abraçou. Twinkle se contorceu um pouco, mas Maggie o acariciou, e o gato respondeu se acalmando e ronronando.

— É melhor levá-lo para casa e dar-lhe algo para comer — disse Eileen — Vou buscar os cachorros no veterinário.

— Isso seria ótimo — disse Maggie — Tem certeza de que não se importa?

Eileen balançou a cabeça — Claro que não. Eles estão prontos?

— Deixe-me ligar para eles agora mesmo — disse Maggie. Fez a ligação e falou com a recepcionista, que informou que os cães estavam bem e prontos para serem pegos. Maggie transmitiu essa informação à tia. O telefone dela tocou novamente. Desta vez era Jake.

Maggie atendeu e falou brevemente com ele, antes de desligar.

Ela seguiu a tia até o carro — Jake voltou do hospital.

— Fico feliz em ouvir isso — disse Eileen.

— Você se importa de levar os animais de estimação para casa, sozinha? Jake está vindo ver a casa.

— Não tem problema, vou colocar Twinkle no banco da frente, comigo — disse Eileen.

Maggie estendeu a mão e abraçou a tia, surpreendendo-a.

Eileen, que ficou surpresa, riu — Tudo bem então.

— Tia Eileen, nem sei como te agradecer — disse Maggie — Você fez tanto por mim.

Sua tia sorriu e tirou o gato dos braços de Maggie — É o que a família faz pelos outros — ao entrar no carro, disse: — Dê minhas lembranças a Jake.

Maggie esperou até que sua tia se afastasse. A visão de Eileen conversando com Twinkle enquanto partiam trouxe um sorriso ao seu rosto.

Ficou em sua casa por mais algum tempo, decidindo que iria reconstruí-la. Bem aqui. E seguiria em frente. E, talvez algum dia, os seus próprios filhos olhassem para a mesma paisagem e trilhassem o mesmo terreno que os seus antepassados trilharam.



Jake voltou do hospital no início da tarde. Ele ainda tossia, mas se sentia melhor, e a médica lhe dissera que não havia mais necessidade de oxigênio suplementar. Ela o aconselhou a ir para casa descansar e relaxar por alguns dias. O pai de Roisin se ofereceu para buscá-lo no hospital, e Jake aproveitou a oferta, agradecendo-lhe profusamente.

Seu plano era conversar com Noah e depois ver Maggie. Não dormira bem durante a noite, no hospital, pois estava muito preocupado com ela. Mas seus pais conversaram pelo Skype, assim que ele chegou em casa, para ter certeza de que estava bem. Noah ligou para eles e contou o que havia acontecido.

A preocupação deles com ele parecia tê-los envelhecido, e Jake, com a voz ainda rouca, passou uns bons cinco minutos assegurando-lhes que estava bem. Noah veio e sentou-se ao lado do pai, juntando-se à conversa, e Jake gostou da conversa cheias de brincadeiras amigáveis que se seguiu.

— Noah disse que você conseguiu permissão para construir o campo de golfe — disse o pai.

Jake balançou a cabeça — Não, pai. Bem, eu consegui, mas retirei o pedido. A Greystone não construirá nada em Ballygap.

Don Ballard não conseguiu esconder o choque — O que você quer dizer?

— Não vai dar certo aqui, só isso — disse Jake — Acho que deveríamos olhar para a Jamaica novamente.

A mãe de Jake interrompeu — Não é preciso falar de negócios hoje. Quando você estiver pronto, pode explicar tudo — olhou para o marido e disse a Jake: — Quaisquer que sejam os motivos que você tenha para desistir do projeto, tenho certeza de que são válidos.

Jake havia pensado muito enquanto estava no hospital, sobre a Greystone e sobre seu próprio futuro. Havia muito o que discutir com seu pai quando voltasse para casa. Mas a mãe dele estava certa; agora não era hora de discutir negócios.

Depois que desligaram, Noah disse:

— Vou fazer o jantar hoje à noite.

— Isso é ótimo.

— Mas será vegano — Noah o avisou.

— Parece perfeito — disse Jake, pegando a carteira e as chaves do carro.

— Ei, onde pensa que está indo? O médico disse que você deveria ir com calma e descansar por alguns dias.

— Eu vou. Vou ver Maggie — explicou Jake.

— Tudo bem. Você pode ficar por uma hora e depois tem que voltar para

casa — disse Noah.

Jake riu, estendeu a mão e bagunçou o cabelo do filho — Você é um ótimo garoto, Noah. Sabe disso?



Maggie estava sentada na grama, em frente às ruínas de sua casa, quando Jake chegou. Ela se virou quando ele parou e estacionou o carro. Ele achava que parecia pior em plena luz do dia. Percebeu o nível de destruição. Não havia nada que pudesse ser recuperado. Nem mesmo uma parede. Até o ar ao redor cheirava a queimado.

Quando ele saiu, ela foi até ele. Os círculos roxos escuros sob os olhos dela o alarmaram. Ela parecia fantasmagórica.

— Oi, Jake — Maggie disse.

Quando ela se aproximou dele, não resistiu. Puxou-a para seus braços e a abraçou. Ela não chorou e não o afastou. Quando finalmente se separaram, sentaram-se na grama em frente às ruínas.

— Como vai? — ele perguntou, seus olhos procurando o rosto dela — Como estão os cachorros? Você encontrou o gato?

— Estou bem. Os cães estão bem. E o gato apareceu esta manhã e foi para casa com minha tia. E você? — perguntou, a preocupação pesando em suas feições.

— Estou bem — tranquilizou-a — Não se preocupe comigo.

Ela assentiu e olhou para os escombros carbonizados — Fico pensando que se olhar para a realidade, posso me acostumar.

Jake suspirou — Maggie, você precisa se dar um tempo. Só aconteceu ontem à noite.

Absteve-se de oferecer quaisquer outros conselhos, sugestões ou soluções. Em vez disso, sentou-se com ela em sua dor, nenhum dos dois dizendo uma palavra. Jake estava confortável com isso. O importante era que ela soubesse que ele estava por perto se precisasse dele.

O contraste entre os escombros enegrecidos de sua casa, o céu azul brilhante e o oceano cintilante eram ao mesmo tempo impressionante e perturbador.

— É engraçado pensar que só jantamos juntos ontem à noite, mas parece que foi há mil anos — disse ela. Havia uma expressão melancólica em seu rosto.

— Provavelmente porque muita coisa aconteceu desde então — disse, com um suspiro.

— Sim, muita coisa aconteceu — ela repetiu, com a voz embargada. Recuperou a compostura. Havia uma sugestão da velha Maggie por trás daqueles incríveis olhos azuis quando ela sorriu e disse: — Sabe, Jake, eu tinha uma ideia toda errada de você. E por isso, sinto muito. Estou feliz por ter te conhecido.

Desconfortável com os elogios, mas também satisfeito, a única coisa que Jake conseguiu dizer foi: — Obrigado.

Ela se inclinou para ele e ele colocou o braço em volta dela.



Noah preparou um ambicioso Wellington vegetariano de beterraba e abóbora, que serviu com o pesto de algas marinhas de Maggie. Jake não se cansava do pesto de algas marinhas, desde a primeira vez que o experimentou.

— Fizemos isso uma vez na casa da Roisin e achei tão bom, que resolvi fazer sozinho. Foi um pouco complicado trabalhar com a massa folhada, mas consegui — disse Noah.

Jake sorriu para seu filho — Está delicioso. Você deveria ficar orgulhoso de si mesmo.

Noah ficou vermelho e colocou uma garfada de comida na boca — Como está Maggie?

Jake olhou para seu prato — Está tão bem quanto possível.

— Ela vai reconstruir?

Jake assentiu. Maggie disse que sim, e ele a encorajara. Antes de se separarem, Jake lhe disse que poderia ajudá-la com o seguro ou com a contratação de um arquiteto para ela. A empresa que ele contratou para desenhar as representações do campo de golfe fazia apenas trabalhos comerciais, mas talvez pudessem recomendar outra empresa para residências. Ela assentiu e disse que apreciaria qualquer ajuda.

— Hum, olhe, Noah, odeio dizer isso a você, mas como a Greystone não construirá o campo de golfe, não há mais razão para ficarmos na Irlanda.

Noah largou o garfo e ficou de boca aberta — O que? Não vamos ficar até o final do verão?

Jake balançou a cabeça. Seu filho nunca entenderia o quanto Jake também não queria deixar a Irlanda.

— Ah, pai, vamos lá. Tenho planos aqui para o resto do verão — Jake tinha certeza de que esses planos incluíam a garota da porta ao lado.

— Eu sei — pensou em seus próprios planos para ele e Maggie, que desapareceram da noite para o dia.

— Por que não podemos ficar? — Noah pressionou. Havia abandonado o jantar.

— Como ainda tenho um resort para construir este ano, e como não será construído aqui na Irlanda, terei dificuldade em encontrar um local para ele.

— Mas poderíamos ter férias de verdade, onde passearíamos todos os dias.

Jake odiava decepcionar o filho, mas tinha um negócio para administrar — Noah, não há nada que eu gostaria mais do que passar o verão com você, explorando o resto da Irlanda.

— Pai!

Jake compartilhava a frustração de seu filho.

— Quando temos que ir? — Noah perguntou.

— Logo — disse Jake. Estava dividido entre estar aqui por Maggie e suas obrigações comerciais — Dentro das próximas duas semanas.

— Duas semanas! Isso é quase nada — disse Noah.

— Sinto muito.

Seu filho permaneceu cabisbaixo durante o resto da refeição, e Jake decidiu dar-lhe algum espaço e não o pressionar a conversar.



Dois dias depois, Noah saiu e Jake trancou a porta atrás deles. Havia um pouco de sol, que oferecia um pouco de calor e uma leve brisa. Jake se perguntou se alguma vez ficava quente aqui. Estava começando a duvidar disso.

Jake clicou no chaveiro e as luzes do carro alugado piscaram, sinalizando que o carro estava destrancado.

— Vamos lá, pai, vamos caminhar — sugeriu Noah — Não é tão longe. Roisin nos encontrará lá com seus pais.

Jake concordou e olhou para o céu, decidindo que talvez não chovesse. Ele descobrira que o tempo aqui enganava. Foi pego pela chuva duas vezes, enquanto o sol brilhava.

Estavam indo para o centro paroquial, onde a população de Ballygap estava realizando uma festa surpresa, para arrecadar fundos para Maggie. Como Olive lhe explicara, nunca conseguiriam arrecadar dinheiro suficiente para ela reconstruir a casa, mas poderiam ajudá-la a mobiliá-la e a recomeçar. Ele comprou alguns talões de ingressos e Olive não conseguiu esconder sua surpresa. Como ele só precisava de dois ingressos, para Noah e para ele mesmo, deu o resto às pessoas da cidade, que conhecera durante o dia.

— Você está ansioso para voltar para a Califórnia? — Jake perguntou. Havia conversado com Nadine na noite anterior e ela estava ansiosa para ver o filho.

Noah assentiu — Eu estou, de certa forma. Mas eu amo a Irlanda.

Jake sabia como ele se sentia e não pôde deixar de se perguntar se isso tinha alguma coisa a ver com Roisin.

— Você escreverá para Roisin quando voltar para casa? — Jake perguntou.

— Fala sério, pai, você precisa se atualizar. Estamos no século XXI. Não escreverei cartas, mas concordamos em enviar e-mails e mensagens de texto.

Jake balançou a cabeça, decidindo não ressaltar que o e-mail era uma forma eletrônica de escrever cartas — Ela parece ser uma garota legal — disse, na esperança de iniciar uma conversa e talvez conseguir alguma informação do filho. Mas Noah permaneceu em silêncio.

Tentando novamente, Jake disse:

— Roisin já esteve nos EUA? Talvez ela pudesse vir fazer uma visita, algum dia.

Noah olhou para o pai — Você acha? Ela já esteve em Nova York, mas nunca na Califórnia.

Jake encolheu os ombros — Não vejo por que não. Talvez no próximo verão. Podemos perguntar à sua mãe.

Seguiram em frente.

— Você acha que vai contar a Maggie o que sente por ela, antes de

partirmos? — Noah perguntou.

Jake olhou para o filho, surpreso — Do que você está falando?

— Pai, para. Você fica igual um pateta quando ela está por perto — Noah riu.

— Não fico não! — Jake protestou, irritado. Havia muitas palavras que ele associava a si mesmo, mas “pateta” não era uma delas.

Noah ainda estava rindo — Ah cara, você é tão sem graça.

— Eu não sou sem graça — disse Jake.

— Sim, você é. Eu simplesmente não consigo decidir se você age dessa maneira perto dela e não faz nada a respeito porque está enferrujado ou porque está embaçado por ela — disse Noah, olhando para o pai.

Jake não admitia que fosse um pouco do primeiro e muito do último. Suspirou.

— Você deveria dizer a ela como se sente, antes de partirmos — sugeriu Noah — Ela é tão legal.

Jake não estava disposto a aceitar conselhos amorosos de seu filho adolescente. Mas ficou animado com o fato de Maggie já ter obtido o selo de aprovação de seu filho.

— Veremos — disse Jake quando o salão paroquial apareceu.

— Do que você tem medo?

Essa era uma boa pergunta.



Maggie colocou uma pilha de roupas novas na cama e começou a cortar as etiquetas com uma tesoura. Do lado de fora de sua janela, uma carga de roupa lavada estava pendurada no varal, no jardim dos fundos, balançando, ondulando e estalando com a brisa.

Ela não sabia o que teria feito sem Jake, sua tia e seus amigos. Ou April, aliás, que havia ajudado muito na loja. Apesar de ter encontrado o pássaro e realmente não ter motivos para permanecer em Ballygap, Nigel permaneceu. E Maggie imaginava que fosse por causa de April. Originário de Galway, ele trabalhava e morava nessa cidade, no setor de TI. Mas agora ficaria viajando de um lado para outro no futuro próximo. Maggie estava feliz por eles.

— Você pode vir comigo ao salão paroquial? — Eileen gritou escada acima.

Maggie franziu a testa — Agora?

— Sim, por favor.

— Você realmente precisa que eu vá com você?

— Venha comigo, preciso dar uma olhada em uma coisa — disse Eileen, ignorando a pergunta de Maggie.

— No salão paroquial? — Maggie murmurou para si mesma. Suspirou e gritou: — Dê-me cinco minutos.

Ela andou pela sala, procurando seu poncho novo e calçando um par de sandálias, também novas.

Eileen estava esperando por ela na cozinha, com a bolsa pendurada no braço e os óculos escuros no topo da cabeça.

Naquele momento, Rufus veio correndo pela cozinha, sendo perseguido por Sparky, o Jack Russell terrier de Eileen. Sparky mordiscou e atacou os calcanhares de Rufus. Daisy se escondeu debaixo da mesa da cozinha. Não seria por muito tempo, Maggie lembrou a si mesma. Realmente precisava encontrar um lugar para ficar, e então sua tia poderia ter sua casa de volta. E um pouco de paz e sossego. Estava em dívida com ela.

— Pronta? — Eileen perguntou, saindo pela porta, sem esperar pela resposta de Maggie.

— Acho que sim — Maggie disse para ninguém em particular.

Entrou no carro da tia e apertou o cinto.

— O que há no salão paroquial? — Maggie perguntou.

Sua tia encolheu os ombros, saindo de sua extensa garagem para a estrada principal e seguindo em direção ao centro da cidade — Apenas algo que preciso verificar.

— E você precisa de mim porque...? — Maggie perguntou, sua pergunta desaparecendo.

Eileen olhou para ela e sorriu — Só pensei que seria bom sair de casa e dar um passeio.

— No salão paroquial? — Maggie questionou. Franziu a testa e olhou para a tia, perguntando-se o que ela estava fazendo.

Mas Eileen permaneceu em silêncio durante o resto da breve viagem até a cidade. Ao chegarem, viram que o estacionamento do centro paroquial estava lotado. Foram forçadas a encontrar um lugar na rua.

— O que está acontecendo aqui? — Maggie perguntou, enquanto caminhavam em direção ao corredor.

— Não tenho ideia — respondeu sua tia, mas Maggie a olhou com desconfiança.

Na entrada externa, ouvia-se o barulho de uma multidão atrás das portas duplas. Eileen segurou a porta aberta e sorriu.



Maggie entrou no salão principal do centro paroquial. Estava lotado de gente. Assim que ela apareceu, um silêncio murmurante percorreu a multidão. Na parede oposta havia uma enorme faixa que dizia: “Nós amamos você, Maggie”.

Maggie parou e olhou em volta. Reconhecia quase todo mundo da cidade, desde Lily, Sam e o bebê, Eimear e seu noivo, Ben, até April e Nigel, Olive, Dan Gentilhomme e sua recepcionista, Mary. Havia pessoas lá cujos nomes ela nunca soube, mas por quem cruzava enquanto andava de bicicleta pela cidade ou caminhava pela praia. Pessoas para quem ela apenas acenava.

Com a boca aberta, olhou para a tia — O que está acontecendo?

Antes que Eileen pudesse responder, as pessoas começaram a se aproximar, começando por Lily e Eimear, que puxaram a amiga para um abraço coletivo — Maggie, — disse Lily — você cuida da saúde de todos nós há muito tempo. É hora de cuidarmos de você.

Maggie engoliu em seco.

Olive a envolveu em um abraço, cheirando a algo cítrico. Boquiaberta, Maggie a abraçou de volta — O spray de lavanda funcionou — declarou Olive — Estou dormindo como um bebê. Estamos todos aqui para ajudá-la, Maggie.

April foi a próxima, de braços dados com Nigel. April estava pulando de excitação — Maggie, todos nós vamos ajudá-la a superar isso.

Maggie olhou para a multidão, atordoada. Lutou para manter suas emoções sob controle, com medo de se envergonhar.

Durante a meia hora seguinte, as pessoas vieram até ela e contaram coisas que havia feito por elas. Estava sem palavras.

As últimas pessoas foram Jake e Noah — Jake! — murmurou, suas feições suavizando ao vê-lo.

Noah se aproximou dela primeiro. Arrastou os pés e olhou para baixo.

Atrás dele, seu pai deu-lhe uma cutucada suave. O adolescente olhou para Maggie, seu rosto ficando vermelho como uma beterraba.

— Maggie, estou aqui em Ballygap há pouco tempo, mas nunca pensarei nesta cidade sem pensar em você.

— Ah, Noah.

Noah se afastou, e isso deixou Maggie de frente para Jake.

— É uma multidão impressionante, Maggie — disse Jake, olhando ao redor do salão paroquial — Isso diz muito sobre o que Ballygap sente por você, e o sentimento parece ser unânime.

Esse sentimento atingiu Maggie como uma enxurrada. Embora ele fosse americano, ela não pôde deixar de se perguntar se ele se incluía naquela referência ao povo de Ballygap. Deu uma boa olhada na multidão, nas risadas e no barulho geral das conversas. Havia mesas com itens variados, para um sorteio que seria realizado no final, e havia outra mesa comprida com café, chá, sanduíches, sacos de salgadinhos e todos os tipos de sobremesas. Parecia que muitas pessoas estiveram ocupadas só por ela. Um nó se formou em sua garganta.

— Ei, você está bem? — Jake perguntou. Ele estendeu a mão e pegou a mão dela, dando-lhe um aperto suave e reconfortante. Ele se inclinou e beijou sua testa.

Maggie retribuiu o aperto e ficou feliz quando ele não soltou a mão dela.

— É demais — admitiu, quando conseguiu controlar a voz.

— É mesmo, — disse Jake — mas é mais que merecido.

Ela olhou para ele, meio impressionada por ele pensar isso. O que ele pensava dela era importante. Ela sabia o que pensava dele. Havia arriscado sua vida para salvar o cachorro dela. Desistiu de seu campo de golfe, sem lutar, poupando-a do incômodo de apresentar uma objeção. Isso havia lhe dito tudo o que precisava saber sobre Jake Ballard.



Quatro dias depois do evento beneficente, no salão paroquial, Maggie caminhou com Jake pelos penhascos. Fazia apenas uma semana, desde o incêndio. Durante esse período, eles se reuniram com o avaliador de seguros no local que os informou sobre o processo de pagamento. Jake se ofereceu para estar lá com ela e ela ficou feliz por ter concordado, pois ele fez perguntas que não haviam passado por sua cabeça. Até deu aulas de tai chi para ela. Ela estava feliz por ele estar lá. Ele lhe disse repetidamente que queria estar ao seu lado.

Era engraçado para ela como a ideia de perder sua casa para um campo de golfe quase a colocou contra Jake e sabotou qualquer relacionamento florescente. E agora que o campo de golfe não seria construído, não havia ameaça ao relacionamento deles. Mas ela se perguntou - mais de uma vez - se a perda de sua casa seria um fardo muito pesado no início de qualquer relacionamento. Sempre pensava naquela noite em que foram jantar. Por um breve período, ela estava escandalosamente feliz. Perguntou-se se algum dia

se sentiria assim novamente.

— Há algo que preciso conversar com você — disse Jake.

Maggie olhou para ele, franzindo a testa diante de seu tom sério.

— Agora que não estou construindo meu campo de golfe aqui, preciso construí-lo em algum outro lugar — começou.

— Claro — O coração de Maggie começou a disparar.

— Noah e eu deixaremos a Irlanda em breve — Ah — ela disse. A ideia de ele ir embora a fez querer chorar. Desde que ele saíra do hospital, ela o via todos os dias. Ver e estar com ele era o ponto alto de seus dias. Ele a levou para Limerick para comprar roupas. Marcou um encontro com ela e um arquiteto, com a ressalva de que se ela não gostasse deste, encontraria outro. E, no dia anterior, não haviam feito nada relacionado ao incêndio. Ele a levaria até Kerry, sugerindo que seria bom para ela escapar da realidade um pouco. Passaram o dia em Killarney e jantaram lá. Ele estava certo. Quase se sentiu normal novamente, estando longe de Ballygap.

Mas houve momentos em que ele pegou sua mão e lhe deu um aperto tranquilizador. Enquanto caminhavam por Killarney, passeando e fazendo compras, ele segurou sua mão. Ela gostava da sensação de sua mão na dele: menor, segura e protegida. Mas, acima de tudo, com alguém.

— Por favor, quero que você entenda que eu tenho que voltar, mas que quero ficar — disse ele.

— Você tem que trabalhar, Jake, e eu ficarei bem — falou, tentando convencer a si mesma e a ele.

— Olha, por que você não pega nosso aluguel? Ainda tenho mais um mês e o proprietário só voltará na primavera. Isso lhe daria algum tempo para pensar sobre o que quer fazer a seguir.

— Isso é muito gentil da sua parte, mas não precisa fazer isso — disse, educadamente.

— É uma pena que a casa seja desperdiçada quando já está paga.

Quando ela não disse nada, ele acrescentou — Deixe-me entrar em contato com o proprietário para você.

— Tudo bem — falou. Uma nova casa não seria construída do dia para a noite e ela sabia que não poderia ficar com a tia para sempre — Está um pouco tenso na casa da minha tia. Não entre minha tia e eu, mas o cachorro dela não gosta dos meus cachorros e não vamos nem falar sobre o gato.

— Eu cuidarei disso para você — disse Jake — E, quando partirmos, será todo seu.

— Quando você vai embora? — perguntou.

— Na próxima semana.

Rápido assim?

— Quando eu voltar para a Califórnia, gostaria de ligar para você. Ou enviar mensagens. Ou fazer ligações por Skype — disse ele. Riu e esfregou a nuca.

Ela não pôde deixar de sorrir — Eu gostaria muito disso — havia uma leve

esperança de que ele não estivesse desaparecendo totalmente de sua vida, e ela iria agarrá-la com as duas mãos e segurar com força.



Maggie voltou ao trabalho; não poderia adiar isso para sempre e, na maior parte, provou ser uma boa distração. No início, em alguns dias realmente sombrios, ela se agarrou ao fato de que ainda tinha Slainte Mhaith. Estava grata por isso.

Mas o dia em que Jake ia embora acabou sendo um dia particularmente difícil.

Maggie bateu os potes de pesto de couve nas prateleiras, frustrada, movendo o estoque novo para trás e girando o estoque antigo para a frente. Sentiu como se nunca mais fosse parar de chorar.

— Está tudo bem? — April perguntou, vindo atrás dela.

Maggie só pôde acenar positivamente, sem entusiasmo.

— Eu sei que você está chateada, mas vai ficar tudo bem — falou April — E eu vou ajudar. Farei o que puder — parecia tão entusiasmada em ajudar. Maggie sorriu para sua assistente, porque sabia que tinha boas intenções, mas April não teria cura para um coração partido. Ainda assim, Maggie sabia que suas intenções eram sinceras. E a garota tinha sido um presente de Deus, administrando a loja. Realmente tinha assumido o controle da situação.

— Estou bem — falou ela, pousando um pote com um pouco de força demais. Maggie pegou outro pote da caixa, mas April o interceptou e gentilmente o removeu de sua mão.

— Vou estocar as prateleiras — disse. Colocou o pote na prateleira, com o rótulo meio escondido. Maggie ignorou, sem se importar. April passou o braço em volta de Maggie, apertando suavemente seu braço.

— Agora, vamos pegar uma xícara de chá e acender uma vela — disse April, levando Maggie para seu escritório.

April fez Maggie se sentar na cadeira atrás da mesa. Diminuiu a luz, pegou o telefone e ligou o alto-falante Bluetooth. O canto dos pássaros encheu a sala. April baixou o volume e disse:

— Agora, sente-se e feche os olhos, vou pegar uma xícara de chá para você — Maggie caiu para a frente na cadeira, apoiando a cabeça nas mãos. Agora vieram as lágrimas. Não podia ficar sentada. Tinha trabalho a ser feito.

— Eu tenho muito trabalho para fazer. Tenho que ligar para a Mãe Natureza e reordenar o estoque.

April balançou a cabeça — Eu fiz isso ontem. Está tudo pronto — a garota acendeu uma vela que supostamente tinha efeitos calmantes. Maggie esperava que sim.

Maggie olhou para ela — Eu realmente deveria começar com as receitas de final de mês.

— Isso também está resolvido — disse April — Apenas relaxe. Vou fazer um chá para você.

Maggie olhou para April, de boca aberta.

Não demorou muito para que April voltasse com uma xícara de chá em uma xícara de porcelana floral. No pires, ela colocara dois biscoitos.

— Ah, Maggie, vai ficar tudo bem — April disse suavemente — Tudo vai se resolver da melhor maneira — April colocou a xícara de chá na frente de Maggie.

Maggie assentiu, incapaz de encontrar a voz.

— Quer que eu sente com você um pouco? — April perguntou.

Maggie balançou a cabeça. Apreciava tudo o que April tinha feito, mas queria ficar sozinha — Não, obrigado, só preciso de um tempo.

— Não se preocupe, cuidarei de tudo — disse April, fechando a porta atrás dela.

Maggie recostou-se na cadeira e soltou um longo suspiro de frustração. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela mordeu o lábio.

— Eu não vou chorar. Eu não vou chorar — sussurrou. Não estava chorando por sua casa perdida. Ou pelo fato de ter perdido tudo.

Estava chorando por Jake Ballard. As lágrimas começaram novamente.

Não importou o que disse a ele, ou o quão irritada ficou, sempre permaneceu gentil. Ele a fazia rir. Seu humor a pegava desprevenida. E ele parecia gostar de provocá-la de maneira despreocupada. Depois de cada encontro, ela se viu literalmente repassando a conversa em sua cabeça e tentando extrair cada nuance dele. Examinou o que ele dissera, sua inflexão quando disse isso e sua expressão, tentando extrair qualquer coisa que pudesse mostrar que ele gostava dela. Mas, desde o incêndio, ele esteve lá para ajudá-la. Ela tinha muito apoio da tia e dos amigos, mas com Jake era diferente. Ele podia simplesmente ter voltado para casa imediatamente, desculpando-se, dizendo que tinha coisas a fazer e precisava encerrar sua estada na Irlanda. Mas ele passara todos os dias com ela, ajudando-a em várias tarefas na reconstrução de sua casa e apenas estando lá.

E houve os beijos e mãos dadas. Maggie gostara de tudo isso. Certamente isso significava alguma coisa. Mas, às vezes, ela se perguntava se estava com a mente clara o suficiente para definir esse tipo de coisas.

Soltou um suspiro profundo. Isso era uma loucura total. Não havia como superar a impossibilidade de tudo isso. Não tinha como dar certo. Ele morava a dez mil quilômetros de distância. Embora ele tenha perguntado se poderia lhe ligar e enviar e-mails, ela não pôde deixar de se perguntar se iriam se distanciar um do outro. Se já estavam fadados ao fim.

April enfiou a cabeça pela porta.

— Como você está? — perguntou.

— Sobrevivendo.

— Deixe-me pegar outra xícara de chá — disse April. Antes que Maggie pudesse protestar, ela apareceu, pegou a xícara de chá e desapareceu. Quando voltou, colocou a xícara cheia na frente de Maggie.

Maggie olhou para a garota — April, nunca poderei agradecer o suficiente. Tenho muita sorte de ter você aqui na loja comigo. Não sei o que faria sem

você.

April ignorou o elogio — Amigos cuidam uns dos outros.

Maggie sorriu — Sim, amigos cuidam uns dos outros.

April permaneceu na porta — Jake Ballard está indo embora, hoje.

Maggie assentiu.

April encostou-se no batente da porta e roeu a unha — Você sabe o que pode lhe fazer se sentir melhor?

— Não, o quê?

— Dizer a Jake o que você sente por ele, antes dele partir — sugeriu April.

Maggie abriu a boca, mas não sabia o que dizer sobre isso.

— Ele está indo embora e um de vocês precisa expressar seus sentimentos — disse April — Acho que você se arrependeria se ele fosse embora sem saber o que sente por ele. E não precisa adicionar arrependimento à sua dor.

Quando sua assistente se tornou tão sábia? Maggie se perguntou.

Ouviram alguém entrar na loja. April inclinou a cabeça para trás para ver quem estava lá, depois se virou para Maggie, com um sorriso largo no rosto

— O universo deve ter me ouvido, porque Jake está aqui.



Quando Maggie saiu do escritório, Jake estava tamborilando os dedos na bancada. Ele decidiu que iria até a loja para se despedir, o que estava apavorado em fazer. Mas, no fundo de sua mente, uma ideia começou a tomar forma. Era uma ideia radical, mas, às vezes, as coisas precisavam ser agitadas.

Enquanto se revirava, na noite anterior, pensou em ficar na Irlanda. Administrar seu negócio daqui. Imediatamente, descartou a possibilidade, pensando que era impossível. Mas, para cada argumento que tinha contra, conseguiu encontrar uma solução.

Maggie estava recuperando um pouco de sua cor. A expressão abalada que tinha desde o incêndio, começava a se dissipar. Voltar ao trabalho e construir uma nova casa deu-lhe foco e propósito.

— Olive foi até mim, esta manhã — disse Jake, sorrindo ao se lembrar disso — Ela queria me desejar boa sorte.

— Isso foi gentil. Você já está indo? — Maggie perguntou.

— Estamos. Noah está se despedindo de Roisin neste momento — disse, com um sorriso que não sentia. Olhou no seu relógio — Temos que ir para o aeroporto em breve — tamborilou os dedos no balcão novamente. Estava muito animado para compartilhar sua ideia com ela, mas, ainda assim, tentava reunir coragem para falar sobre isso.

— Você ficará feliz em voltar para a Califórnia.

Jake encolheu os ombros — Não tenho tanta certeza.

Ficaram um de frente para o outro, na frente da loja, sem dizer nada. Ele se mexeu, inquieto. Decidiu se arriscar.

— Maggie, tenho uma ideia e você pode achar que é uma loucura, mas a verdade é que não quero ir embora.

— Eu não quero que você vá embora.

— Isso é bom — fez uma pausa, reunindo seus pensamentos — Naquela noite em que fomos jantar em Galway, eu tinha muita esperança em nós — disse Jake — Achei que poderíamos continuar a nos ver depois e ver o que aconteceria.

— Eu também pensei isso — disse Maggie, com o queixo tremendo. Ela olhou para baixo e tocou a bainha do suéter — Mas então minha casa pegou fogo.

— Mas então sua casa pegou fogo — repetiu Jake, sentindo o peso daquela frase e como ela havia mudado tudo. Como algo tão terrível poderia destruir tantas possibilidades.

O sol brilhava pela vitrine, iluminando-os. Tudo parecia dourado para Jake. E, acima de tudo, esperançoso.

— A verdade é, Maggie, quero ver você todos os dias. Quero sentir sua mão na minha. Sentir o seu perfume. Observar enquanto a brisa levanta seus lindos cabelos de seus ombros. Pegar você em meus braços e beijá-la, todos os dias.

— Mas como faríamos isso funcionar? Você mora do outro lado do mundo e eu estou aqui — disse. Sua expressão era de dor.

— Eu tenho uma ideia. Gostaria de voltar aqui para a Irlanda.

Seus olhos se arregalaram quando ela deu um passo mais perto dele — Voltar para a Irlanda? Quando? O que você quer dizer?

Ele riu — Tenho pensado muito nisso. Viajo pelo mundo todo, então, minha base pode ser em qualquer lugar. Não precisa ser na Califórnia.

Maggie piscou — O que você está dizendo, Jake?

— Estou dizendo que gostaria de mudar a Greystone para cá. Vou conversar com meu pai, quando voltar para a Califórnia. Tenho que ir embora hoje, mas voltarei. Por você.

A boca de Maggie se abriu ligeiramente e ela disse:

— Você faria isso? Por mim?

Jake riu — Talvez eu seja louco, Maggie, mas sou louco por você — foi como se seu coração tivesse parado. Ele acrescentou rapidamente: — Mas só se você quiser.

Ela exalou um longo suspiro — Ah, como eu quero que você faça isso!

Jake soltou a respiração que estava prendendo.

Ele abriu um grande sorriso, deu um passo em direção a ela e puxou-a para um abraço apertado. Os braços dela deslizaram por baixo dos dele e ao redor de suas costas. A sensação dela era reconfortante e ele continuou a abraçá-la. Ela segurou com a mesma força. Jake inalou o cheiro dela, fechou os olhos e sorriu.

— Vou levar Noah de volta para a Califórnia. E então voltarei para você — sussurrou em seu ouvido.

Maggie se afastou, os olhos cheios de lágrimas — Estarei aqui, esperando por você.

Jake assentiu — Bom — colocou as mãos em cada lado do rosto dela e a beijou, seu coração parecia prestes a explodir. Ele a beijou, longa e duramente, até que ela se afastou, sem fôlego.

Do fundo da loja, ouviram palmas, enquanto April dizia:

— Já era hora! Meu Deus!



Jake agora conhecia Maggie bem o suficiente, depois de estar casado com ela há quatro anos. E hoje, enquanto se preparavam para ir ao aeroporto buscar Noah, que estava de férias da faculdade, ele sabia que algo estava errado.

Maggie parecia pálida e cansada. Nas últimas noites, adormeceu no sofá, logo após o jantar. Ele se perguntou se estavam socializando demais. Nas últimas duas semanas, saíram três vezes. Uma vez com Lily e Sam e Eimear e Ben, depois no batizado do filho de April e Nigel, e depois houve a festa de despedida, no salão paroquial, de Peg, que finalmente conseguiu vender sua casa e comprar um apartamento na Espanha. Mas, mais do que isso, Maggie estava quieta. De uma maneira incomum. Enquanto preparava a panela de mingau para os dois, ele ficou de olho nela.

Reconstruíram a casa depois do incêndio, um bangalô comprido, com tetos altos e grandes janelas, com vistas espetaculares. Jake mandou colocar uma pedra memorial onde ficava o antigo chalé que dizia: Casa dos Morans, desde 1711 DC.

Maggie tinha acabado de chegar da praia, com Rufus atrás. Engraçado, mas, desde que se casaram e foram morar juntos, Daisy e Twinkle não iam mais à praia pela manhã, optando por ficar com Jake. Não lhe passou despercebido que a setter irlandês o seguia por todo o lugar. Sempre que ele saía de casa, Maggie relatava que Daisy ficava sentada em frente à porta, olhando para ela, até ele voltar. Maggie achava isso divertido e ria, dizendo: “Parece que não sou a única que se apaixonou por você”. Ele levava o cachorro para trabalhar com ele. A equipe havia se apaixonado por ela, mas ela geralmente permanecia no escritório dele, cochilando no chão, perto da sua cadeira.

Jake assobiou, enquanto despejava o mingau da panela em duas tigelas. Preparou o de Maggie exatamente como ela gostava: um pouco de mel, algumas framboesas e mirtilos e um pouco de leite. Apesar de sua preocupação com a esposa, estava animado em ver o filho. Noah passaria o verão inteiro com eles, até voltar para a faculdade, no outono. Jake havia arrumado um emprego para ele na cidade, orgulhoso da forma como Noah havia amadurecido.

Jake e Maggie sentaram-se juntos à mesa da cozinha.

No início, para prosseguir seu relacionamento com Maggie, Jake transferiu a Greystone Development para a Irlanda. Inicialmente, seu pai relutou em mudar a empresa, mas, depois de um pequeno derrame, decidiu que era hora

de se aposentar. Quando Jake mencionou que a taxa de imposto sobre empresas na Irlanda era de 12,5%, convencera o seu pai. Depois de oferecer um generoso pacote de indenização a seus funcionários na Califórnia, Jake alugou um amplo espaço de escritório, no centro da cidade. Sua primeira contratação foi Delia, viúva com quatro filhos, como assistente. Conseguiu continuar fazendo o que sempre fez: construir campos de golfe e resorts por todo o mundo, com sede na Irlanda. Tinha que viajar muito a negócios, mas, quando podia, Maggie o acompanhava.

— Como estava a praia?

Maggie ergueu os olhos da tigela, como se o estivesse vendo pela primeira vez. Ele franziu a testa para sua pele pálida.

— Maggie, o que está acontecendo? — perguntou. Um pensamento lhe ocorreu — Você está preocupada com a visita de Noah?

Seus olhos se arregalaram — Ah, não, claro que não. Estou ansiosa para isso.

— Você não disse uma palavra sequer e está muito pálida. Está doente?

— Não, — disse — não no sentido literal.

— Vamos lá, Maggie — ele pediu — Fizemos uma promessa de que não haveria segredos entre nós — dentro dele, uma pequena semente de preocupação surgiu, perguntando-se se havia algo maior no horizonte deles, que ele precisava se preocupar. Talvez a diferença de idade deles finalmente a estivesse incomodando. Ela tinha apenas trinta e poucos anos e ele faria cinquenta no próximo aniversário.

— Estou grávida — ela deixou escapar, com os olhos molhados.

— Grávida? — ele repetiu, com a boca aberta.

— Não sei como isso aconteceu — disse, sem tirar os olhos do rosto dele.

Jake não pôde deixar de sorrir. Ele sabia muito bem como isso havia acontecido.

Maggie levantou-se da cadeira tão abruptamente, que quase caiu. Ela arrumou de volta no lugar. Tanto Daisy quanto Rufus levantaram a cabeça de seus lugares no chão. Maggie correu até Jake e sentou-se na cadeira ao lado dele. Enquanto isso, Jake tentava processar o que ela estava contando.

Ela virou a cadeira para encará-lo — Sei que só tocamos no assunto de filhos antes de nos casarmos. E que você não tinha certeza se queria mais, por causa da sua idade...

Jake se lembrava dessa discussão. Prestes a se casar, ele não achava que queria mais filhos. Seu único filho estava perto de terminar a faculdade e -ele fez algumas contas rápidas de cabeça - esse filho iria para a faculdade quando Jake tivesse quase setenta anos.

Ele olhou para sua esposa. Aquela linda cabeleira escura, aqueles olhos azuis, tão cheios de esperança e expectativa. Criar um filho com ela - como poderia não querer isso? Uma pequena faísca de excitação explodiu dentro dele. Maggie lhe dera muita felicidade, e esta criança era o resultado dessa alegria. Pegou suas mãos.

— Essa é a melhor notícia que ouvi em muito tempo — disse, com um sorriso.

Os ombros de Maggie relaxaram e ela exalou alto — Mesmo? Tem certeza?

Jake assentiu — Você vai ser uma ótima mãe!

Percebeu que estava animado. Esse bebê seria muito bem-vindo. Era como se estivesse vivendo um sonho.

— Hum, olá? — Maggie riu — Acho que perdi você por um momento.

— Espero que o bebê se pareça com você — disse ele.

Ela riu. Jake se inclinou para a frente na cadeira, cheio de alegria, e colocou as mãos em cada lado do rosto da esposa — Estou extasiado, Maggie. Se quisesse dez filhos, eu os daria a você.

Maggie ergueu uma sobrancelha e sorriu — Desafio aceito.



Maggie pegou a bolsa e os óculos escuros e os colocou sobre a mesa da cozinha. Estava esperando por Jake. Era hora de ir até Shannon buscar Noah, que vinha de um voo da Califórnia. Mal podia esperar para vê-lo. Mesmo sendo filho de uma mãe diferente, Maggie também o considerava seu filho. Perguntou-se como ele reagiria à notícia de um irmão ou irmã. Noah era um bom garoto. Sabia que ele aceitaria isso numa boa.

Olhou ao redor de sua casa, a casa de sua nova família, decorada com cores claras, para refletir toda a luz natural que entrava pelas amplas janelas com vista para o oceano. Na lareira, havia três fotos. Uma imagem de Jake e ela, no dia do casamento, estava ao lado de uma dos dois com Noah, na formatura do ensino médio, na Califórnia. A terceira foto era uma que tia Eileen encontrara em uma caixa de fotos e emoldurou para Maggie, uma foto dela e dos avós, tirada quando os três não estavam olhando. Vovô estava apoiado em um ancinho, os braços cruzados no topo do cabo, sorrindo de orelha a orelha. Maggie não devia ter mais de vinte anos, o cabelo desgrenhado e esvoaçando no rosto, e ela estava rindo, provavelmente de algo que seu avô havia dito. E Nana estava por perto, com suas galochas e seu vestido de ficar em casa, coberto com um grande avental. Mas era o rosto de Nana que comovia Maggie, toda vez que olhava para ela. Na foto, Nana olhava para Maggie com uma expressão de puro amor e admiração. Se ela olhasse por muito tempo, acabava sufocada de emoção.

Vestiu um suéter leve. Um vento forte soprava do Atlântico e dava uma leve refrescada no ar de junho. Olhando para baixo, esfregou a barriga, pensando no bebê que nasceria em janeiro. Nunca deveria ter duvidado de Jake. Sem dúvida, sabia que ele a amava. E eles eram felizes. Havia criado um lar amoroso, que em breve seria preenchido com a presença de uma criança - ou talvez, um dia, de crianças.

Jake apareceu do quarto, sorrindo. Passou um braço em volta dela e puxou-a para perto, abraçando-a. Afastando-se, ainda sorrindo, deu tapinhas na barriga dela e murmurou:

— Então, o que você acha? Um menino ou uma menina? Alguma ideia do que vai ser?

Maggie riu e encolheu os ombros, balançando a cabeça — Não faço ideia.

— Eu não me importo, desde que seja saudável — disse ele. A excitação em sua voz era contagiante. Ela estendeu a mão com ternura para tocar a lateral do rosto dele. Ele pegou a mão dela e beijou-lhe a palma.

— É melhor irmos — disse Jake.

Maggie assentiu e pegou suas coisas. Quando saíram de casa, juntos, ela olhou para trás, seu olhar pousando na aquarela emoldurada de um codornizão que estava pendurada na parede da chaminé, acima da lareira. Não pôde deixar de sorrir.

Agradecimentos

Muitos agradecimentos a várias pessoas que ajudaram com este livro.

Niall Hatch, da *Bird Watch Ireland*, que gentilmente me ajudou a encontrar o pássaro perfeito para esta história. Ele me forneceu três possíveis pássaros para colocar de fato uma pedra no sapato dos planos de desenvolvimento de Jake. Finalmente decidi pelo codornizão. Quaisquer erros em relação a este pássaro são exclusivamente meus e somente meus.

Ao Conselho do Condado, pela riqueza de informações que tão gentilmente forneceram, sobre a permissão de planejamento e ao Conselho de Planejamento, no que diz respeito à construção de qualquer coisa na Irlanda. O processo para obter autorização de planejamento na Irlanda é complexo. Novamente, quaisquer erros são meus.

Minhas fabulosas leitoras beta, Rachel e Danette, que têm olhos de águia e fazem sugestões excelentes.

Aos meus leitores ARC, à fantástica equipe que leu o livro antes da publicação. Obrigado por apontar erros de digitação, redundâncias e coisas que simplesmente não fazem sentido.

E, claro, a você, caro leitor, por me acompanhar nesta série.

Um Natal irlandês

Série Fuga para Irlanda Livro 6



— Oi, vovó — gritou Jo Mueller, trazendo duas sacolas de compras e colocando-as sobre a mesa da cozinha. Os sons da televisão chegavam da sala, enquanto ela descarregava tudo, guardava a comida, dobrava os sacos de lona e os guardava no armário de vassouras. Encheu a chaleira e colocou-a no fogão.

Atravessou a sala de jantar, até a sala da frente. Vovó estava em sua poltrona reclinável, com os pés para cima, uma manta de crochê no colo, os cabelos brancos formando um halo em volta da cabeça. Seu gato, Percy, estava sentado em um dos braços da cadeira e ela o acariciava distraidamente, com os olhos grudados na televisão.

Vovó estava assistindo *Depois do Vendaval*. De novo. Ela e Jo sabiam todas as falas. O filme ocupava um lugar especial no coração de Vovó, tendo sido um dos seus favoritos, antes mesmo dela emigrar da Irlanda para Nova York, aos dezoito anos. Isso a lembrava da vida na aldeia e de crescer na Irlanda rural.

— Oi, vovó, sou eu — disse Jo baixinho, sem querer assustá-la.

Vovó abriu um sorriso. Seus olhos azuis brilharam — Olá, Jo. Você está vindo do trabalho? — quando Jo assentiu, ela perguntou: — Como foi seu dia?

Jo encolheu os ombros — Ah, você sabe, o de sempre — Jo trabalhava no varejo, em uma loja de roupas no shopping. O trabalho em si não era ruim, mas sua gerente era outra história. Não havia como agradá-la.

Sua avó estreitou os olhos — Aquela sua chefe está lhe causando problemas?

Jo não queria preocupá-la, então manteve tudo vago — Só o mesmo de

sempre.

— Deveria largar esse emprego. Eles não te valorizam lá. Nunca deve ficar em um lugar onde não é apreciada.

Isso não era uma opção. Não quando sua colega de quarto havia se mudado, seis meses atrás, deixando Jo responsável por todas as contas.

Quando Jo não respondeu, vovó disse: — Você certamente pode encontrar outro emprego no shopping, especialmente com o Natal chegando. Tem experiência.

Isso era verdade. Trabalhava no shopping desde o ensino médio. Mas a ideia de começar uma nova procura de emprego era demais para pensar, depois de um longo dia de trabalho.

— Que tal um sanduíche? — Jo perguntou.

— Se tiver salame aqui, tudo bem. Se não, então o que quer que você for comer.

Jo assentiu e voltou para a cozinha. Preparou dois sanduíches de salame, um para a avó e outro para ela. As duas gostavam do mesmo jeito: com manteiga no pão e um pouco de mostarda. Abriu um pacote de éclairs e colocou um em um pequeno prato de sobremesa, sabendo que vovó sempre gostava de um doce em sua refeição. Assim que a chaleira ferveu, preparou o chá e, depois que levou tudo, sentou-se no sofá em frente à avó.

— Quais são as novidades? — disse a avó, tirando metade do sanduíche do prato.

Jo encolheu os ombros — Nada, na verdade — se a vida dela ficasse menos emocionante, provavelmente isso a mataria. Parecia que tudo o que fazia era trabalhar, ainda mais ultimamente, já que uma das meninas havia quebrado o pulso e estava incapacitada. Jo aceitava bem as horas extras, pois significavam um salário maior no final da semana.

— Como andam os esboços? — Vovó perguntou.

— Deixe-me lhe mostrar. — disse Jo, animando-se. Tirou o bloco de desenho da bolsa e folheou as páginas, até chegar ao último trabalho, o retrato de um dos aposentados que ia à praça de alimentação todos os dias e se sentava em um banco, perto do bebedouro. Entregou para sua avó.

Sua avó o estudou — Fez muita coisa, desde a última vez que me mostrou.

Jo assentiu.

— Isso é brilhante, Jo. Adoro os detalhes no rosto e nas mãos. E a maneira como você desenhou os ombros dele transmite seu cansaço — disse vovó, devolvendo o bloco de desenho para ela — A arte é a sua vocação. Deveria ir para a faculdade para fazer isso.

Jo colocou o bloco de volta na bolsa. A maioria de seus amigos já havia se formado na faculdade, alguns anos atrás. Mas a faculdade não estava em seu horizonte. Não poderia adicionar nenhuma despesa extra, agora. Talvez um dia.

— Está namorando alguém?

Jo riu. Vovó sempre fazia essa pergunta — Não. Jimmy, o segurança do

shopping, ainda está me enchendo o saco para sair com ele. Ele pensa que formaríamos um ótimo casal.

Sua avó revirou os olhos — Jimmy não deveria pensar tanto, pode acabar se machucando — disse, balançando a cabeça. Ela o conhecera, uma vez, quando Jo fez compras de Natal, no ano anterior. Vovó não havia ficado impressionada — Não estou muito convencida desse Jimmy — disse na época.

Jimmy não era tão ruim. Ele sempre parava na loja onde Jo trabalhava para “*paquerar com ela*”, como dizia vovó. Às vezes, podia ser estranho, especialmente quando a chefe de Jo estava sempre à espreita, pronta para atacar e dizer o que ela estava fazendo de errado.

— Gosta dele? — Vovó perguntou, mastigando, pensativamente.

— Gosto dele como amigo.

Vovó assentiu — Ah, ele foi relegado a zona da amizade. Não estou surpresa. Não consigo imaginar que haja muita paixão quando se trata de Jimmy.

— Vovó!

— A paixão é uma parte importante de um relacionamento — disse a avó, com conhecimento de causa.

— Ele é um cara legal — Jo rebateu.

— Eu não duvido disso. Mas é bom o suficiente para você?

Jo respondeu timidamente, como se estivesse pisando em gelo e se perguntando se ele suportaria seu peso ou quebraria embaixo dela, fazendo-a cair — Ele é legal...

Vovó balançou a cabeça — Isso diz tudo. Ele não é para você.

Jo começou a rir e a avó olhou para ela, com uma expressão pensativa — Jo, é uma garota adorável, com tanto a oferecer à pessoa certa.

— A senhora é minha avó, é obrigada a dizer isso!

Vovó acenou para ela — De qualquer forma, quando liguei para você, esta manhã, eu disse que queria conversar com você sobre uma coisa — disse — E o que eu quero falar com você é sobre a Irlanda.

— Tudo bem — falou Jo. Ela adorava ouvir as histórias da avó sobre como cresceu na Irlanda. Como tinha que ordenhar as vacas manualmente, antes de ir para a escola, ou como o pai da avó sempre bebia chá em um pires e não em uma xícara. Como a casa não tinha eletricidade, até 1948, e um banheiro só foi instalado lá dentro em 1955, ano em que a avó partiu para Nova York.

— Faz vinte anos que não volto para lá e gostaria de voltar mais, uma vez antes de morrer — anunciou vovó.

— Oh! — Jo disse, sem esperar nada disso. Não queria pensar na morte da avó. Jo não conseguia imaginar a vida sem ela.

— Eu gostaria de ficar lá por um mês e gostaria de ir em dezembro.

— Em dezembro? — Jo perguntou — Tipo, dezembro daqui a menos de dois meses?

— Sim, teria que ser. Tenho oitenta e quatro anos. E se eu for embora no

próximo ano? — Vovó perguntou, seriamente.

— Não diga isso — disse Jo, com um aperto no estômago.

Jo estava preocupada com a viagem da avó para a Irlanda. Não era ali, virando a esquina; era um longo voo, e um mês era muito tempo para ficar longe de casa.

— Com quem a senhora vai? — Jo perguntou, pensando que tia Marie seria a companheira de viagem perfeita.

— Com quem... com você, é claro! — Vovó riu.

— Eu? Por que eu? — Jo perguntou, incapaz de esconder sua surpresa.

— Por que não você? Eu adoraria mostrar onde cresci — disse vovó — Além disso, sempre conversamos sobre irmos juntas.

Elas conversavam sobre isso, desde que Jo tinha onze anos, e ela gostaria de ir. Gostaria de fazer muitas coisas: ir para a faculdade, encontrar o amor da sua vida, desenvolver sua arte. Mas tudo parecia um sonho distante e nebuloso, quando a realidade era que as contas precisavam ser pagas e ela precisava de seu trabalho horrível para pagá-las.

— Eu adoraria conhecer a Irlanda, mas duas coisas me vêm à mente — disse Jo, contorcendo-se na cadeira — Primeiro, eu não poderia pagar uma viagem como essa. E segundo, não posso tirar um mês de folga na loja. Principalmente no Natal.

Vovó zombou — É um presente. Eu pagarei por isso. E quanto ao seu trabalho, está salvando vidas ali?

Jo balançou a cabeça — Bem, não, claro que não, mas...

— Sua chefe não a merece. Seria bem-feito para ela. Deixe-a se virar durante as festas de fim de ano, tentando encontrar alguém para substituí-la.

Jo fez uma careta — Eu não poderia deixar a senhora pagar pela minha parte.

— Ah, poderia sim. Eu não posso ir sozinha. E, quando eu morrer, o pouco que tenho irá para o seu pai e Marie. Você deve ficar com todas as minhas joias, é claro, está em meu testamento, mas deixe-me fazer isso por você, agora — disse vovó — Além disso, não teríamos que pagar pela acomodação. Bridie não diz sempre que eu poderia ficar com ela, a qualquer hora? — Bridie Twomey tinha sido vizinha e melhor amiga de vovó enquanto crescia.

— Mas, no Natal? — Jo disse. O plano de vovó era como um barco com tantos buracos no casco, que afundaria rapidamente, até o fundo do oceano.

— Eu gostaria de ver minha casa, mais uma vez — disse vovó, melancolicamente — Na minha idade, tudo pode acontecer e não sei se terei capacidade suficiente para isso no próximo ano.

— Vovó, é a falta de dinheiro que me impede de pular de alegria com a perspectiva — confessou Jo.

— Deixe-me rezar a Santo Antônio e, enquanto isso, vou ligar para Bridie e ver se ela aceitaria algumas convidadas.



Jo não depositou muita fé no sonho da avó de ir para a Irlanda no Natal.

Havia tantos motivos pelos quais não daria certo, além da parte de não trabalhar. Ela certamente poderia entender o desejo de sua avó de voltar. Sempre falava sobre isso, com um olhar distante.

Quando Jo chegou na casa dos pais para jantar, na semana seguinte, seu pai a cumprimentou na porta.

Jo desenrolou o cachecol e limpou alguns flocos de neve. Não era incomum ver neve fraca em Nova York no início de novembro, mas não veriam nenhum acúmulo real durante algumas semanas - esperançosamente, a tempo para um Natal Branco.

— Oi, pai — Jo disse, enquanto pendurava o casaco no armário do corredor. Tirou o chapéu e o colocou na prateleira do armário. Seu cabelo parecia emaranhado na cabeça e suas bochechas estavam vermelhas de frio. Tirou um lenço do bolso e limpou o nariz.

— O que é isso sobre sua avó querer ir para a Irlanda no Natal? — perguntou o pai dela, com as mãos nos quadris.

— Ah, sim, ela mencionou isso para mim quando eu estive lá, na semana passada — disse Jo, passando pelo pai e indo para a cozinha, tomar uma xícara de chá. Esfregou as mãos e soprou nelas.

Ao entrar na cozinha, encontrou a mãe no fogão, mexendo uma panela. Jo se inclinou e espiou — Chili? É perfeito para este clima. Como está, mãe?

— Estou bem, mas seu pai está estressado por causa da sua avó.

Jo encolheu os ombros, tirando uma colher da gaveta. Pegou uma colher de chili da panela e soprou algumas vezes, antes de colocá-la na boca — Ai, está quente!

Voltando a declaração de sua mãe, Jo disse:

— Vovó deve estar com saudades de lá. Ela fica muito tempo presa em casa. Vou levá-la ao cinema e almoçar no fim de semana.

Seu pai estava na porta — Ela já ligou para Bridie. Segundo minha mãe, Bridie está muito feliz em ter vocês *duas* se hospedando lá.

— Ah, eu disse à vovó que não poderia ir — explicou Jo.

— Sua avó está em casa, agora, fazendo as malas — disse o pai, com o rosto vermelho.

Jo mordeu o lábio. Papai vinha tentando fazer com que vovó fosse morar com eles, nos últimos três anos. Ele se preocupava infinitamente com sua mãe.

Jo começou a arrumar a mesa. O chá poderia esperar até depois do jantar. Uma tigela de chili quente era a coisa certa. Enquanto o pai divagava nos bastidores sobre os planos de viagem da avó, a mãe distribuiu chili e não disse nada. Jo preparou um pedaço de pão crocante e a manteigueira, depois vasculhou uma gaveta, em busca de uma faca de pão.

Sua mãe terminou de encher cada tigela de chili com um bocado de creme de leite e um pouco de queijo cheddar ralado e levou as tigelas para a mesa. Acenou para Jo, indicando que ela deveria se sentar. O pai de Jo puxou a cadeira, raspando-a no linóleo, e sentou-se.

— Quando Marc estará em casa para o Natal? — Jo perguntou. O irmão dela estava na Filadélfia, no primeiro ano de residência. Ele era dois anos mais velho que Jo e, embora fossem tão opostos quanto o dia e a noite, se davam bem. Sempre se deram. Ele era ambicioso e empreendedor e sabia que queria ser médico, desde os quinze anos. Jo, por outro lado, temia que fosse ficar roubando as refeições dos pais pelo resto da vida.

— Ele estará em casa no dia 20 — respondeu a mãe.

— Acho que terei que ser o vilão e ir até lá, amanhã, e dizer à minha mãe que ela não pode fazer esta viagem — disse o pai de Jo.

Sua mãe suspirou e tanto Jo quanto seu pai olharam para ela.

— Você acha que estou errado, Barbara? — o pai de Jo perguntou, levantando a voz.

— Eu entendo suas preocupações, Bill — começou, Jo enfiou chilli na boca, sem tirar os olhos dos pais — Mas acho que deveria deixar sua mãe ir — pegou o prato de pão e entregou ao marido — Pão?

Isto é uma surpresa, pensou Jo.

Bill olhou para sua esposa com a boca aberta, como se ela tivesse acabado de revelar a coisa mais incrível sobre si mesma — E o fato de minha mãe ter oitenta e quatro anos e não ir à Irlanda há mais de duas décadas? Sem contar que é uma viagem de seis horas de avião — rebateu.

— Sua mãe sempre quis ir à Irlanda, uma última vez. E *porque* ela tem mais de oitenta anos, agora é a hora.

— Você sabia, — interveio Jo — de acordo com o último censo, 9,7% dos americanos se identificam como irlandeses. Isso é mais que o dobro de toda a população da Irlanda, que é pouco menos de cinco milhões de pessoas.

Seus pais olharam para ela e depois um para o outro.

— Que ideia brilhante, Barbara, vamos deixar minha mãe atravessar sozinha o Oceano Atlântico — disse Bill, balançando a mão no ar, seu rosto ficando mais vermelho.

Barbara fez uma careta — Claro que não. Não seja ridículo. Sua mãe é perfeitamente capaz de visitar Bridie sozinha, mas, obviamente, ela precisaria de alguém com ela, para o voo de ida e volta. Jo pode ir. Seria perfeito para as duas.

A colher de Jo parou no ar. Por que sua mãe achava que acompanhar a avó seria perfeito para ela? Do que ela estava falando?

— Hum, acho que não vou conseguir tirar uma folga do trabalho — disse Jo.

— Claro que pode — disse a mãe.

— Não é só isso — Jo persistiu, percebendo que seu pai estava quieto, tentando processar tudo isso — Eu realmente não poderia me dar ao luxo de tirar todo esse tempo de folga — do jeito que estava, ela geralmente recebia o pagamento que lhe era devido pelo tempo pessoal e trabalhava durante as férias.

— Daremos um jeito — disse a mãe.

— Parece que você já resolveu tudo — disse Bill à esposa.

Barbara sorriu docemente — Resolvi mesmo.

Jo se perguntou se sua mãe percebia como ela enfrentava dificuldades financeiras. Deve estar bebendo da mesma fonte de água que sua avó.

fuga para Irlanda

Livro 1



9786580754304

[Compre Aqui](#)

Você já quis apertar o botão de fuga em sua vida?

Ruth Davenport escreve sobre romance e felizes para sempre, mas não por experiência própria.

Depois de uma rejeição desoladora, ela decide que é necessária uma mudança de cenário. Por um capricho, considera que a Irlanda é o lugar certo para escrever seu próximo livro. Mas quando ela chega, tudo o que poderia dar errado, acontece. No meio da noite, ela aterrissa na porta de um pub irlandês no meio do nada, pertencente a um irlandês enigmático.

Sean Hughes precisa de uma mulher sob seu teto do mesmo modo que precisa de um buraco na cabeça. Sua política é de se manter afastado das mulheres em geral. Além disso, ele está muito ocupado dirigindo um pub e fazendo com que o negócio de seus sonhos decole. Não tem tempo para estar ajudando turistas bonitas. Mas tem necessidade de algum dinheiro rápido e ela precisa de acomodação.

Um acordo é feito entre ambos. À medida que passam mais tempo juntos, começam a ver um ao outro sob uma luz diferente. Será que poderão superar seus medos e arriscar a felicidade?

Livro 2



9786554440264

[Compre Aqui](#)

É um casamento de conveniência por três meses. Mas será que ele se transformará em algo mais?

Rachel Parker é uma solucionadora de problemas para a Bixby International. Não há problema que não consiga resolver, seja ele muito grande ou muito pequeno. Infelizmente, parece ser incapaz de lidar com eles em sua própria vida pessoal. Ou com a falta de um. Mas quando um problema único cai sobre sua mesa, ela rapidamente encontra uma solução que fará todos felizes. Ou assim pensa.

Thomas Yates, o 12º Conde de Glenbourne, precisa de uma esposa em menos de uma semana. Se não se casar até seu próximo aniversário, perderá o fundo fiduciário que administra seu imenso patrimônio na Irlanda. Como último recurso, contrata um solucionador de problemas internacionais. Mas, quando Rachel apresenta seu próprio nome, ele não pode deixar de se perguntar qual é a sua intenção. Mas são as condições dela que fazem com que revire seus olhos.

Mas só quando chega à Irlanda é que Rachel vira a vida do conde de cabeça para baixo. Começa a resolver problemas que ele nem sabia que tinha. O maior problema é que estão começando a sucumbir um ao outro. Mas é um arranjo comercial e ela voltará para casa em três meses.

Experiências diferentes. Personalidades diferentes. Ideias diferentes sobre como as coisas devem ser feitas. Os opostos se atraem, mas será que encontrarão um terreno comum?

Livro 3



9786554441124

[Compre Aqui](#)

Uma propriedade dilapidada poderia unir dois corações partidos?

Nada está indo bem para Caroline Egan. Seu parceiro a deixou e ela perdeu seu emprego. A única coisa que resta é um pedaço de propriedade a três mil milhas de distância. Seu plano é vender o lugar e usar o dinheiro para seguir em frente com sua vida. Mas a casa precisa de algum trabalho e ela acaba permanecendo na Irlanda por muito mais tempo do que esperava. Logo, fica dividida entre os planos que tem para sua vida e sua crescente atração tanto pela propriedade quanto pelo carpinteiro que a conserta.

Patrick Kelly está muito familiarizado com a perda. Um pai viúvo, ele está tentando criar suas filhas jovens o melhor que pode. Quando consegue trabalho em uma casa de campo próxima, fica grato até descobrir quem é a nova proprietária. Com o passar do tempo, Patrick começa a se perguntar se Caroline tem a chave para que ele siga em frente com sua vida.

Ambos não podem negar sua atração um pelo outro. Ambos são cautelosos. Há um oceano entre eles, assim como corações que foram partidos no passado. Será que eles podem superar as chances intransponíveis de uma chance de felicidade?

Livro 4



Uma propriedade dilapidada poderia unir dois corações partidos?

Nada está indo bem para Caroline Egan. Seu parceiro a deixou e ela perdeu seu emprego. A única coisa que resta é um pedaço de propriedade a três mil milhas de distância. Seu plano é vender o lugar e usar o dinheiro para seguir em frente com sua vida. Mas a casa precisa de algum trabalho e ela acaba permanecendo na Irlanda por muito mais tempo do que esperava. Logo, fica dividida entre os planos que tem para sua vida e sua crescente atração tanto pela propriedade quanto pelo carpinteiro que a conserta.

Patrick Kelly está muito familiarizado com a perda. Um pai viúvo, ele está tentando criar suas filhas jovens o melhor que pode. Quando consegue trabalho em uma casa de campo próxima, fica grato até descobrir quem é a nova proprietária. Com o passar do tempo, Patrick começa a se perguntar se Caroline tem a chave para que ele siga em frente com sua vida.

Ambos não podem negar sua atração um pelo outro. Ambos são cautelosos. Há um oceano entre eles, assim como corações que foram partidos no passado. Será que eles podem superar as chances intransponíveis de uma chance de felicidade?

Sobre a autora



Michele Brouder desde os nove anos queria ser escritora. Durante o ensino médio, encheu o armário com cadernos cheios de histórias, romances em sua maioria. Seu primeiro livro não foi publicado até 2015. Escreve doces romances contemporâneos, combinando seu amor por romance, pelo Natal e pela Irlanda.

Estadunidense, vive no sudoeste da Irlanda desde 2006 com o marido, os dois filhos e um cão chamado Rover. Quando não está escrevendo, está sonhando em ir à praia. Teve a sorte de morar perto da praia a vida toda, das margens do Lago Erie, à costa do Atlântico na Flórida e agora das belas praias da Irlanda.

Informações Leabhar

Nos acompanhe e fique por dentro das Novidades



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o E-mail [Leabhar Books®](mailto:LeabharBooks@gmail.com)